

FACULDADE DE ARQUITECTURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# UM ROTEIRO PARA A SERRA BEIRÃ

NOVOS TRAÇADOS E REABILITAÇÃO DINAMIZADORES DE UMA REGIÃO

MARIANA BRÁS DA COSTA E SILVA

Dissertação e Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

**ORIENTADOR:** Professor Doutor José Jacob Cabido

**CO-ORIENTADOR:** Professor Doutor Paulo Pereira

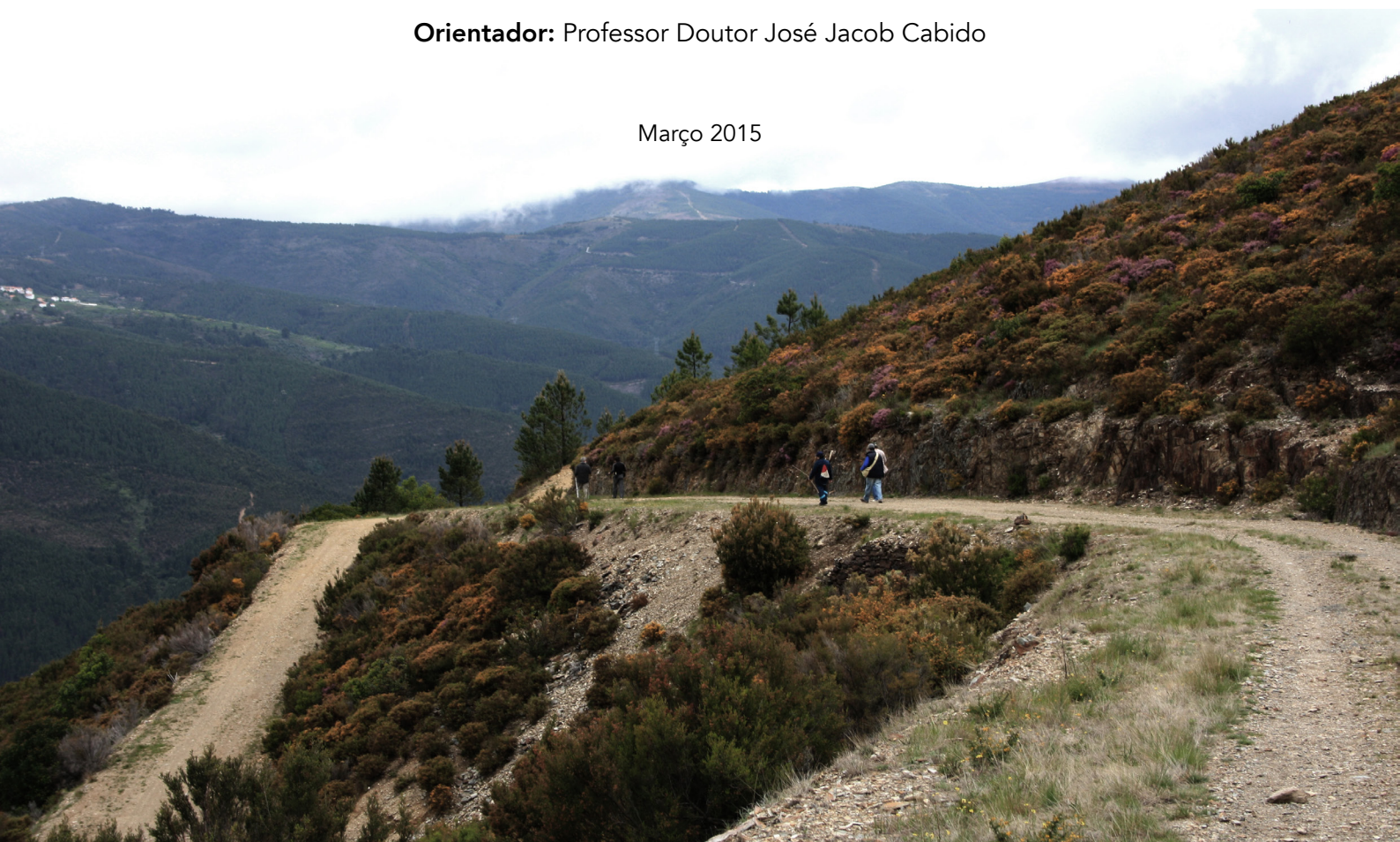
**JÚRI:**

**Presidente:** Professor Doutor João Cabral

**Vogal:** Professor Doutor José Aguiar

**Orientador:** Professor Doutor José Jacob Cabido

Março 2015







Este documento foi elaborado, respeitando o antigo acordo  
ortográfico de língua portuguesa.



## ***AOS MEUS AVÓS***

Este trabalho é inteiramente dedicado aos meus  
verdadeiros *mestres* de vida,  
Manuel, Eugénia, Albano e Isaura.

Porque há ensinamentos e lições que não se  
aprendem na escola.





## AGRADECIMENTOS

No encerrar do percurso académico, importa referir e agradecer a todos aqueles que fizeram parte desta jornada. Sem eles, não teriam existido tantas histórias para contar, tantos momentos para relembrar, e tantas aprendizagens a reter na bagagem da longa e fascinante viagem da vida.

Em primeiro lugar, aos meus professores. Ao professor José Cabido, pela constante disponibilidade, dedicação e acompanhamento do trabalho. Mais do que apoiar um novo exercício académico, ajudou-me a delinear um olhar objectivo sobre temas que sempre ecoaram de modo mais emotivo. Ao professor Paulo Pereira, pelo entusiasmo, pelos divertidos apoios, partilha de histórias e conhecimentos que sempre aumentaram a curiosidade e a motivação para o trabalho. Agradeço a ambos por terem acreditado e apoiado o tema, desde o início.

Aos meus pais, pela educação e valores morais que me transmitiram, e por me terem dado sempre a oportunidade de traçar o meu caminho pessoal e profissional, de acordo com as minhas ambições. Sem eles e sem o seu esforço, chegar aqui não seria possível. Um particular obrigada à minha mãe, pelo apoio incondicional, pelo respeito e admiração para com o meu percurso, e pela paciência e compreensão perante o tempo que a Arquitectura sempre me exigiu.

Aos meus avós, principais embaixadores deste trabalho, sem os quais não estaria completo. Obrigada pelo apoio incondicional, pelos valores transmitidos, e sobretudo por me terem ensinado que o melhor da vida está na simplicidade das coisas e das pessoas. À minha restante família, que acredita em mim todos os dias e me impulsiona sempre para novas aventuras.

A todos os meus colegas e amigos, pelos divertidos momentos de trabalho, partilha e entreajuda no duro mundo da Arquitectura, que tornaram estes anos inesquecíveis. Em especial à Gena, à Adriana e ao Mário, pela companhia e constante amizade, e por terem sempre representado um porto de abrigo, em todos os momentos, de perto ou de longe. Obrigada por sonharem alto comigo, na forte esperança de um futuro cheio de sucessos. Este foi um objectivo cumprido. Que venham mais!

Não menos importantes, agradeço a todos os meus amigos além-fronteiras, por me fazerem acreditar que a grandeza do ser humano está na sua capacidade de sonhar e lutar pelos seus valores e convicções. Obrigada por serem a minha família, fora de casa.

À *ArquitectTuna*, por ter dado uma incrível banda sonora à minha vida. Obrigada pelo espírito de camaradagem, pela música, e pelo crescimento pessoal adquirido, durante estes anos, e cantar e a encantar.

À *FA-International*, e a todos os seus membros, pela missão, pelos espírito de equipa, pela ambição de querermos ser mais e melhores, por nós, e pelos outros. Aos membros fundadores, obrigada pelo magnífico projecto que erguemos, do qual me orgulho muito.

Por fim, a todos os outros que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para mais um capítulo do meu percurso, o meu mais sincero obrigada.





**TÍTULO** | UM ROTEIRO PELA SERRA BEIRÃ

**SUB-TÍTULO** | Novos traçados e reabilitação dinamizadores de uma região

**ALUNA** | Mariana Brás da Costa e Silva

**ORIENTADOR** | Prof. Doutor José Cabido

**CO-ORIENTADOR** | Prof. Doutor Paulo Pereira

Mestrado Integrado em Arquitectura

Faculdade de Arquitectura | Universidade de Lisboa

Março 2015

## RESUMO

Perante o cenário de desvalorização das áreas rurais em Portugal, bem como a visível degradação de muito do património edificado disperso, este trabalho procurou encontrar novas estratégias para a descoberta do território, aliado à sua paisagem humanizada e à cultura das populações locais, evidenciando a *viagem* e o *percurso* demorado como verdadeiras formas de apreensão das suas dimensões sociais e culturais.

Neste sentido, ao invés de se incentivar a visita e exploração do que é *popularmente típico*, que muitos programas turísticos dão a conhecer, pretende-se promover um novo olhar sobre os lugares, aproximando os visitantes da verdadeira realidade do contexto rural, ao mesmo tempo que se criam estratégias de desenvolvimento económico em benefício dos habitantes locais.

No *Roteiro do Ceira*, ilustram-se os princípios de um percurso cultural que dá a conhecer os lugares, nas suas diversas vertentes, e nas intervenções propostas são materializadas as intenções do desenho arquitectónico, aliado à recuperação de estruturas antigas, para um novo uso, onde o traço contemporânea surge como agente de promoção e valorização dos lugares e da sua memória.

## PALAVRAS-CHAVE

Rural | Paisagem | Património | Roteiro | Reabilitação



**TITLE** | AN ITINERARY THROUGH PORTUGUESE MOUNTAINS

**SUB-TITLE** | New design and rehabilitation as promoters of a region

**STUDENT** | Mariana Brás da Costa e Silva

**MAIN ADVISOR** | Prof. Doutor José Cabido

**CO-ADVISOR** | Prof. Doutor Paulo Pereira

Master in Architecture

Faculdade de Arquitectura | Universidade de Lisboa

March 2015

## ABSTRACT

Given the increasing devaluation of rural areas in Portugal, as well as the visible degradation of most of the scattered built heritage, this study seeks to find new strategies for the discovery of the territory, together with its humanized landscape and popular culture of local people, stating that the *journey* and the *slow travel* are the true ways of understanding its social and cultural dimensions.

Therefore, instead of encouraging the visit and exploration of the *typical* places, as many tourist programs tend to offer, it is intended to promote a new way of experience those places, bringing visitors closer to the true reality of rural life, while creating economic development strategies for the benefit of the local people.

In *Roteiro do Ceira*, the principles of a culture route are illustrated, revealing interesting places, in its various forms. In the proposed interventions, the intentions of architectural design are materialized, and the main goal is to recover ancient buildings and structures for a new function, while the contemporary trait works as the main promoter of the places, as well as its history and memory.

## KEY-WORDS

Rural | Landscape | Heritage | Route | Rehabilitation

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA	V
AGRADECIMENTOS	VII
RESUMO	XI
ABSTRACT	XIII
ÍNDICE GERAL	XVI
ÍNDICE DE IMAGENS	XVIII

INTRODUÇÃO	1
------------	---

## **CAPÍTULO I | OS TEMAS E AS INQUIETAÇÕES** **5**

<b>1   PORTUGAL RURAL – RECONHECIMENTO E (RE)DESCOBERTA</b>	<b>5</b>
---	----------

<b>2   PATRIMÓNIO PAISAGÍSTICO</b>	<b>13</b>
------------------------------------	-----------

2.1   O VALOR DA PAISAGEM RURAL	14
---------------------------------	----

2.2   LIGAÇÕES (META)FÍSICAS	15
------------------------------	----

2.2.1   RELAÇÃO HUMANA COM A PAISAGEM	17
---------------------------------------	----

2.3   DESCOBRIR E HABITAR A PAISAGEM	18
--------------------------------------	----

2.4   CAMINHOS E ROTEIROS	21
---------------------------	----

<b>3   O RURAL COMO CENÁRIO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>25</b>
--	-----------

3.1   TURISMO EM ÁREAS RURAIS	25
-------------------------------	----

3.1.1   ISTO É PARA INGLÊS VER	27
--------------------------------	----

3.2   A ARQUITECTURA E O DESENHO	29
----------------------------------	----

3.2.1   A PEGADA DO ARQUITECTO	29
--------------------------------	----

3.3   OPERAR NO RURAL	31
-----------------------	----

3.3.1   REABILITAÇÃO VS NOVA CONSTRUÇÃO	33
---	----



<b>CAPÍTULO II   A PROPOSTA</b>	<b>37</b>
<b>4   OS CASOS DE ESTUDO - ANÁLISE CRÍTICA</b>	<b>37</b>
4.1   NASJONALE TURISTVEGER	37
4.2   ALDEIAS HISTÓRICAS DE PORTUGAL   ALDEIAS DE XISTO	43
4.3   LOURAL VILLAGE	49
4.4   PROJECTOS ISOLADOS	53
<b>5   O ROTEIRO</b>	<b>55</b>
5.1   (RE)DESCOBERTA DO TERRITÓRIO	55
5.2   OBJECTIVOS	57
5.3   PROCESSO E METODOLOGIA	63
5.3.1   FORO ACADÉMICO	63
5.3.2   AMBIÇÕES	67

<b>CAPÍTULO III   O PROJECTO</b>	<b>67</b>
<b>6   O TERRITÓRIO - A SERRA</b>	<b>67</b>
6.1   SINGULARIDADES	69
6.2   SÍMBOLOS	71
6.3   PAISAGEM CULTURAL	73
<b>7   ROTEIRO DO CEIRA</b>	<b>75</b>
7.1   RIO CEIRA: O CORAÇÃO DA SERRA	77
7.2   ESTRATÉGIA E DESENHO	79
<b>8   A (RE)DESCOBERTA</b>	<b>79</b>
8.1   OS LUGARES	81
<b>9   DO MIRADOURO AO CERRO</b>	<b>87</b>
9.1   PONTO POR PONTO	89
9.1.1   CEPOS - ALDEIA MIRADOURO	91
9.1.2   SOITO - UMA COMUNIDADE RENOVADA	93
9.1.3   COLMEAL - ANFITRIÃ DO CEIRA	93
9.1.4   CANDOSA E SANDINHA - RECANTOS ESCONDIDOS	99
9.1.5   CABREIRA - ALDEIA VIVA	101
9.1.6   CORTECEGA - OS OLHOS PARA A PAISAGEM	105
9.1.7   GÓIS - A VILA AFAMADA	105
9.1.8   VILA NOVA DO CEIRA - ALDEIA HOMÓNIMA	107
9.2   PELOS TRILHOS DO CEIRA	111
9.3   PASSAGEM E PERMANÊNCIA	115
9.3.1   CABREIRA	117
9.3.2   MARIA MENDES	123
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>133</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>137</b>

## **ANEXOS**

ANEXO I | ROTEIRO DO CEIRA

ANEXO II | DO MIRADOURO AO CERRO

ANEXO III | CAMINHOS DE SANTIAGO

ANEXO IV | PROCESSO DE TRABALHO

## ÍNDICE DE IMAGENS

### 1 | PORTUGAL RURAL – RECONHECIMENTO E (RE)DESCOBERTA

FIGURA 1 | ENTENDER O RURAL - Extraído de DOMINGUES, Álvaro - *A Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. 2011, p.58-59

FIGURA 2 | PARAGEM DA CARREIRA - Rolão (Góis) - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 3 | INQUÉTIRO À ARQUITECTURA POPULAR - Extraído de AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. 1988, p.254

FIGURA 4 | IMPONÊNCIA - Gondufo visto de S. Pedro do Açor - Fotografia de Mariana Brás

### 2 | PATRIMÓNIO PAISAGÍSTICO

FIGURA 5 | ENCOSTA - Piódão e São Pedro do Açor - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 6 | CAMINHOS DE SANTIAGO - Disponível em: <https://acaminhodesantiago.wordpress.com/o-caminho/>

### 3 | O RURAL COMO CENÁRIO DE INTERVENÇÃO

FIGURA 7 | O RURAL COMO CENÁRIO DE INTERVENÇÃO - Aldeia de Sandinha - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 8 | O DESENHO - Álvaro Siza - Disponível em: <http://www.pinterest.com/pin/365143482258553268/>

FIGURA 9 | PEDRA CAIADA - Aldeia de Benfeita - Fotografia de Mariana Brás

### 4 | OS CASOS DE ESTUDO - ANÁLISE CRÍTICA

FIGURA 10 | NASJONALE TURISTVEGER - Disponível em: <http://foto.turistveg.no/turistveg/start/index>

FIGURA 11 | NASJONALE TURISTVEGER - Disponível em: <http://foto.turistveg.no/turistveg/start/index>

FIGURA 12 | TROLLSTIGEN - Nasjonale Turistveger - Disponível em: <http://foto.turistveg.no/turistveg/start/index>

FIGURA 13 | EGGUM - Nasjonale Turistveger - Disponível em: <http://foto.turistveg.no/turistveg/start/index>

FIGURA 14 | MONSANTO, CASTELO BRANCO - Extraída de LANGÉ, Santiago - *L'Heritage Roman, La maison em Pierre d'Europe Occidentale*. Liège: Pierre Margada. 1992, p.82-83

FIGURA 15 | ALDEIA PRESÉPIO - Piódão - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 16 | PIÓDÃO - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 17 | AZUL DO CÉU - Piódão - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 18 | SOLIDÃO - Aigra Velha - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 19 | PENA - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 20 | PENEDOS - Aldeia da Pena - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 21 | LOURAL VILLAGE - Disponível em: <http://balanzs.nl/retreats-portugal/>

FIGURA 22 | CASA COMUM - Lournal Village - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 23 | VIZINHOS - Lournal Village - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 24 | INTERIOR - Lournal Village - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 25 | EXTERIOR - Lournal Village - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 26 | CASA MIGNON - Lournal Village - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 27 | MUSEU DO CÔA - Disponível em: <http://fozcoafriends.blogspot.pt/2014/05/museu-do-coa-ganha-premio-de.html>

FIGURA 28 | MUSEU DA LUZ - Disponível em: <http://www.museudaluz.org.pt/0/1/index.htm>

## 5 | O ROTEIRO

FIGURA 29 | SEGUIR OS TRILHOS - Serra do Açor - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 30 | CAMINHADA - Serra do Açor - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 31 | CURVA E CONTRA CURVA - Cortecega - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 32 | VER ALÉM DO IMEDIATO - Cabreira - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 33 | DEMORAR-SE - Sandinha - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 34 | PARTICIPAÇÃO DOS HABITANTES - Candosa - Fotografia de Mariana Brás

## 6 | O TERRITÓRIO - A SERRA

FIGURA 35 | UMA MANHÃ SOLARENGA - Serra do Açor - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 36 | ESCALA REGIONAL - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 37 | VALE DO CEIRA - Prio Mendes (Colmeal) - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 38 | POR ENTRE A MATA - Mata da Margaraça - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 39 | NATUREZA PITURESCA - Fraga da Pena - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 40 | GEOGLIFO DA ESPADA - Vila de Góis - Fotografia de Francisco Mendes

FIGURA 41 | GEOGLIFO DA CONCHA - Fajão - Fotografia de Francisco Mendes

FIGURA 42 | PAISAGEM HUMANIZADA - Malhada (Colmeal) - Fotografia de Mariana Brás

## 7 | ROTEIRO DO CEIRA

FIGURA 43 | O RIO DA MINHA ALDEIA - Carcavelos - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 44 | ARQUITECTURA VERNACULAR - Extraído de AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. 1988, p.245/250/252/315

FIGURA 45 | ROTEIRO DO CEIRA - Elaborado por Mariana Brás

## 8 | A (RE)DESCOBERTA

FIGURA 46 | ALTOS LUGARES - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 47 | ALTOS LUGARES - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 48 | BAIXOS LUGARES - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 49 | BAIXOS LUGARES - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 50 | ALTOS LUGARES - São Pedro do Açor - Fotografia de Mariana Brás

## 9 | DO MIRADOURO AO CERRO

FIGURA 51 | DO MIRADOURO AO CERRO - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 52 | PERCURSO - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 53 | PAISAGEM SEM LIMITES - Serra do Açor - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 54 | ALDEIA MIRADOURO - Cepos - Disponível em: <http://rouxinoldepomares.blogs.sapo.pt/383459.html>

FIGURA 55 | ALDEIA MIRADOURO - Cepos - Elaborado a partir do Google Maps

FIGURA 56 | UMA COMUNIDADE RENOVADA - Soito - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 57 | O XISTO - Soito - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 58 | DECLIVE - Soito - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 59 | O AÇUDE - Praia Fluvial da Ponte (Colmeal) - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 60 | O OUTRO LADO - Praia Fluvial da Ponte (Colmeal) - Fotografia de Sofia Ramos

FIGURA 61 | A NOVA PONTE VELHA - Praia Fluvial da Ponte (Colmeal) - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 62 | A FORÇA DAS ÁGUAS - Quinta (Colmeal) - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 63 | A QUINTA - Colmeal - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 64 | O CORTE - Cortada (Colmeal) - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 65 | A DESCIDA - Cortada (Colmeal) - Fotografia de Francisco Silva, disponível em: <http://upfc-colmeal-fotos-vistas.blogspot.pt>

FIGURA 66 | SENHOR DA AMARGURA - Colmeal - Fotografia de Francisco Silva, disponível em: <http://upfc-colmeal-fotos-vistas.blogspot.pt>

FIGURA 67 | PONTE VELHA - Candosa - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 68 | FOZ DA FONTE - Sandinha - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 69 | EDIFICADO INTOCÁVEL - Foz da Fonte - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 70 | MARCAS DE GENTE - Foz da Fonte - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 71 | LAGAR ROMANO - Cabreira - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 72 | PONTE DO LAGAR - Cabreira - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 73 | CASTELEJO - Cabreira - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 74 | ELEGÂNCIA - Castelejo (Cabreira) - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 75 | RUÍNAS - Cabreira - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 76 | OS OLHOS PARA A PAISAGEM - Cortecega - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 77 | SIGNOS DA VILA - Góis - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 78 | MIRADOURO - Nossa Senhora da Candosa - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 79 | ENCAIXE NA PAISAGEM - Cerro visto de Cabril - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 80 | FISSURA - Cerro da Nossa Senhora da Candosa - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 81 | RECEPÇÃO SILENCIOSA - Quinta Maria Mendes - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 82 | INVULGAR - Quinta Maria Mendes - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 83 | PELOS TRILHOS DO CEIRA - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 84 | PELOS TRILHOS DO CEIRA - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 85 | NÚCLEO INTERVENÇÃO: CABREIRA - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 86 | NÚCLEO INTERVENÇÃO: MARIA MENDES - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 87 | NÚCLEO INTERVENÇÃO: CABREIRA - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 88 | LAGAR ROMANO - Cabreira - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 89 | PRAIA FLUVIAL DO LAGAR - Cabreira - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 90 | CASTELEJO: CONVÍVIO E PARTILHA DE ESTÓRIAS - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 91 | CASTELEJO: PERNOITA - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 92 | NÚCLEO INTERVENÇÃO: MARIA MENDES - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 93 | ÁGUAS LÍMPIDAS - Cerro da Nossa Senhora da Candosa - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 94 | DESCIDA - Santuário Nossa Senhora da Candosa - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 95 | SANTUÁRIO E CERRO - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 96 | LAYERS - Quinta Maria Mendes - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 97 | ESCALAS - Quinta Maria Mendes - Fotografia de Mariana Brás

FIGURA 98 | QUINTA MARIA MENDES - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 99 | QUINTA MARIA MENDES - Elaborado por Mariana Brás

FIGURA 100 | QUINTA MARIA MENDES - Elaborado por Mariana Brás





## INTRODUÇÃO

O tema para este trabalho final de Mestrado assenta na vontade de explorar e reconhecer o território rural em Portugal e entendê-lo como matéria de investigação e intervenção, no desenvolvimento de relações entre a paisagem que o compõe, o património edificado que o pontua e as pessoas que nele habitam.

À luz da crescente degradação do património construído, da desvalorização das actividades agrícolas e tradicionais, enquanto principal economia das povoações, pretende-se apontar para estratégias de promoção do território rural, tanto em benefício dos visitantes, como – e principalmente – dos habitantes locais.

Na verdade, este tema surgiu na familiaridade para com alguns dos contextos rurais em Portugal – em particular na região beirã – e do testemunho da sua desvalorização e degradação. As preocupações inerentes aos habitantes e às suas vivências tornaram-se também pessoais, e nelas foram encontrados os pontos de partida para o desenvolvimento deste trabalho.

Muitas das zonas rurais são desconhecidas e/ou muito desvalorizadas, por isso, pretende-se encontrar estratégias de reconhecimento, repensando as ligações entre os lugares e o património edificado, que se encontram dispersos no território. Assim, estas ligações, mais do que simples estradas funcionais, pretendem-se ligações culturais, percursos que, por um lado, estimulem a descoberta da paisagem e do património, e por outro, promovam a aproximação com as populações locais, abrindo espaço à partilha de saberes,

testemunhos e à própria história, que constituem a memória dos lugares. Não é objectivo deste trabalho incentivar a concepção de grandes estruturas ou equipamentos, mas antes pontuar o território com pequenas intervenções que, ao mesmo tempo que activam as ligações pretendidas, criam condições a novas formas de viver estes lugares, à luz da reutilização de estruturas antigas, num olhar contemporâneo.

Neste sentido, este trabalho desenvolve-se em diversas escalas, desde o território ao detalhe, mas confere ao processo projectual uma dimensão polivalente, no sentido em que se tem como princípio que o arquitecto deve ser autor de uma intervenção informada, nas mais diversas dimensões do trabalho, e consciente na relação e no impacto para com o contexto. Assim, com as inquietações sobre a mesa de trabalho, e através das diversas viagens de reconhecimento dos diversos lugares, é traçado o Roteiro do Ceira que assimila, mais do que todo o povoado ou património, os lugares de interesse à apreensão do território em questão – a serra beirã. O roteiro é então composto por três etapas, aliadas à facilidade de percurso: altos lugares, médios lugares, e baixos lugares.

Por motivos de ordem académica, o balizamento do trabalho traduz-se no desenvolvimento da etapa dos médios lugares, destacando-se dois núcleos de intervenção que, por um lado, apresentam-se numa estreita relação com a paisagem, e por outro, constituem um maior potencial de activação do percurso e aproximação dos significados dos lugares.

Para efeitos de compreensão do texto que se segue, o trabalho é composto por três capítulos: o **CAPÍTULO I | OS TEMAS E AS INQUIETAÇÕES**, onde são apresentadas as motivações e preocupações inerentes ao desenvolvimento do trabalho, aliadas ao cenário actual em Portugal, formalizando as principais questões de trabalho; o **CAPÍTULO II | A PROPOSTA**, no qual são enunciados os principais casos de estudo que abrem o diálogo a esta temática, bem

como os objectivos que estão na base da delineação deste tipo de percursos culturais; e o *CAPÍTULO III / O PROJECTO*, onde se evidenciam as zonas de intervenção, às várias escalas de trabalho – desde o território ao edifício específico - , ao mesmo tempo que se definem as opções de desenho e de programa.

Para complementar o trabalho, foram incluídas, em anexo, peças escritas e gráficas que auxiliam a compreensão da escala das intervenções e de todo o processo inerente às mesmas.



## CAPÍTULO I | OS TEMAS E AS INQUIETAÇÕES

Importa, em primeiro lugar, apresentar e compreender as temáticas que motivaram este trabalho, bem como explorar as questões que surgiram no desenrolar das intervenções arquitectónicas, que procuraram essencialmente a relação entre a paisagem, o património edificado e as gentes dos diversos lugares.

### 1 | PORTUGAL RURAL - RECONHECIMENTO E (RE)DESCOBERTA

O tema surge do interesse na exploração e promoção de algum do território português ainda pouco valorizado como entidade nacional, grande parte de contexto rural. Estes lugares representam valiosas imagens daquela que se pode considerar a cultura portuguesa, composta pelos elementos naturais e humanos que nela coexistem.

*As marcas e as memórias do Portugal profundo vão-se decompondo com a desruralização e o seu rasto efeitos colaterais: o despovoamento, o envelhecimento, o abandono da produção agrícola e dos campos, o desaparecimento de certos estilos de vida, saberes e práticas culturais – o interior, no dizer mais frequente sobre estas coisas. (...) A miragem do bucolismo e dos paraísos perdidos é mais de quem está no exterior (do tal interior) e pensa que o rural e Natureza são lugares para passar férias.*

Álvaro Domingues<sup>1</sup>

---

1. DOMINGUES, Álvaro - *Vida no Campo, Equações de Arquitectura*. Porto: Dafne Editora. 2001. p.23



FIGURA 1 | ENTENDER O RURAL

*A leitura do rural redistribui-se e dissipa-se em múltiplas esferas, ou então é condensada e fantasiada numa só. É impossível manter todas as janelas abertas e daí nasce uma crise de sentido.*

*É difícil reaprender o rural e sobre ele construir novas identidades. É difícil encontrar continuidades entre as memórias mais ou menos ficcionadas do passado e o que lhes está a acontecer. É difícil sobretudo, controlar as emoções acerca do que acontece. Estamos a um passo de uma crise total de sentido. Esta conjuntura produz-se numa hiper-abundância de imagens e elas organizam-se em múltiplas narrativas. Serão listas infinitas de imagens, sensações e emoções, uma Vida de Campo et cetera, isto é, uma vida que tende a conter uma infinidade de coisas e relações entre coisas.*

IMAGEM e TEXTO: Álvaro Domingues - *A Vida no Campo*

Aos olhos dos dias de hoje, é notória a crescente degradação que se tem registado no território rural português, resultante da desvalorização e abandono dos mesmos, por parte da população e agentes administrativos. As principais causas deste fenómeno – a desruralização – prendem-se com *a permanente mutação sócio económica e territorial, consequente da perda da importância da actividade agrícola e das culturas e modos de vida rurais tradicionais das sociedades camponesas*<sup>2</sup>. As políticas de desenvolvimento das áreas rurais não obtiveram resultados significativos, o que, acrescentado à falta de infraestruturas e serviços, obrigou as populações a procurar uma melhor qualidade de vida que não encontraram nas suas terras. De facto, segundo Álvaro Domingues, o desaparecimento da agricultura, enquanto principal actividade económica, resultou numa enorme mudança no modo de vida rural, divergindo ainda mais as realidades que já por si são opostas: urbano/rural ou cidade/campo.

*Os significados e as hierarquias são semelhantes: cidade é o centro, o poder; campo é a vastidão dos territórios onde habitam os súbitos, o vulgo, a plebe, os rústicos..., ou os idiotas, e se produzem alimentos, lenha, carvão ou outra coisa qualquer, coisas mais próximas das necessidades do corpo do que do espírito.*

Álvaro Domingues<sup>3</sup>

São cada vez mais críticos os cenários de degradação no território rural em Portugal. Do despovoamento das várias localidades, resulta, por um lado, um abandono significativo de casas e campos que agora são camuflados pelo mato e florestas, e por outro, um aumento de incêndios que, sem piedade, provocam a destruição a longo prazo do território rural português.

No entanto, se estes fenómenos de degradação se intensificaram, também é verdade que abriram portas ao diálogo para a delineação de estratégias de valorização, desenvolvimento e promoção das áreas rurais, o que permitiu

---

2. Idem p.69

3. Idem p.71



FIGURA 2 | PARAGEM DA CARREIRA

Infraestruturas deixadas ao abandono, que outrora foram palco de vivências quotidianas dos habitantes dos contextos rurais.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



um maior reconhecimento destes territórios. Este reconhecimento tem vindo a tornar-se mais claro e verifica-se até uma maior preocupação por parte dos meios institucionais e administrativos. Em 1988, a Comissão das Comunidades Europeias reconhece que *as áreas rurais não são apenas lugares onde as pessoas vivem e trabalham, mas desempenham ao mesmo tempo funções vitais para a sociedade como um todo*<sup>4</sup>, suscitando assim uma maior atenção pela preservação e valorização destes lugares. Na década de 90 surgem também os conhecidos programas de promoção e desenvolvimento regional – *Aldeias Históricas de Portugal*, *Aldeias Vinhateiras* e *Aldeias de Xisto* – com o objectivo de atenuar a degradação do contexto rural.

No entanto, apesar destas iniciativas terem surgido no combate à desertificação, envelhecimento da população e à falta de infraestruturas e serviços, ainda carecem de soluções que promovam o território rural, enquanto unidade territorial, caracterizadora da própria cultura portuguesa nas suas diversas vertentes e expressões regionais e comunitárias (quando não comunais). Essa unidade feita de variabilidade ao nível da adequação dos homens ao território passa pela valorização da arquitectura vernacular e pelo acréscimo de interesse, que se tem verificado nas ultimas décadas, pelo património difuso, *mínimo*, mas também paisagístico, como precocemente se intuía já em 1955-1961:

*Mas, no que refere à Arquitectura popular, não erudita, aos seus fundamentos, relações e particularidades, muito pouco se observou ou escreveu. O caso, aliás, (...) só começou a interessar vivamente os estudiosos, e a ser encarado com os olhos limpos de preconceitos estilísticos, que lhe diminuíram o significado e importância. (...) Não basta ao indivíduo da cidade vestir umas calças de surrobeco, calçar uns tamancos e ajeitar uma enxada ao ombro para se integrar no meio rural; (...) Integrar-se, pertencer, são coisas mais sérias e profundas. De modo algum apenas maneiras de vestir, tanto pessoas como*

---

4. in LOPES, Inês Oliveira - *Intervenção numa aldeia, numa perspectiva de reconversão. Reabilitação Rural*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2012 p.3



MALPICA DO TEJO. CASTELO BRANCO

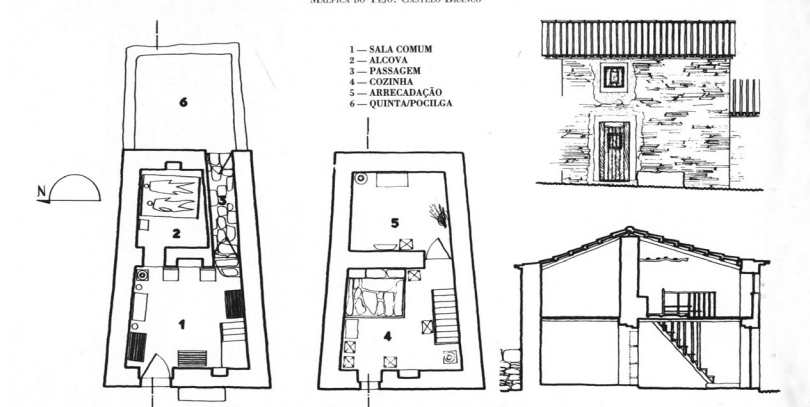


FIGURA 3 | INQUÉRITO À ARQUITECTURA POPULAR

Nos anos 50 e 60, jovens arquitectos portugueses rumaram de norte a sul do país, palmilhando o território, tentando encontrar uma vertente única na arquitectura popular.

IMAGEM: *Arquitectura Popular em Portugal*

*edifícios. Do estudo da Arquitectura popular portuguesa podem e devem extrair-se lições de coerência, de seriedade, de economia, de engenho, de funcionamento, de beleza... que em muito podem contribuir para a formação dum arquitecto dos nossos dias.*

#### AAVV em Arquitectura Popular em Portugal<sup>5</sup>

À semelhança do Inquérito dos anos 50 e 60, cujo objectivo estava direccionado para a procura, não só de uma identidade arquitectónica nacional, como também de um entendimento da cultura social e tradicional do *habitat* português, pretende-se um reconhecimento do valor patrimonial do nosso país nas regiões rurais menos valorizadas, uma melhor compreensão do país rural. Mas qual o valor patrimonial no contexto rural?

Em primeiro lugar, é importante também entender o conceito de património, à luz das questões do trabalho. De acordo com Françoise Choay, *património* abrange diferentes significados, designando *simultaneamente todos os objectos naturais, todas as obras culturais, materiais e imateriais, todas as tradições, actividades, crenças, pertencentes a um passado distante e cada vez mais recente, e valorizadas devido ao seu interesse histórico, científico, artístico, afectivo e identitário*<sup>6</sup>, mas é certo que, genericamente, património sempre se associou a bens materiais que podem conferir inclusive alguma posição social. Deve, no entanto, ser assumido como um dos principais factores de valorização, desenvolvimento e promoção das áreas rurais.

Muitas vezes associado a uma ideia de herança física, o património invoca também uma noção significativa de cultura, na dimensão social e humana, que não existe apenas no espólio arquitectónico do território, mas também nas *gentes* e na relação que estabelecem com a paisagem, que constitui as suas terras. Assim, a paisagem, associada ao impacto humano, é também patrimonial e, por isso, identitária.

5. AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses. 1988. p.XXII-XXIII

6. CHOAY, Françoise - *Património e Mundialização*. 2ª Ed. Lisboa: Editora Licorne. 2005 p.17

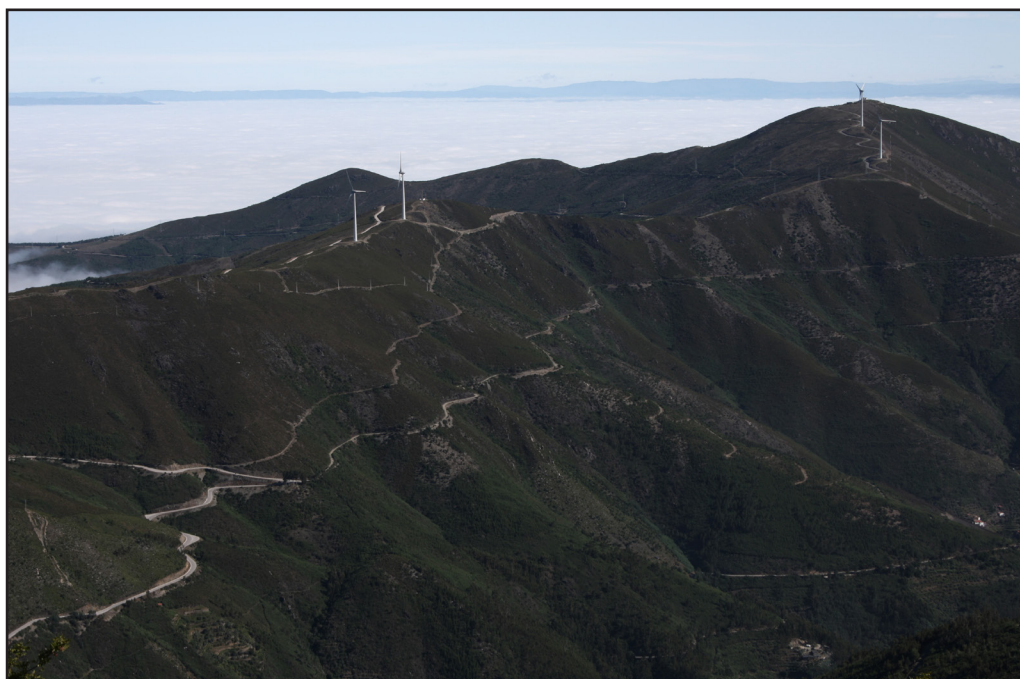


FIGURA 4 | IMPONÊNCIA

Do território é bem possível que conheçamos pouco. Interessa entendê-lo como entidade que existe connosco e em nós, porque nos é característica. O território, pelo seu património paisagístico e pelas suas *gentes*, é também cultural. É identitário.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

## 2 | PATRIMÓNIO PAISAGÍSTICO - PAISAGEM COMO IDENTIDADE

Existe uma ampla discussão no que toca à intervenção no património em Portugal. Importa perceber que, em muito do território nacional, o enfoque de descoberta e reconhecimento do mesmo prende-se ainda com o património edificado disperso, e poucas têm sido as tentativas de melhorar a relação com o património paisagístico, ele próprio identitário do nosso país. Algumas das intervenções realizadas com este propósito tendem a continuar isoladas no lugar, o que, por um lado, apenas intensifica a crescente despromoção dessas zonas, e por outro impede que se tenha uma visão global das características determinantes do nosso território, tanto a nível paisagístico, cultural como patrimonial.

*Em termos de identidade, nada é simples. Vamos abandonar o nosso território? Vamos esquecer a terra? É nela que nos apoiamos, dela que nos alimentamos, ela que configura o nosso espaço, ela que condiciona as nossas comunicações físicas. Nela moraram os nossos antepassados. Marcados pelo território, transmitiram-nos as estruturas sociais com que nos organizamos, as técnicas agrícolas que em parte a dominam, e tudo o mais que foi moldando o nosso território até hoje. Território é o elemento permanente da identidade. (...) Por outro lado, há uma história nacional que só se compreende devidamente quando se tem presente a diversidade de comportamentos próprios das regiões, e a influência que estes tiveram nas alterações do rumo do país.*

José Mattoso [et. al.]<sup>1</sup>

Neste seguimento, com este trabalho, existe um interesse em intervir no território português, numa lógica de entendimento de um país, cuja entidade reside principalmente no património paisagístico e arquitectónico,

---

1. MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte - *Portugal, O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Temas e Debates. 2010 p.6

intrinsecamente ligado à cultura e às gentes. Reconhecer este território passa então pela promoção deste novo olhar sobre o mesmo, nas alternativas que despertem, em qualquer um de nós, uma vontade de descoberta e de permanência nos lugares portugueses, em experiência estreita com as suas singulares características e contactando com as populações locais, principais promotores da sua génese cultural.

## 2.1 | O VALOR DA PAISAGEM RURAL

*A paisagem é tudo. É o diálogo nostálgico de uma organização humana no território. A paisagem não é natural (...) A paisagem é uma expressão do espaço que é vivido pelo homem. É a imagem, a expressão física, a visualização do espaço vivido pelo homem. A biodiversidade e a forma da paisagem são importantíssimas. A paisagem é mais rica, quanto mais polivalente (...) uma polivalência é uma paisagem que tem vinho, seara, rega, pomares,...*

Gonçalo Ribeiro Telles<sup>2</sup>

Desde a sua primordial origem, o conceito de *paisagem* sempre foi abordado como o alcance visual de um qualquer território mas quando abordamos a temática da identidade destes lugares, a paisagem torna-se matéria mais complexa. Verdade seja que é impensável considerar o contexto rural sem as práticas tradicionais - arquitectónicas e de saberes - e de produção - como a agricultura - que lhe são intrínsecas e que, conseqüentemente, têm o seu reflexo na própria vertente paisagística, que tanto o caracteriza. E assim, o rural não se torna único apenas pelas suas características naturais e puras, mas também pelas *gentes*

---

2. Gonçalo Ribeiro Telles, 2006 in LOPES, Inês Oliveira - *Intervenção numa aldeia, numa perspectiva de reconversão. Reabilitação Rural*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2012 p.8

que nele habitam, nele enfrentam os desafios de sobrevivência e com ele encontram modos de vida dos quais resultam também na imagem característica do mesmo.

É com Carl Sauer<sup>3</sup> que surge, nos anos vinte, o conceito de paisagem cultural, fruto da transformação de um mundo natural pela acção humana ao longo dos tempos. Deixa de ser o *imaginário estático, sereno e virgem*<sup>4</sup> emoldurado, revelando ser o conjunto de transformações e de sucessivos eventos humanos que marcam e redesenham a paisagem, à margem da sobrevivência de quem a povoou. Assim, à luz das preocupações que se levantam sobre as constantes mutações do mundo rural, o interesse na procura destes territórios também começa a ser fundamental no seu reconhecimento, social e institucional, atribuindo-lhe um maior valor, enquanto identidade nacional. Esta (re)descoberta é essencialmente feita por parte da população não local (e não rural), que assume um papel importante na defesa, promoção e preservação destas áreas, através de diversos meios de sensibilização. É neste processo que a partilha de testemunhos e transmissão de saberes se torna o principal vínculo na preservação da memória das vivências e dos lugares.

## 2.2 | LIGAÇÕES (META)FÍSICAS

O território é o elemento permanente da identidade<sup>5</sup>, contudo é mais facilmente vinculado ao edificado antigo, que constitui até algum sentido romântico. Mas na verdade, o património também é formado pela paisagem humanizada e pela memória colectiva. Existem já tipos de categorização do património - em especial daquele que resulta da relação entre o homem e a paisagem – bem como de algum património

3. Carl Sauer (1889-1975) foi um dos mais importantes geógrafos dos E.U.A., Que contribuiu fortemente para a valorização das paisagens, enquanto componente cultural de um território. A sua obra *The Morphology of Landscape* foi provavelmente uma das maiores influências na concepção das ideias em torno das paisagens culturais, que ainda hoje permanecem.

4. CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporta a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013 p.8

5. MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte - *Portugal, O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Temas e Debates. 2010 p.6





FIGURA 5 | ENCOSTA

Ainda que dispersos, e por vezes, isolados no território, os lugares têm em comum vertentes que não são tão facilmente explicáveis como o simples modo construtivo tradicional. Tratam-se de ligações metafísicas que unem, de forma imaterial e imensurável, as aldeias, as comunidades e as *gentes*, e que constituem a sua identidade.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



paisagístico classificado em Portugal, mas interessa evidenciar que a classificação das paisagens como culturais reconhece a importante expressão da sua humanização, que não pertence só a um passado longínquo, mas também ao presente e ao futuro, enquanto memória dos lugares.

E se anteriormente a preservação do património prendia-se com o espólio arquitectónico e arqueológico, sobretudo de monumentos, agora está estreitamente ligada à paisagem cultural dos territórios humanizados, à cultura e aos saberes da população, elevando o entendimento dos lugares a patamares intelectuais, sentimentais, emocionais e espirituais que jamais devem ser deixados de parte. Mais do que estradas, infraestruturas ou limites administrativos, existem as características culturais, paisagísticas e patrimoniais, que identificam ou ligam os lugares, as gentes e as regiões, não de forma física, mas imaterial, pela tradição e modos de vida, que compõem a sua memória e a sua aura.

### 2.2.1 | RELAÇÃO HUMANA COM A PAISAGEM

O contexto rural em Portugal pontua-se de elementos de interesse patrimonial, mas, por se encontrarem muito dispersos, dificultam em certa maneira a sua descoberta e o seu reconhecimento. O reconhecimento da identidade de um lugar pressupõe então a descoberta do seu ambiente natural, aliado à *sua gente, como se vive e de quê, entrar no espaço das suas casas e descobrir a ordem que lhes puserem, compreender os materiais dominantes sob as formas em que os talharam*<sup>6</sup>. Assim, o diálogo entre o homem e o seu meio nem sempre foi fácil, pelas diversas ocasiões em que se enfrentou desafios até de sobrevivência, mas sempre foi *belo* – entenda-se num tom de admiração e não romântico – pois desta luta foram deixados marcos no território, que contam os

---

6. AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses. 1988. p. V-VII

testemunhos das gentes e a história dos lugares, e que se assumem como imagem ou identidade dos mesmos.

E, neste sentido, por haver esta íntima relação do homem com o seu meio, existe, de certa forma, um sentimento de pertença ao lugar, que o homem fez seu, tornando-se *a sua terra, a nossa terra*.

### 2.3 | DESCOBRIR E HABITAR A PAISAGEM

Compreende-se então que a paisagem assume um papel essencial no entendimento do território e dos lugares, mas interessa também perceber de que forma é que lidamos com ela. Na verdade, muitos dos marcos humanizados reflectem em si o modo como o homem encarou o meio onde habitou, e conta o processo que o levou a conhecer, a entender verdadeiramente *a sua terra*, ilustrando as diversas formas de como ele se apropriou do território, por necessidade. No âmbito da descoberta, a ideia imediata que se tem de paisagem pode à partida induzir-nos para algo estático, como que um quadro pintado que nos é exterior, mas é na verdade uma realidade que coexiste connosco, e por isso, possível de ser vivida ou *habitada*<sup>7</sup>.

*Quero dizer com isto, que a nossa experiência perante um monumento arquitectónico ou um sítio arqueológico, nos obriga a um exercício racional, de abstracção, de tentativa de entendimento e de procura de uma espécie de objectividade perdida mas que seria possível reconstituir. Simultaneamente, obriga-nos a um exercício de afectividade, de entrega do sujeito pela estesia (pela sensação), isto é, de pura subjectividade.*

Paulo Pereira<sup>8</sup>

---

7. CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013 p.8

O Conceito de *habitar a paisagem*, abordado por Mariana Calvete, no seu trabalho, foi explorado pelo filósofo Martin Heidegger, nos anos 50, no âmbito da reflexão em questões do foro arquitectónico.

8. PEREIRA, Paulo - *Os Lugares de Passagem*. Património Estudos nº1 IPPAR 2001 p.6-16

Assim, habitar uma paisagem, ao invés de vê-la e passar por ela, passa por experimentá-la e apreendê-la, num modo demorado, enquanto observador e enquanto parte integrante dessa mesma paisagem, dessa mesma realidade, elevando a sua compreensão a níveis intelectuais e menos imediatos. Deste modo, esta experiência de descoberta é o que verdadeiramente nos permite compreender e preservar os lugares na nossa memória, porque resultam de uma atitude dinâmica para com o meio que nos envolve. São vários os autores a mencionar que percorreram o país à luz da vontade de conhecer e entender alguns dos territórios nacionais, num *olhar demorado e atento a uma imensidão de detalhes que escapam ao comum dos cidadãos*<sup>9</sup>, procurando materializar essas experiências em testemunhos descritivos ou desenhados.

Também para o arquitecto, esta posição perante a paisagem ou os lugares é intrínseca ao reconhecimento que faz dos territórios e dos seus contextos, materializando a beleza das coisas que apreende, pelos registos intencionais, como o desenho, a fotografia ou a escrita. Porque *a única forma de verdadeiramente nos apoderarmo-nos desta beleza é descrever os tais lugares mágicos através da nossa arte*<sup>10</sup>. E, porque essa experiência é vagarosa, sensível, *sensorial*<sup>11</sup> e intelectual, a percepção dos lugares fica inevitavelmente retida na nossa memória. E a partilha do conjunto de histórias, simbologias e hábitos constituem a memória colectiva, construída com as *gentes* e com os visitantes, preservando a aura dos ditos *lugares mágicos* e lutando contra o seu esquecimento.

9. BELO, Duarte - *Portugal, Luz e Sombra. O País depois de Orlando Ribeiro*. Lisboa: Temas e Debates. 2012 p.311

10. CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporta a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013 p.26

11. A dimensão sensorial da apreensão dos lugares e da paisagem é temática de grande destaque na obra *The Eyes of the Skin*, de Juhani Pallasmaa. O arquitecto finlandês defende com bastante emoção e sensibilidade que a percepção dos sítios naturais e arquitectónicos deve também envolver todos os nossos sentidos, tanto físicos como intelectuais, elevando a experiência a campos mais imateriais.



FIGURA 6 | CAMINHOS DE SANTIAGO

Os Caminhos para Santiago de Compostela contam já com bastantes séculos de existência e hoje mantêm-se estabilizados, e mobilizam muitos peregrinos, vindos de todo o Portugal e além-fronteiras.

IMAGEM disponível em:

<https://acaminhodesantiago.wordpress.com/o-caminho/>

## 2.4 | CAMINHOS E ROTEIROS

A experiência de descoberta do território implica então uma postura demorada, atenta e curiosa que permita uma apreensão rica da realidade que no envolve, que genericamente é associada à ideia de explorar, caminhar, percorrer, ideia esta já bem anterior aos tempos actuais. Se antes percorrer o território por determinados caminhos era um acto de mera sobrevivência e adaptação ao meio, agora é palco de novos modos de vivê-lo e conhecê-lo.

Dos traçados mais primórdios, tomemos como exemplo os caminhos que, além da sua componente lógica – política e administrativa – também se moldaram a vertentes espirituais, religiosas, ligadas à fé e ao percurso da salvação. Datadas desde o Império Romano, muitas das estradas e caminhos desenhados em Portugal têm a sua origem nas antigas vias para Roma, e embora já não apresentem qualquer semelhança, tanto na sua imagem como na sua função, estas vias eram muito mais do que o meio de comunicação no território. De outra perspectiva, existem também os roteiros da peregrinação, como os tão conhecidos Caminhos de Santiago, que estão de certa forma estabilizados no seu percurso e que, hoje em dia, conferem uma enorme importância em muitas das deslocações pelo território português, entre outros países. Movidos pela fé religiosa, os peregrinos palmilham os caminhos e vão descobrindo os lugares por onde passam, adquirindo uma maior compreensão do território, nem sempre afável, e da paisagem que o acompanha.

*O viajante viajou no seu país. Isto significa que viajou por dentro de si mesmo, pela cultura que o formou e está formando, significa que foi, durante muitas semanas, um espelho reflector das imagens exteriores, uma vidraça transparente que luzes e sombras atravessaram, uma placa sensível que registou, em trânsito e processo, as impressões, as vozes, o murmúrio infindável de um povo.*

José Saramago<sup>12</sup>

Neste sentido, é essencial conferir ao percurso e à viagem a sua importância, na apreensão dos territórios e da própria paisagem, porque, na verdade, *a verdadeira forma de conhecer e compreender o património arquitectónico e paisagístico é através da viagem*<sup>13</sup>, do percurso cultural. Os muitos dos relatos e testemunhos escritos e desenhados dos viajantes portugueses – de Orlando Ribeiro a José Mattoso, de Fernando Távora a Alexandre Alves Costa, de Miguel Torga a José Saramago – verificam-se um enorme espólio cultural, pela influência que tiveram nas suas obras, nas mais diversas vertentes, representando fonte de reflexão nas temáticas de exploração do território nacional e do património arquitectónico, paisagístico e cultural.

Por outro lado, assistimos à pontuação da paisagem por parte de núcleos urbanizados que, apesar de dispersos, partilham a mesma origem etimológica. Em especial no contexto rural, o próprio património arquitectónico e cultural existente encontra-se muito esparso no território e as ligações entre eles ainda são frágeis. Por isso, os caminhos e os roteiros podem ser considerados o seu elemento unificador, sendo que são o que fisicamente liga e une os diversos lugares, ao mesmo tempo que promovem a viagem e o processo intelectual e sensorial de

---

12. SARAMAGO, José - *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho. 1995 p.20

13. CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013 p.23

reconhecimento destas áreas.

Desta forma, será então necessário reflectir sobre os vínculos entre estes pontos dispersos do território, sob a perspectiva de descoberta do mesmo, de modo a que as experiências do visitante não se fique pelo imediato ou pelo *popularmente típico*, mas sim que incentive o percorrer, a parar e permanecer, bem como participar naquelas que são as práticas locais, com as populações locais.





FIGURA 7 | RURAL COMO CENÁRIO DE INTERVENÇÃO

É cada vez mais clara a necessidade de olhar para estes territórios esquecidos e menos favorecidos e garantir-lhes a sua continuidade. Não por um romantismo ligado à ideia da beleza do campo. Mas antes por um retomar às nossas origens, entender o que são, o que foram, e o que nelas podemos construir para que continuem a assegurar a nossa identidade cultural, patrimonial e paisagística.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



### 3 | O RURAL COMO CENÁRIO DE INTERVENÇÃO

No reconhecimento dos contextos rurais em Portugal, torna-se essencial instigar a exploração e descoberta dos lugares através da ideia de percurso, da ideia de um caminho a seguir, de uma rota a percorrer. Contudo, hoje em dia, em particular no contexto rural, as viagens associam-se directamente a rotas ou roteiros que se apresentam à luz de temáticas históricas, culturais ou desportivas que, de certa forma, limitam a compreensão de quem percorre o território. Em muitos dos casos, estes roteiros servem de cenário a intervenções turísticas que não se coadunam com o reconhecimento da realidade do contexto rural e, em pouco ou nada servem as necessidades e interesses da população local.

#### 3.1 | TURISMO EM ÁREAS RURAIS

Tal como é possível verificar que grande parte destas rotas ainda se fixam em regimes de promoção do dito património clássico - os monumentos e aglomerados urbanos -, também será oportuno colocar algumas questões que se relacionam com a percepção do território (muito dele situado no interior do país) e que, sem fugir ao quadro de *turismo tradicional*, possuem esta valência de cultura identitária do lugar, mas que, de certo modo, incentivam a aproximação às populações locais que, embora conhecedoras do seu espólio cultural, carecem de reconhecimento maior e mais inserido nas suas vidas quotidianas.

No que respeita à grande parte das intervenções turísticas realizadas no contexto rural até aos dias de hoje, existem muitas controvérsias nas políticas de desenvolvimento que lhes estão associadas, principalmente porque o que equilíbrio existente entre as perspectivas dos locais e dos visitantes ainda é muito tremido. Segundo Elisabete Figueiredo<sup>14</sup>, os primeiros desejam o desenvolvimento das actividades de produção,

14. FIGUEIREDO, Elisabete; VALENTE, Sandra. *Habitantes e Visitantes – Uma ‘luta’ inevitável*. Bragança: V Colóquio Hispano-Português de estudos rurais. 2003. Disponível em <http://sper.pt/oldsite/VCHER/Pdfs/SandraValente.pdf> - consultado a 11 de Janeiro de 2015

serviços e infraestruturas, o crescimento económico e oportunidade de emprego. Já os segundos procuram estruturas de apoio ao turismo rural e actividades de promoção e preservação ambiental. O que poderia ser um conjunto de causas para o arranque de estratégias de intervenção coerentes, é actualmente cenário de duas visões para um mesmo território, em que o investimento na actividade turística para o visitante prevalece sobre o desenvolvimento local em benefício das populações. Assiste-se então cada vez mais a um turismo que pouco se relaciona com a actividade tradicional e com as comunidades locais, em prole da criação de estruturas estranhas ao lugar, pouco coerentes e que, do ponto de vista da experiência, oferecem programas um tanto artificiais.

De acordo com Luís Silva<sup>15</sup>, o turismo nestes contextos representa o especial interesse dos visitantes, que procuram um maior envolvimento com o meio rural, quer pela aproximação da natureza, quer pelo imaginário romântico que têm destes lugares, presentes *em casas que, por um lado proporcionam um ambiente familiar e doméstico e, por outro, são representativas da ruralidade*<sup>16</sup>, e apreciam actividades de animação e lazer que em nada se comparam com as ditas actividades tradicionais. Neste sentido, apesar de haver um enorme interesse em valorizar o contexto rural – porque também representa alguma receita económica – é importante perceber que *estas áreas são vividas por pessoas com necessidades e aspirações legítimas e que são os principais agentes na preservação e monitorização do território rural*<sup>17</sup>, sendo que as intervenções turísticas não se devem sobrepor às vivências e dinâmicas sócio-económicas das populações.

---

15. SILVA, Luís – *A procura do turismo em espaço rural*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Social. 2007. p.149. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v11n1/v11n1a08.pdf> - consultado a 8 Janeiro de 2015

22. Idem

23. FIGUEIREDO, Elisabete; VALENTE, Sandra. *Habitantes e Visitantes – Uma ‘luta’ inevitável*. Bragança: V Colóquio Hispano-Português de estudos rurais. 2003. p.2

### 3.1.1 | ISTO É PARA INGLÊS VER

Poucos têm sido os esforços feitos para repensar as estratégias que se assumem como uma nova forma de reconhecimento do lugar e que, promovem, assim, a sua descoberta, dando a conhecer o seu carácter identitário, tornando-a acessível a todos e evitando direccioná-la apenas a uma *elite turística*.

*(...) esta imagem do campo (...) deixa de fora os problemas que afectam o mundo rural, como a pobreza, a falta de emprego e de serviços, o encerramento de escolas, a falência da agricultura e o ressurgimento dos incultos.*

Luís Silva<sup>18</sup>

Muitas das intervenções ainda se prendem às políticas de fraca consciência do impacto do turismo nas povoações. Os programas estão ligadas a temáticas muito específicas que condicionam a experiência, o conhecimento dos lugares e o contacto com a população, uma vez que promovem uma imagem de ruralidade externa e emoldurada, como que um mundo romântico, a fim de criar cenários aliciantes à procura turística. Mas, pelo contrário, devem valorizar as populações locais, as suas actividades económicas e tradicionais, serviços e infraestruturas para que a sua qualidade de vida melhore e se criem condições estáveis aos programas turísticos e fixação de novos habitantes.

Mas será então possível combater o popular *turismo rural*, ligado a uma elite de visitantes, e proporcionar uma experiência de contacto directo com a cultura e as *gentes* das nossas terras?

---

18. SILVA, Luís – *A procura do turismo em espaço rural*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Social. 2007. p.160

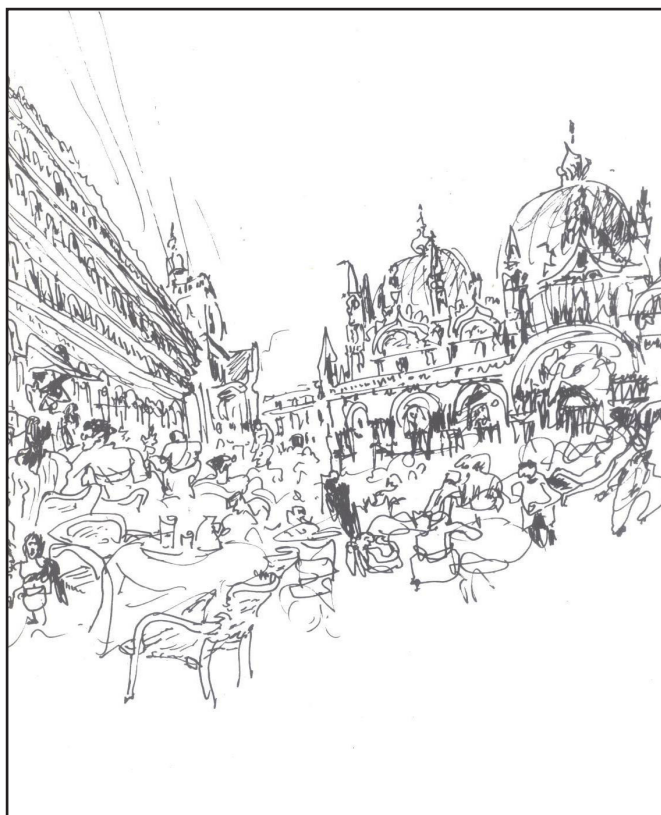


FIGURA 8 | O DESENHO

*De súbito o lápis ou a bic começam a fixar imagens, rostos em primeiro plano, perfis esbatidos ou luminosos pormenores, as mãos que os desenhem. Riscos primeiro tremidos, presos, pouco precisos, logo obstinadamente analíticos, por instantes vertiginosamente definitivos, libertos até à embriaguez; depois fatigados e gradualmente irrelevantes. Num intervalo de verdadeira Viagem aos olhos, e por eles a mente, ganham insuspeita capacidade. Apreendemos desmedidamente; o que aprendemos reaparece, dissolvido nos riscos que depois traçamos.*

IMAGEM: Álvaro Siza, esquiços em viagem

TEXTO: Álvaro Siza - 01 Textos

### 3.2 | A ARQUITECTURA E O DESENHO

No âmbito do roteiro que se propõe com este trabalho, importa entender o papel do desenho arquitectónico no contexto rural e sua compreensão, porque, na verdade, entende-se o roteiro como um novo marco no território e por isso, devem ser abordados os princípios da sua concepção.

Entenda-se que, ao percorrer uma paisagem, existem muitos elementos que a tornam o produto da sua humanização, ainda que à partida, a sua presença não seja imediata. Encaramos a paisagem como um elemento natural, mas a modelação do terreno, o edificado e até os trilhos e caminhos testemunham a presença humana, pela adaptação nas práticas tradicionais, pelos modos de vida e pela deslocação no território, respectivamente. Assim, *a paisagem que contemplamos como beleza natural, é já um produto da cultura*<sup>19</sup>. Tal como Mariana Calvete refere, vamos palmilhando o território, pontuando-o com estruturas erguidas que marcam a paisagem e que condicionam a sua vivência no futuro. Neste sentido, encara-se a arquitectura como um dos grandes marcos nas diversas paisagens, que reflecte o entendimento da nossa *presença no mundo, e da percepção do espaço e tempo*<sup>20</sup> que habitamos e vivemos e que carrega consigo diversas conotações na adaptação dos homens ao território.

Naturalmente que o desenho arquitectónico se pressupõe consciente e informado sobre o seu contexto, tornando-se por isso a materialização de uma alteração do lugar e da memória que passará a constituir, porque, de facto, este gesto intencionado pretende ser a resposta às vivências actuais, ainda que sofrendo sempre a influência do que lhe antecedeu.

O entendimento do lugar torna-se, por isso, imperativo, embora variável entre indivíduos. Por um lado, existem elementos relativamente fáceis

19. CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013 p.33

20. Idem

de apreender, como as diversas camadas históricas, que rapidamente se consegue deduzir e descrever. Por outro, outros elementos que compõem ou configuram o mesmo lugar não são tão imediatos. As dinâmicas sociais e culturais são componentes que só são verdadeiramente compreendidos por quem sempre viveu com elas e, por isso, sempre as incorporou. Assim, o pleno entendimento do lugar só é possível por quem o enraizou, por quem o chama de seu, *de sua terra*. E naturalmente que o referido gesto arquitectónico, que é contemporâneo aos lugares, terá sempre de dialogar com seus os entendedores, pois eles possuem as valências emocionais e sentimentais, que definem a sua ideia e a sua memória das coisas. O olhar do arquitecto é, portanto, outro.

### 3.2.1 | A PEGADA DO ARQUITECTO

O arquitecto, perante estes contextos rurais, apresenta-se numa postura menos apegada, mas não menos consciente. Tem efectivamente um olhar transformador, na recuperação do lugar para respeitar e preservar a memória do mesmo, não tendo necessariamente que cumprir com as mesmas funções de anteriormente. Entende, por isso, o lugar, mas concede-lhe o diálogo entre um passado vincado na memória das *gentes* e um futuro capaz de se alargar a novos visitantes, podendo por isso construir uma memória colectiva, sem que a aura do lugar se perca.

O arquitecto norueguês Christian Norberg-Schulz defende que o local (o contexto) é fundamental na obra arquitectónica e que tudo o que nos rodeia, desde a paisagem ao pequeno detalhe, compõe o espírito do lugar – o *genius loci* – que configura uma série de características intrínsecas às pessoas, às paisagens e ao edificado, e que, independentemente dos novos traçados transformadores, deve manter-se. Neste sentido, a experiência que se tem da arquitectura de determinado local, deve-se à relação de proximidade

que temos com esse espírito e com essas características<sup>21</sup>. Assim, o gesto arquitectónico não passa apenas por copiar ou camuflar a obra nas pré-existências, mas antes entender o modo e a razão pelos quais elas foram construídas, sendo que este exercício confere um maior valor ao lugar e contribui para a construção de uma memória mais sólida para o futuro.

### 3.3 | OPERAR NO RURAL

Interessa agora abordar as questões mais operativas, aquando da intervenção no meio rural, principalmente no que respeita a metodologias conceptuais e políticas construtivas.

*A intervenção atual é mais uma, desenhada com regras claras que resultam da interpretação da história, incluindo a contemporânea. (...) restaurando, corrigindo, repondo ou, ao contrário, demolindo qualquer elemento espúrio que provoque opacidade na leitura clara da essência do projeto global, entendido como um processo colectivo de longa duração.*

Alexandre Alves Costa<sup>22</sup>

É importante entender que operar em territórios vastos implica intervir noutra tipo de escala, menos comum ao habitual projecto arquitectónico ou urbano, e que daí advêm algumas questões:

Como relacionar os vários elementos, tangíveis e intangíveis, que compõem uma paisagem? Como interligar o património disperso no território, através do desenho arquitectónico que permita a sua

21. NORBERG-SCHULZ, Christian, traduzido livremente de *Store Norske Leksikon*, in CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporta a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013 p.35

22. ALVES COSTA, Alexandre - *A arte de construir a transformação*. Património Estudos nº3 2002 IPPAR - Departamento de estudos. p.127-128





FIGURA 9 | PEDRA CAIADA

*(...) Da cidade, ficou a representação comum de uma sociedade plural e intensa num território densamente construído e com limites definidos, um interior confinado, rodeado pelos espaços ditos naturais, da floresta ou da agricultura. Do lado de fora, guarda-se a imagem de um espaço rural, habitado por visões do mundo fechadas sobre si e sobre poderosas identidades.*

*Nada mais falso. As transformações dos campos são tão radicais como as transformações das cidades. Hoje a urbanização progride a um ritmo avassalador e já não está exclusivamente dependente da aglomeração e da proximidade física. As infraestruturas percorrem territórios imensos que tornam possível um sem número de padrões de localização, construções e formas de organização social. O urbano é um exterior desconfinado e instável, por contraposição à imagem da cidade amuralhada.*

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

TEXTO: Álvaro Domingues - *A Rua da Estrada*



redescoberta e permanência? Será possível a proposta de novos programas em núcleos urbanizados com uma génese ou aura já tão sedimentados? Poderá a nova construção constituir um novo olhar para a herança na região? De que forma é que as soluções para a exploração do território, muito além da passagem e permanência, se tornam caminhos de memória? Como deve ser essa memória construída para o futuro?

### 3.3.1 | REABILITAÇÃO VS NOVA CONSTRUÇÃO

Em primeiro lugar, enquanto profissional dialogante com outros campos, o arquitecto deve integrar, no seu processo, o conjunto de informações – históricas, geográficas, topográficas, geológicas, entre outras – para que o seu desenho seja rico em decisões informadas que constituirão as mais valias para o lugar e a sua *gente*, e assim se constrói o novo património, o das gerações futuras<sup>23</sup>.

Neste sentido, importa encarar a intervenção na associação das suas duas grandes componentes: a paisagem com o património arquitectónico e as populações. Por um lado, entender a paisagem com a sua topografia e, à semelhança do que sempre foi o lema de sobrevivência de quem povoou estes território, tirar partido daquilo que a própria natureza da paisagem pode oferecer, entendendo os marcos do passado e antevendo os do futuro, despertando para novas formas de usufruir da paisagem. Por outro lado, as novas intervenções, sejam reabilitação ou nova construção, devem ser coerentes e dialogantes com a envolvente e que, enquanto objectos novos no lugar, despertem o interesse para a sua descoberta, para o seu desenvolvimento e para o contacto com a cultura das gentes. Por isso, mais do que integradas na paisagem, as intervenções

---

23. CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013 p.37

devem representar uma mais valia para a população local.

*Para uma informada intervenção no património, é preciso reconstruir memórias mas não cair na armadilha da recuperação literal de espaços de passado que já não pode voltar. É necessário criar a possibilidade para novas memórias e para uma nova história; são necessários novos usos para a contemporaneidade.*

Alexandre Alves Costa<sup>24</sup>

Numa intervenção nos territórios rurais em Portugal, é fundamental que se criem as lógicas de intervenção associadas a toda esta abordagem ao contexto em foco. Acima de tudo, deve ser clara, acessível e coerente.

---

24. ALVES COSTA, Alexandre in CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013 p.33

## UM ROTEIRO PARA A SERRA BEIRÃ

Novos traçados e reabilitação dinamizadores de uma região



## CAPÍTULO II | A PROPOSTA

No capítulo que se segue, são colocados em análise os diversos casos de estudo, de diversas escalas de intervenção, ao mesmo tempo que se enunciam os objectivos para o tipo de trabalho proposto.

### 4 | OS CASOS DE ESTUDO – ANÁLISE CRÍTICA

A intervenção nos meios rurais é, sem dúvida, tema de ampla discussão, pelos diversos ideais culturais, socioeconómicos, políticos e arquitectónicos que desta podem advir. À luz do tema do trabalho, a análise de diferentes projectos já realizados tornou-se essencial na fundamentação de uma perspectiva coerente e consciente, na intervenção nestes territórios, acompanhando sempre dois alicerces fulcrais ao projecto: por um lado, a valorização dos lugares rurais, na procura de uma coerência identitária nacional que instigue a visita e a exploração, e por outro, desenvolvimento da produção e economia locais, em benefício da população residente, visando uma maior aproximação de realidades opostas (cidade/campo), criando condições de fixação de novos habitantes.

#### 4.1 | NASJONALE TURISTVEGER

*There are still roads that are not merely to get you to your destination as quickly as possible. National Routes are beautiful drives with that little bit extra. Each route has its own history and character. Our job is to make sure routes are adapted to*

FIGURA 10 | NASJONALE TURISTVEGER

*Nasjonale Turistveger* - National Tourist Routes of Norway. Livro que ilustra as 18 rotas pelo território norueguês, as suas intenções e materializações. Editado por Nina Berre, da Norwegian Public Roads Administration

IMAGEM: <http://foto.turistveg.no/turistveg/start/index>



FIGURA 11 | NASJONALE TURISTVEGER

*The National Tourist Routes is an important initiative that is viewed as a laboratory for the development of contemporary Norwegian architecture. But it is also interesting as a part of a long tradition of staging the experience of the landscape and as a project that researches and experiments at the nexus of architecture, technology, infrastructure, art and nature. The idea of organising things practically, and thereby preventing dangerous situations that might arise in dramatic terrain, and of defining points along the road where the traveller can experience beautiful and picturesque, or sublime in a 300-year-old tradition in Norway.*

TEXTO: Views. Norway Seen from the road 1733-2020

IMAGEM: <http://foto.turistveg.no/turistveg/start/index>

*travellers' needs. We do so by building spectacular viewpoints with services buildings, car parks, furniture, paths and art.*

*Nasjonale Turistveger*<sup>25</sup>

Existem projectos que procuram um reconhecimento da paisagem cultural, enquanto elemento identitário de um país, como é o caso do *Nasjonale Turistveger*<sup>26</sup>, um programa à escala nacional, desenvolvido sob a forma de rotas ao longo do território norueguês, que aborda temas primordiais para este trabalho: a paisagem cultural, comunicação de uma identidade e a ideia de percurso. Estas rotas, por serem concebidas na lógica de uma intervenção única e unificadora, permitem uma coerência no reconhecimento dos lugares e das suas particularidades paisagísticas e sociais como elementos caracterizantes da cultura norueguesa. Neste sentido, foi necessário atentar às singularidades dos diversos lugares, com o intuito de preservar a sua identidade, tarefa que reuniu vários arquitectos, na concepção das diferentes rotas e intervenções. Apesar das intervenções terem autoria de diferentes profissionais, a imagem de conjunto nacional é mantida e a homogeneidade é garantida, uma vez que os arquitectos<sup>27</sup> envolvidos no programa operam à luz dos mesmos princípios estratégicos e conceptuais. No contexto de um país muito pouco afectado pela crise económica europeia, o programa *Nasjonale Turistveger* foi apoiado pelas diferentes entidades administrativas locais, regionais e nacionais, cujos estímulos financeiros valorizam e tornam este tipo de intervenções realizável, alargando também as possibilidades de inovar em vários campos do projecto.

No entanto, apesar deste programa ter representado um grande passo no reconhecimento da paisagem cultural na Noruega, o seu sucesso

25. in CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013 p.37

26. *Nasjonale Turistveger* - National Tourist Routes of Norway

27. Snohetta, Jensen & Skodvin, Mart Dubolt, Peter Zumthor, entre outros





FIGURA 12 | TROLLSTIGEN

*In order to emphasise the distinctive features of each roadway, the routes need to be spiced up with different contents. Here it is important to be bold and daring, particularly in respect of architectural expression. In addition, aesthetical challenges must be solved with a basis on the situation and atmosphere found at each individual location. Exciting, functional and innovative solutions have to be created so that it is durable and age with dignity.*

TEXTO: LYSHOLM, Hege; BERRE, Nina - National Touristveger, 4ª Ed. Oslo: Norsk Form. 2010

IMAGEM: <http://foto.turistveg.no/turistveg/start/index>

FIGURA 13 | EGGUM

Inteção em Trollstigen. Miradouro de enquadramento com a dramática paisagem. Da autoria de Reiulf Ramstad Arkitekter AS.

IMAGEM: <http://foto.turistveg.no/turistveg/start/index>





não é consensual, em especial para os críticos do panorama do ensino arquitectónico<sup>28</sup>. Se por um lado contribuem para uma imagem nacional coerente com os princípios iniciais propostos, verifica-se que grande parte das intervenções realizadas não demonstram preocupações ambientais, tornando-se apenas em objectos arquitectónicos, que por vezes provocam um distanciamento da própria envolvente paisagística. Por outro, se é verdade que estas operações arquitectónicas não representam uma solução para todos os problemas que suscitaram a realização deste programa, é notório que, ainda assim, as intervenções apelam ao interesse do visitante, à exploração, à viagem e à procura do comércio e serviços locais, estimulando as populações a participar no processo. Assim, é possível a abertura para o debate de estratégias de aproximação dos locais e dos visitantes, pela conciliação dos interesses comuns. Embora em alguns casos, os projectos possam estar mais ligados à arquitectura de imagem, questionando-se alguns aspectos sociais e sustentáveis, o programa *Nasjonale Turistveger* torna-se assim numa iniciativa exemplar pelo trabalho de equipa, no consenso de ideais e princípios, partilhados por profissionais com linguagens muito distintas, garantindo a qualidade de todas as intervenções, nos diversos lugares.

Esta foi a grande inspiração do mais recente trabalho nesta área, levado a cabo pela aluna Mariana Calvete<sup>29</sup>, que, na aplicação dos mesmos valores de identidade, reconhecimento e coerência do território português, desenvolveu um itinerário para a região do Douro, elegendo um lugar de referência (o santuário de São Salvador do Mundo) para a execução de um projeto de apoio a esta rota, ao mesmo tempo que se identificou outros focos de interesse, para os quais se apontam o surgimento de projectos

28. Mari Hvattum (Departamento de História e Teoria) e Marianne Sjøhaug (Departamento de Paisagismo) da Oslo School of Architecture – pontos de vista apresentados em: CALVETE, Mariana – *Itinerâncias e Percursos da Memória, Desenho que suporta a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. 2013

29. CALVETE, Mariana – *Itinerâncias e Percursos da Memória, Desenho que suporta a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. 2013



FIGURA 14 | MONSANTO, CASTELO BRANCO

*La structure du paysage européen non urbain est en grande partie la conséquence du développement de l'agriculture et du processus d'implantation des populations survenu après l'an mille; c'est cette même structure qui, depuis les importantes polarisations préexistantes de l'âge romain et conservées dans le monde carolingien, persiste comme une empreinte du territoire et la forme du paysage, jusqu'à l'ère du développement industriel.*

IMAGEM e TEXTO: Santino Langé

*L'Heritage Roman, La maison em Pierre d'Europe Occidentale. Liège: Pierre Margada. 1992, p.82-83*

de cariz semelhante a nível nacional. Desta forma, é trabalhada a ponte entre os dois contextos nacionais opostos, adaptando os princípios estratégicos do projecto norueguês, na realização das intervenções em São Salvador do Mundo. Estas intervenções locais, servindo-se dos mesmos ideais, tornam-se num exemplo para uma escala regional e nacional, sendo desejada a mesma harmonia no reconhecimento do território paisagístico português como identidade nacional.

## 4.2 | ALDEIAS HISTÓRICAS DE PORTUGAL | ALDEIAS DE XISTO

*A valorização de recursos culturais tão diversificados como a paisagem, os lugares, o património construído e o referencial das culturas, tradições e actividades, bem como o envolvimento do múltiplos protagonistas, numa dinâmica local de promoção e desenvolvimento, constituíram o pano de fundo para o lançamento e consolidação do programa das Aldeias Históricas de Portugal.*

Maria Isabel Boura<sup>30</sup>

Atentando ao panorama português, numa escala regional, os programas de requalificação e desenvolvimento já existentes nas áreas rurais de Portugal desde os anos 90 são já bastante divulgados e grandes activadores dos vários territórios. A título de exemplo, e tendo em conta o foco no contexto da região da Beira, os projectos *Aldeias Históricas de Portugal* e, conseqüentemente, *Aldeias de Xisto* são os mais representativos no âmbito dos programas de desenvolvimento dos territórios rurais lusos. Ambos os programas partilham o mesmo cenário, encontrando as suas causas de acção nos espaços rurais mais fragilizados do interior do país, conseqüentes do persistente abandono

---

30. Aldeias Históricas de Portugal - Disponível em <http://www.aldeiashistoricasdeportugal.com/ahp.htm> - consultado a 20 de Novembro de 2014





FIGURA 15 | ALDEIA PRESÉPIO

*As Aldeias Históricas de Portugal corporizam uma estratégia de desenvolvimento e valorização, do interior da Região Centro, centrada na promoção de recursos genuínos e diferenciadores como História, Cultura e Património, enquanto factores de sustentabilidade de territórios menos competitivos em termos demográficos e económicos.*

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

TEXTO: Maria Isabel Boura, Coordenadora das Acções Inovadoras de Dinamização das Aldeias



FIGURA 16 | PIÓDÃO

Imagem do conjunto, os espaços de vizinhança e a presença da materialidade característica.



FIGURA 17 | AZUL DO CÉU

São visíveis os melhoramentos nas estreitas ruelas da aldeia, na limpeza e precisão material, nos elementos construtivos tradicionais e identitários do conjunto arquitectónico.

IMAGENS: Fotografia de Mariana Brás

demográfico, falta de planeamento e de infraestruturas mínimas, e da constante desvalorização das actividades e práticas tradicionais.

O programa *Aldeias Históricas de Portugal* foi pioneiro, nas estratégias adoptadas para as problemáticas de desvalorização e abandono destas áreas, enfatizando a reafirmação da própria identidade do interior, reforço da auto-estima das populações e promoção como lugares de visita, valorizando o significado das aldeias para o país e para a comunidade estrangeira. O projecto *Aldeias de Xisto* surge no seguimento do anterior, segundo as mesmas lógicas de valorização, mas adoptando um alvo de povoados mais específico e, por sua vez, maior.

*A diferença está nas pessoas. Os princípios e os métodos que fundamentam e desenvolvem este projecto consideram que em primeiro lugar estão as pessoas. Os habitantes das aldeias. Os novos habitantes das aldeias. As pessoas que visitam as Aldeias de Xisto. Faz parte do ADN do projecto esta forte componente humana e social.*

Aldeias de Xisto<sup>31</sup>

É de salientar o sucesso que estes programas obtiveram desde a sua concepção, no que respeita à promoção da região, bem como na dinamização das economias e actividades locais. No entanto, apesar de muito divulgadas, estas estratégias programáticas começam a desviar-se do objectivo de dar a conhecer ao visitante tudo aquilo que faz parte e caracteriza uma região, acabando por se tornarem programas demasiado temáticos, muito específicos, que condicionam até o visitante a determinadas atividades ou permanências sem qualquer tipo de interacção com o meio, ou qualquer contacto com as populações locais. Tome-se como exemplo a aldeia do Piódão, por ser uma das *Aldeias Históricas de Portugal* mais popularmente acarinhadas, localizada na

31. VARIOS AUTORES – *Aldeias de Xisto, A descoberta começa aqui*. Coimbra: Foge Comigo! 2013. p.22



FIGURA 18 | SOLIDÃO

A aldeia de Aigra Velha é composta por um pequeno núcleo de edifícios e, apesar de renovada, tem apenas uma habitante: a senhora Elsa. Habituada à solidão da sua vida diária, espanta-se perante as visitas à sua aldeia, pelo projecto das *Aldeias de Xisto*. Elsa admite ainda ficar surpresa pelo facto de procurarem e visitarem a sua terra, que na sua ideia *sem interesse nenhum* para os de fora.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 19 | PENA

A aldeia classificada apresenta uma enorme coerência de conjunto, brindado o visitante com algumas particularidades construtivas, nos seus becos e recantos.

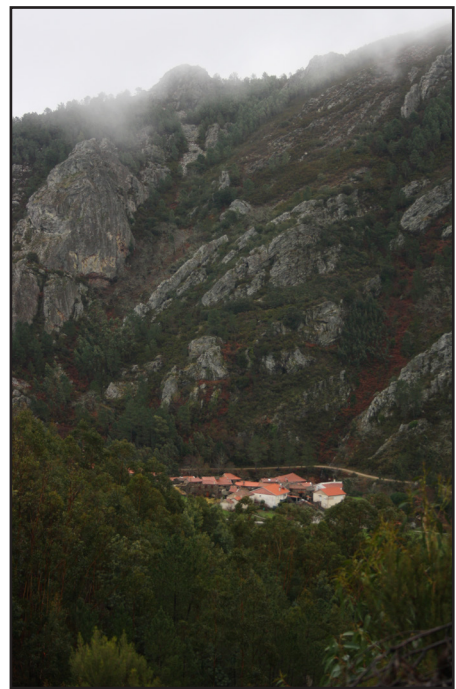


FIGURA 20 | PENEDOS

Marcada pela imponente presença dos Penedos de Góis, a aldeia da Pena apresenta-se isolada no território, com difícil acesso por estrada comum.

IMAGENS: Fotografia de Mariana Brás

região de intervenção. Se, à partida, a aldeia apresenta condicionantes fortes ao seu desenvolvimento, como o seu isolamento no território, população envelhecida, abandono e despovoamento da paisagem rural e desinteresse para investimentos exteriores, também é verdade que o programa *Aldeias Históricas de Portugal* veio solucionar grande parte destes problemas. Na dinâmica de intervenção, pela melhoria de infraestruturas, sinalização, recuperação de equipamentos públicos e implementação de novos serviços e actividades dinamizadoras, foi possível criar uma *nova economia de subsistência*<sup>32</sup>, em estreita relação com o turismo rural.

No entanto, segundo inquéritos realizados à população em 2008<sup>33</sup>, não obstante as claras melhorias construtivas e oferta de serviços, o turismo não teve o impacto mais desejado. Regista-se uma melhoria na qualidade de vida e na visibilidade da aldeia no mercado turístico, mas a população local sente os efeitos menos positivos do processo, na sua privacidade, tranquilidade e segurança no povoado. Perante estas circunstâncias, deve tomar-se as intervenções arquitectónicas de conjunto como exemplo, mas é importante reforçar a ideia de que a população não deve ser figurante no seu próprio meio, não devendo por isso ser parte de cenários de realidade criados em prole da imagem de um turismo mais rico. Não existindo uma relação de proximidade entre os visitantes e os locais, nem o incentivo à participação nas actividades tradicionais, o turismo, no seu cerne, não é completo.

32. LOPES, Inês Margarida Oliveira – *Intervenção numa aldeia numa perspectiva de reconversão. Reabilitação Rural*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013. p.30

33. CARVALHO, Paulo; CORREIA, Juliana – *Turismo, património(s) e desenvolvimento rural: a percepção local da mudança*. Lisboa: CGADR. 2009



FIGURA 21 | LOURAL VILLAGE

*We observe and give full attention to the nature of Loural; it is the greatest asset we have and which will enchant many who visit Loural. Guided by permaculture and holistic principles, we aim at linking in to the existing natural surroundings, and connecting all our needed inputs with produced outputs. We work with solutions that support our self-sufficiency and sustainability, for instance by obtaining required knowledge, replanting the original forest and filtering our waste water with reed beds.*

O projecto do *Loural Village* é da autoria dos arquitectos Carlos Santos e Ricardo Ventura, do atelier Pura Poesia, em Bordeiro (Góis).

IMAGEM: <http://balanzs.nl/retreatzs-portugal/>

TEXTO: *Loural Village*



### 4.3 | LOURAL VILLAGE

*Loural will become a home for some, and a place to return to for many of our guests and visitors. A balanced blend of permanent residents, volunteers, eco-tourists and local 'Sunday afternoon' family visits will support us in acquiring resources, skills, knowledge and an economically healthy system. We aim to serve as an example of how a more eco-friendly and human-friendly way of living can be practiced.*

*Loural Village*<sup>34</sup>

São de referir também as intervenções mais locais, específicas de um núcleo ou um conjunto de núcleos urbanizados. Constituem muitas vezes uma valorização do património arquitectónico e de diversos melhoramentos de cariz mais urbana, que tornam o núcleo mais apelativo à visita. Muitas destas intervenções, por recuperarem aglomerados abandonados na sua totalidade, não apresentam grandes resultados, por falta de dinâmicas sociais próprias, consequente da falta de habitantes locais. No entanto, existem excepções, que, de certo modo, conseguem dinamizar os lugares, recuperando as condições de habitabilidade, ao mesmo tempo que promovem a fixação de nova população.

O projecto *Loural Village*, no Concelho de Góis, é a materialização de iniciativas de desenvolvimento urbano, construtivo, mas essencialmente social e ecológico, numa perspectiva de relação directa entre população local, visitantes e natureza. É certo que, a princípio, esta iniciativa representou a abordagem de temáticas interventivas novas, dependentes de uma população local inexistente no lugar, não havendo por isso grande margem para sensibilizar as comunidades vizinhas mais conservadoras a participar neste projecto. No entanto, através

34. *Loural Village*. Disponível em <http://louralvillage.com/mission-vision/> - consultado a 24 de Novembro de 2014



FIGURA 22 | CASA COMUM



FIGURA 23 | VIZINHOS

*The original location of the houses had to be re-used and extensions of the surface of up to 20% were allowed. The village's infrastructure has been renovated to support all the new houses and the expected number of inhabitants; underground piping for running hot and cold water, underground electricity cables, optic fibre led internet and a septic tank. The mountain rock is the foundation of each house, and walls and loose stones originally quarried from the property itself have been re-used in the renovation.*

IMAGENS: Forografias de Mariana Brás

TEXTO: Loural Village



FIGURA 24 | INTERIOR

Salão de actividades e eventos, da Casa Comum



FIGURA 25 | EXTERIOR

Zona exterior da casa comum.

IMAGENS: Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 26 | CASA MIGNON

Em jeito de homenagem a todos os que outrora habitaram a aldeia, aos novos edifícios, foram dados os nomes dos antigos moradores das habitações.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

do envolvimento estratégico das camadas mais jovens e sobretudo de população estrangeira – eternos apaixonados pelos encantos rurais de Portugal, e com bastante abertura para o debate de novas perspectivas de vivência nestes lugares – foi possível organizar actividades apelativas à visita do local, promovendo o convívio, a partilha e a relação com a natureza, ambicionando a fixação de população nova, expandindo, se possível, o conceito do projecto a outros povoados.

O projecto *Loural Village*, incorpora, assim, o conceito de *permacultura*, o método holístico de planeamento e gestão de pequenos sistemas comunitários, em ambiente sustentável, relação estreita com a natureza e igual partilha dos seus benefícios. De certo modo, o sucesso destes tipo de programa garante um maior equilíbrio na vivência em comunidade, criando oportunidade de participação directa de visitantes e permitindo um maior compromisso e envolvimento de ambas as partes, seja nas actividades tradicionais e produção, seja nos eventos sociais ou mesmo na recuperação e desenvolvimento do povoado, em termos arquitectónicos e construtivos, directamente associados ao xisto, na produção agrícola, aos recursos naturais e às tradições e modos de vida.





FIGURA 27 | MUSEU DO CÔA

*A ideia era fazer um miradouro, um espaço, um palco que permitisse chegar, ver o território, que é no fundo uma paisagem classificada duas vezes: o Alto Douro Vinhateiro (ADV) e o Parque Arqueológico do Vale do Côa. A ideia era potenciar isso.*

IMAGEM e TEXTO: <http://fozcoafriends.blogspot.pt/2014/05/museu-do-coa-ganha-premio-de.html>



FIGURA 28 | MUSEU DA LUZ

*O Museu da Luz teve desde o início a Paisagem como referência na sua implantação. O museu levanta-se do chão como um bloco de xisto e aproxima-se da nova aldeia – a nascente – e da água – a poente. O projeto de arquitetura, da autoria dos arquitetos Pedro Pacheco e Marie Clément, evidencia uma linguagem erudita ao mesmo tempo que convoca a forma de construir deste território na época romana, como testemunha o submerso Castelo da Lousa.*

IMAGEM e TEXTO: <http://www.museudaluz.org.pt/0/1/index.htm>

#### 4.4 | PROJECTOS ISOLADOS

Existem ainda intervenções de escala mais aproximada, edifícios isolados que geralmente integram planos de desenvolvimento de serviços de determinado local. Museus, bibliotecas, centros de investigação ou interpretação ou centro comunitários são exemplos que ilustram este tipo de intervenção e que se tornam representativos dos lugares a que pertencem. Tornam-se ícones das localidades ou regiões e, embora por vezes sejam consideradas estranhas ao lugar, materializam a intenção de equilíbrio na relação com o seu contexto, apelando à visita dos próprios habitantes e visitantes. À luz destas intenções, tem-se como exemplo o Museu do Côa – de Pedro Lacerda e Camilo Rebelo – cuja integração na paisagem é conseguida pela sensibilidade para com a topografia e pelo diálogo com o seu contexto envolvente, e o Museu da Luz – de Pedro Pacheco e Marie Clément – que evidencia a linguagem natural da própria paisagem ao mesmo tempo que continua a expressão urbana e construtiva do lugar.

São exemplos de arquitectura contemporânea que, apesar de icónicos, representam uma consciência da essência do lugar, tornando-se parte da sua identidade, ao mesmo tempo que se tornam vínculos na promoção e motivação dos visitantes e locais.



FIGURA 29 | SEGUIR OS TRILHOS

As caminhadas e exploração do território pelos antigos trilhos pedestres representaram um reconhecimento dos lugares mais objectivo.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

## 5 | O ROTEIRO

*Sometimes the challenge is to interpret established locations each of which carries its own more or less well-known history. All along its route, the general national infrastructure encounters the local and unique, and a project must acquire a narrative function and interpret the local context.*

*Nasjonale Turistveger*<sup>35</sup>

À luz das inquietações abordadas anteriormente, pretende-se, neste capítulo, enunciar os princípios da proposta, esclarecendo os objectivos gerais e específicos na sua materialização. São inúmeras as experiências que advêm da exploração e descoberta de lugares, mas, no contexto deste trabalho, importa encontrar soluções que proporcionem as condições necessárias a essas mesmas experiências.

### 5.1 | (RE)DESCOBERTA DO TERRITÓRIO

Do mesmo modo que o Inquérito à arquitectura popular portuguesa procurou um reconhecimento de uma entidade arquitectónica única e identitária em Portugal, pretende-se um maior reconhecimento das áreas rurais, como parte integrante da nossa nação, ao mesmo tempo que aponta para novas formas de descoberta dos seus elementos característicos – o património paisagístico e arquitectónico, intrinsecamente ligado à cultura e às gentes.

Neste sentido, apela-se a um reconhecimento mais profundo dos lugares, além do que é imediato, além do que é típico, além do que as entidades turísticas oferecem e que condicionam a própria experiência do visitante. Entenda-se por isso *uma nova forma de ver o território*, nas

---

35. Nasjonale Turistveger – *Detour, Architecture and Design along 18 National Tourist Routes in Norway*. Interstate. 2010





FIGURA 30 | CAMINHADA

A viagem como verdadeira forma de entender o território.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 31 | CURVA E CONTRA CURVA

A apreensão dos lugares, numa atitude demorada, como que percorrendo e pamilhando todos cantos e curvas com que a paisagem nos brinda.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



suas mais diversas componentes, instigando a exploração, a descoberta e o envolvimento com as populações locais. Torna-se então imperativo encarar o território, não como um conjunto de partes, mas como um todo, resultante da união de todas as matérias e todos os elementos que o constituem: a topografia, a paisagem, o edificado arquitectónico, as gentes, a sua cultura e os seus modos de vida.

*Apesar de tudo, pertencendo à geração dos que lutaram pela felicidade de hoje, somos de opinião que se poderiam lançar trabalhos experimentais para regeneração do existente. E entre o pesadelo das análises do real, talvez pudessem sair sonhos realizáveis de algum ordenamento.*

Alexandre Alves Costa<sup>36</sup>

## 5.2 | OBJECTIVOS

Em determinadas características, o roteiro proposto afasta-se da maioria das rotas ou programas já existentes, por contrariar as temáticas isoladas que muitas vezes são a cara destas iniciativas. Não se pretende criar cenários rurais aliciantes em prole de um dito *turismo rural*, mas sim criar as condições e estímulos necessários que possibilitem a visita, a exploração, a participação das populações e, acima de tudo, a aproximação das realidades culturais e sociais, na região e no país. Este princípio permite definir as várias dimensões do roteiro, a partir das quais são exploradas as experiências do visitante e dos locais, tal como é referido no trabalho de Mariana Calvete, para a concepção das diversas *itinerâncias da memória*<sup>37</sup>.

36. Citado em: ALVES COSTA, Alexandre – *Identidade Nacional e Património Construído – Arquitectura, Cidade e Território*. Comunicação efectuada a 18 de Abril de 2009, no auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, no dia Internacional dos Monumentos e Sítios, sob o tema geral *O Património como Oportunidade e Designio*

37. CALVETE, Mariana – *Itinerâncias e Percursos da Memória, Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. 2013. p53. A autora enumera os diversos princípios que basearam a concepção das Itinerâncias da Memória: continuidade (enquanto noção do território no seu conjunto), demorar-se (deslocação lenta e paragem nos lugares), espaços entre (transição de vários níveis de experiência),



FIGURA 32 | VER ALÉM DO IMEDIATO

*O que importa não é a verdade, a beleza ou a justiça de cada coisa olhada isoladamente; o que importa é o que resulta da relação entre as coisas, da ligação entre as coisas.*

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

TEXTO: Gonçalo M. Tavares - *Opúsculo 14, Arquitectura, Natureza e Amor*



FIGURA 33 | DEMORAR-SE

*(...) Importa que a itinerância crie um imaginário associado à deslocação lenta e à paragem. (...) Fazer um desvio, demorar a percorrer, demorar a entender, demorar para conversar, demorar para reflectir e criar laços: fugir às auto-estradas e revitalizar pontos ao longo das estradas nacionais, para que na interacção entre o movimento e a paragem se proporcionem experiências de reconhecimento cultural.*

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

TEXTO: Mariana Calvete

*Itinerâncias e Percursos da Memória*

Em primeiro lugar, como referido anteriormente, é importante que a proposta integre uma noção de continuidade, que se pretende para todo o roteiro, de modo a evidenciar as lógicas e estratégias de intervenção coerentes, promovendo uma visão do território mais completa, pela interligação das diversas camadas que o compõem. Neste sentido, o roteiro torna-se no elemento unificador de todos os componentes que formam a nossa terra - pelos seu elementos naturais, pelos homens, e pela estreita relação entre eles – ao mesmo tempo que promove o momento de encontro entre realidades.

Em segundo lugar, é importante estimular o viajante à descoberta de lugares e estruturas antigas, que apesar de *camufladas* e menos convencionais da região, proporcionam experiências de reconhecimento mais fiel da realidade cultural desta região. O incentivo ao percurso em caminhos secundários, como que desvios de um eixo principal, alicia o viajante a parar, a contemplar, a perder-se e a demorar-se na sua própria experiência, e permite o afastamento de estradas e autoestradas rápidas que, apesar de levarem o visitante a qualquer ponto do território, isolam-no na *bolha automóvel*<sup>38</sup>, impedindo-o de viajar verdadeiramente. Por consequência, é pertinente que as intervenções propostas se tornem em elementos charneira, lugares e estruturas intermédias, entre o universo rápido do automóvel e o mundo vagaroso do caminheiro, que lancem pistas de um percurso, sem grandes condicionantes, que é definido pelo próprio viajante.

Do mesmo modo que se enunciam os princípios específicos para a delineação do roteiro, enquanto principal vínculo de exploração do território, é também essencial apontar as estratégias de concepção das

---

inspiração (novas formas de intervenção, ara motivar este tipo de experiências), recuperação (equilíbrio entre reabilitação e visão contemporânea), o viajante (o público alvo das itinerâncias), e actores locais e viajante (relação entre as duas realidades).

38. CALVETE, Mariana – Itinerâncias e Percursos da Memória, Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. 2013. p55



FIGURA 34 | PARTICIPAÇÃO DOS HABITANTES LOCAIS

Os habitantes locais são os principais promotores dos diversos lugares, e, embora tenham um enorme sentido de pertença para com a sua terra, muitas vezes carecem do entendimento do valor cultural que o seu território possui. Neste sentido, as intervenções na sua terra devem ser informadas, tendo consciência de que é impreterivelmente necessário o diálogo com os habitantes, possuidores da sua génese, da cultura e das estórias que configuram a memória dos diversos lugares. A sua participação nos processos interventivos - arquitectónicos, sociais ou culturais - é fulcral para o sucesso destas iniciativas.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

intervenções a uma escala mais aproximada.

Do ponto de vista programático e de linguagem construtiva regional, é importante preservar, acima de tudo, a imagem dos lugares, à luz das boas práticas de reabilitação. Apesar de existirem grandes conflitos nas diversas ideologias nesta temática, é relevante que se estabeleçam princípios interventivos que, por um lado, incentivem o uso dos recursos locais, materiais e humanos, e por outro, permitam novas formas de utilização do existente. Deste modo, é possível garantir que a presença da aura e da imagem nos diversos lugares não são afectadas ou diminuídas. Do ponto de vista social e humano, é importante que se entenda o público alvo e os intervenientes destas propostas, uma vez que as intervenções representam novas formas de olhar o território, cujos resultados surgem pela relação que se estabelece entre as entidades – os lugares, as gentes e o viajante. É essencial que estes programas sejam explorados por autodidatas, motivados pelo conhecimento e descoberta cultural dos lugares, e não pelo típico visitante *que procura o entretenimento fácil e as experiências imediatas*<sup>39</sup>, condicionado pelas actividades e visões predefinidas pelas entidades turísticas. Pretende-se, com este trabalho, dar pistas à exploração dos lugares, garantindo porém que o viajante prepare e construa a sua própria experiência e os seus objectivos, e não limitá-lo na sua descoberta.

Por outro lado, a participação das populações locais nestes programas é imperativa e imprescindível. As intervenções ou estruturas propostas não devem ser acções ou objectos exteriores às dinâmicas existentes nos lugares e nas populações, mas antes representar um ponto intermédio entre universos diferentes, devendo constituir espaço de encontro de realidades culturais, partilha de estórias e testemunhos e transmissão de saberes, com o propósito de promover a participação e envolvimento dos locais no processo de construção da memória dos lugares. Se é verdade

---

39. Idem p.57



que a essa memória é construída pelas experiências mais imediatas de cada indivíduo, também é verdade que a partilha e os testemunhos constituem a memória colectiva das *gentes*, que contribuem para um completo reconhecimento dos lugares, ao mesmo tempo que valorizam as suas vertentes sociais e culturais.

Neste sentido, além da importância do desenho arquitectónico cuidado e informado que mantenha a imagem dos lugares, é necessário consciencializar as populações do valor das suas *terras* e do património cultural que representam, tornando-as parte do processo interventivo, *fazendo com que se sintam donas desses locais e assim motivadas a protegê-los*<sup>40</sup>. Na verdade, os habitantes são os principais agentes que activam estas iniciativas, e por isso mesmo, devem ser incitados a que, consequentemente, possam também eles promover estas ideias, como suas, como seu espólio cultural e social.

As intervenções devem, em suma, constituir benefícios para as populações locais, através do aumento da qualidade de vida, melhoria do espaço público e acessibilidades, oportunidades de desenvolvimento económico (comércio e actividades tradicionais) e reabilitação de estruturas, com programáticas apropriáveis pelos locais, adaptadas às suas necessidades.

---

40. Idem p.57

### 5.3 | PROCESSO E METODOLOGIA

No decorrer deste tipo de trabalhos, muitas podem ser as motivações na escolha das temáticas a abordar. Além da comum vontade de desenvolver os conhecimentos em áreas menos exploradas no meio académico, existe também uma grande familiaridade para com a região escolhida e para com os seus habitantes. Por um lado, a visita aos lugares foi mais informada e o contacto com as populações e algumas entidades administrativas tornou-se mais directo, embora, em muitas situações, não tenha sido fácil. Por outro, só foi possível garantir uma posição objectiva face às áreas de intervenção através de viagens de revisita aos lugares, com o intuito de confirmar ou desacreditar as ideias preconcebidas, à semelhança da postura dos locais. Estas viagens, entre lugares mais familiares e outros menos conhecidos, tornaram-se fundamentais na sua compreensão, nas carências e nas oportunidades nos diversos sítios do território, ao mesmo tempo que se foram esclarecendo as ideias e os princípios da proposta, complementadas em conversas e partilhas de testemunhos com a população local e outras entidades.

#### 5.3.1 | FORO ACADÉMICO

Dado o carácter académico deste trabalho, é necessário balizar a sua estrutura de forma realista, para a sua concepção final. Apesar de ter uma aplicabilidade alargada à escala nacional, o foco na região escolhida sempre foi claro, embora tenha sempre havido uma necessária e óbvia restrição das zonas de intervenção. Desta forma, o processo foi sempre uma constante aproximação e afastamento, no decorrer nas (in)certezas que se foram instaurando. O olhar objectivo, mas não menos apaixonado, foi crescendo à medida que o testemunho pessoal e as teorizações formais se conciliavam. Por um lado, a experiência pessoal, no reconhecimento da região, bem como o habitual contacto com os habitantes e as suas histórias, permitiram que as preocupações se tornassem

também pessoais e garantiram que a motivação para o arranque e desenvolvimento deste trabalho nunca esmorecesse. Por outro, o acompanhamento dos professores orientadores foi essencial, na criação das ferramentas teóricas e projectuais, para a materialização científica de todas as intenções de trabalho. Contudo, as ambições que cresceram no desenrolar do projecto vão para além do foro académico

### 5.3.2 | AMBIÇÕES

Por um lado, acredita-se que, perante o cenário nacional que hoje em dia leva ao confronto de novas realidades e delineação de novas estratégias operativas, é necessário começar a incentivar a abordagem destas temáticas, ainda em ambiente escolar, de modo a abrir horizontes para cenários realistas e criar estímulos para o trabalho em áreas menos exploradas, abrindo o debate para novas ideias. Assim, o pensamento teórico deveria incorporar outros contextos operativos, como os territórios rurais e a paisagem cultural, enriquecendo o ensino das escolas de arquitectura.

Por outro lado, pretende-se que estas iniciativas façam parte de planos interventivos das organizações administrativas, sensibilizando-as para a realidade que enfrentamos actualmente. Nesse sentido, a sensibilização destas entidades para a importância do diálogo, a partilha de informação e o debate informado, deve estar na base da comunicação destas estratégias para fora da especialização académica, num discurso inteligível tanto para as instituições como para os habitantes locais, fazendo-os todos parte do processo. Pretende-se, então, abrir espaço a novos princípios interventivos nestas áreas rurais, partilhando este trabalho nas diversas organizações.



## UM ROTEIRO PARA A SERRA BEIRÃ

Novos traçados e reabilitação dinamizadores de uma região



FIGURA 35 | UMA MANHÃ SOLARENGA

Montes e vales típicos do território beirão, captados no posto de vigia em São Pedro do Açor

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

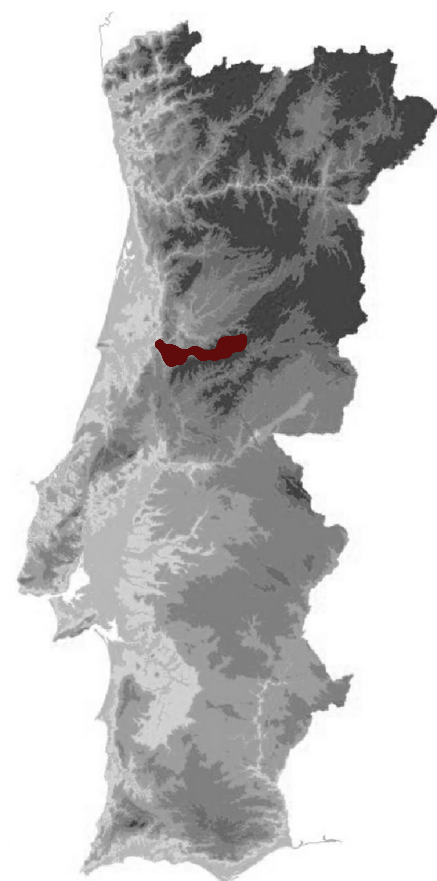
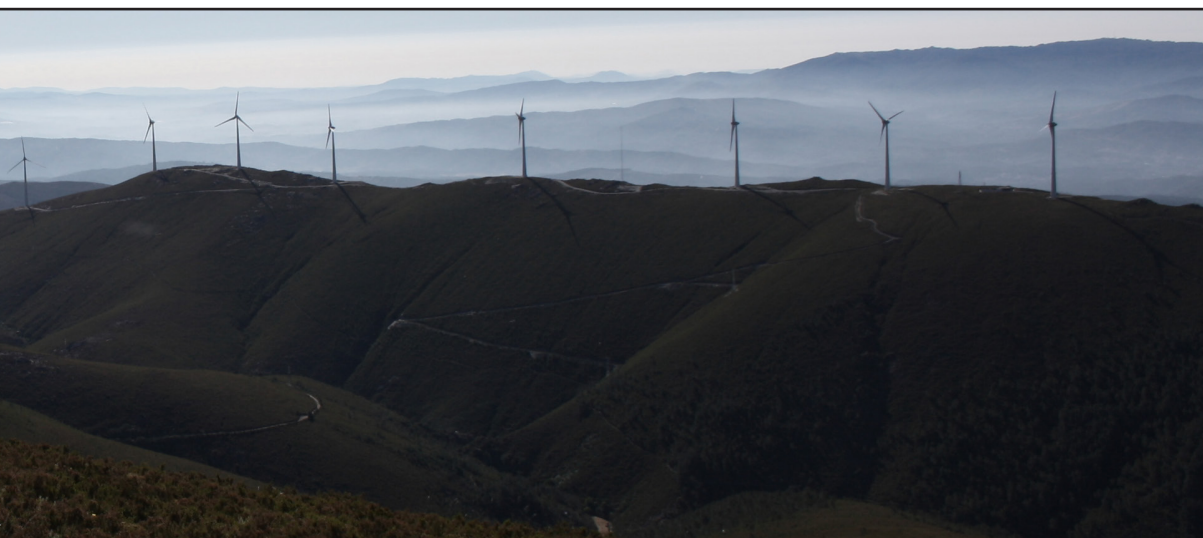


FIGURA 36 | ESCALA REGIONAL

O Roteiro do Ceira, no entendimento de uma intervenção à escala regional, no centro de Portugal.

IMAGEM: Elaborado por Mariana Brás



## **CAPÍTULO III | O PROJECTO**

Este capítulo procura então ser o culminar das ideias desenvolvidas e apresentadas anteriormente, expondo o trabalho na sua componente projectual. É a apresentação de todo o processo de concepção do roteiro proposto, desde a escolha do território à intervenção à escala do edificado.

### **6 | O TERRITÓRIO – A SERRA**

A serra beirã é um dos territórios pouco valorizados de Portugal. Por um lado, se a região escolhida tem um vasto potencial de atracção nacional, também é verdade que está pouco divulgada, mesmo entre portugueses. Por outro, poucos têm sido os esforços feitos para repensar as estratégias que se assumem como uma nova forma de reconhecimento do lugar e que promovam, assim, a sua descoberta, dando a conhecer o seu carácter identitário, tornando-a acessível a todos e evitando direccioná-la apenas a uma *elite turística*.





FIGURA 37 | VALE DO CEIRA

Prio Mendes, Vale do Ceira, no Concelho de Góis.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 38 | POR ENTRE A MATA

Mata da Margaraça, área protegida.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 39 | NATUREZA PITORESCA

Fraga da Pena, nos seus momentos de sossego e pouca procura, durante o período de inverno.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

## 6.1 | SINGULARIDADES

*A região das serras da Lousã e do Açor, onde avultam as povoações de Lousã, Góis e Arganil, é bem representativa das mutações a que deram lugar os combates da Reconquista e a implantação de vários senhorios. (...) Mas a imponência na natureza, sobretudo nas montanhas que dominam estas povoações, é bem mais vasta do que a obra humana.*

José Mattoso [et al]<sup>41</sup>

Apesar de estar à beira da grande Serra da Estrela, o território em questão, composto essencialmente pela Serra do Açor e pela Serra da Lousã, está repleto de singularidades que resultam da sua morfologia montanhosa e possui tesouros que começam a ter já alguma divulgação por parte de instituições turísticas, como é o caso dos vales do Alva e do Ceira, *que encantam os viajantes, ora pelas suas margens frondosas junto a torrentes de água límpida, ora pelo seu traçado sinuoso apertado entre as altas vertentes*<sup>42</sup>, a selvagem queda de água da Fraga da Pena e os povoados de xisto. Existem áreas florestais protegidas como a Mata da Margaraça, que ainda preserva a sua vegetação primitiva, e vestígios de construção romana, nomeadamente os antigos caminhos, e é pontuada por antigas minas que remontam à era industrial.

*Por todas estas paragens a natureza resiste sem dificuldades à intervenção do homem*<sup>43</sup>. Uma das características que mais identifica o meio rural, tal como refere José Mattoso, é a adaptação do homem ao meio natural, forçando-o a encontrar estratégias e soluções de sobrevivência com as condições que a Natureza lhe oferece, quase sempre pouco favoráveis. Nesta lógica, os marcos humanizados de um território adquirem uma

41. MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte - *Portugal, O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Temas e Debates. 2010. Pg. 290-291

42. Idem p.291

43. Idem p.291





FIGURA 40 | GEOGLIFO DA ESPADA

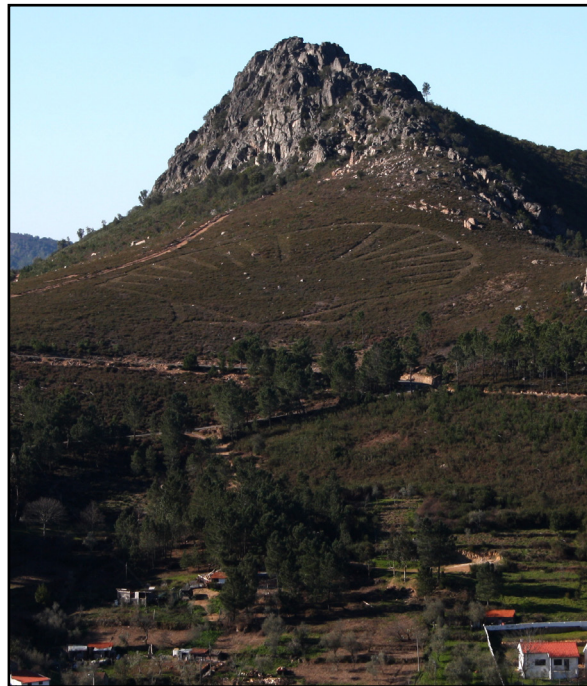


FIGURA 41 | GEOGLIFO DA CONCHA

Os símbolos de Santiago marcados neste território são únicos e motivo de grandes inquietações, quanto à passagem dos Caminhos para Compostela. No entanto, as marcas e as pistas que existem na zona são significativos.

*Os caminhos para Santiago de Compostela foram historicamente tantos, que provavelmente fica além das nossas capacidades do século XXI descobrir todos. Sabemos através de estudos e investigações que Góis está situado numa destas velhas rotas peregrinas. Actualmente, a espada de Santiago na encosta de Góis demonstra-o.*

*Lendo e/ou consultando os vários historiadores e as várias obras literárias, desde a Alta Idade Média, até aos nossos dias, acerca dos itinerários ou caminhos de "Santiago de Compostela", provavelmente, ainda hoje, no século XXI, não teremos um conhecimento perfeito e total, de todos esses "caminhos"(...) Poderemos fazer as seguintes conjecturas? Estará realmente, a vila de Góis, situada numa dessas velhas rotas peregrinas?*

IMAGENS: Fotografias de Francisco Mendes

TEXTO: Góis Real Estate Company e Professor João Alves Simões, em:

[http://www.goisproperty.co.uk/portugues/regiao%20de%20Gois/Santiago\\_de\\_Compostella.html](http://www.goisproperty.co.uk/portugues/regiao%20de%20Gois/Santiago_de_Compostella.html)

dimensão patrimonial importante, na medida em que são considerados símbolos e signos que o tornam único, igual a nenhum outro. No caso do território escolhido, segundo o autor, os vales banhados pelos rios e ribeiros silenciosos, os seus estreitos caminhos escondidos pelas misteriosas matas e as suas transformações na topografia serrana compõem a característica imagem beirã. No entanto, esta estende-se além destes elementos.

## 6.2 | SÍMBOLOS

No que toca ao reconhecimento geral de uma certa região, são determinados elementos ou características que se prendem à sua imediata associação a memórias, a imagens, a estórias, que rapidamente de tornam os seus símbolos ou ícones. Neste particular território da beira, o xisto assume-se como protagonista na história dos lugares, sendo identificado nas tipologias arquitectónicas, nos seus métodos construtivos, na produção agrícola, nos recursos naturais e nas tradições e modos de vida. É sem dúvida um dos símbolos que fica retido na memória de quem visita ou permanece na beira. Contudo, não é o único.

A dimensão religiosa integra também um conjunto importante de simbolismos que ligam as *gentes* ao lugar, na adoração e celebração nos *altos lugares*, bem como ao longo dos tortuosos caminhos que percorrem a Serra. Os mais curiosos signos encontrados neste território são os *geóglifos* da Espada (Góis) e Concha (Fajão) de Santiago, que levam a crer que os antigos Caminhos para Santiago de Compostela tiveram uma importância extrema nesta região, e que ainda hoje são mantidos como preservação de uma memória de um passado marcante, pois estes caminhos singulares, muito além das motivações sagradas dos viajantes, abriram portas para a exploração dos territórios, bem como a novas formas de descoberta e reconhecimento dos mesmos.



FIGURA 42 | PAISAGEM HUMANIZADA

*A cultura é assim a natureza a que retirámos o medo, como se este fosse uma substância, e esta substância desaparecesse como o acto de medir. Medir é apagar a floresta, é fazer o seu desaparecimento. Fazer desaparecer a Natureza ou ter a ilusão de que ela desapareceu é a marca da cidade. Um vaso de flores não é uma floresta: Podemos rodear o vaso - o que não é uma síntese da natureza, mas uma redução - podemos rodear o vaso, mas não rodeamos a floresta - só se estivermos exteriores a ela - somos sim rodeados pela floresta. Percorrer algo é digerir. Digerimos o vaso, somos digeridos pela floresta quando nela nos perdermos.*

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

TEXTO: Gonçalo M. Tavarres - *Opúsculo 14, Arquitectura, Natureza e Amor*. p.4



### 6.3 | PAISAGEM CULTURAL

Se por um lado, no passado, a preservação dos lugares vivia em estreita relação ao património arquitectónico, agora liga-se cada vez mais à paisagem, aos territórios humanizados e aos saberes. Assim, esta valorização dos meios rurais ganha um novo sentido, também pela estima das singularidades e dos símbolos que configuram e dão nome aos lugares. Deste modo, os lugares tornam-se pertences humanos, na medida em que há algo a preservar e a manter, apelando ao conceito de *terra*. Tornam-se testemunhos da própria influência humana e símbolos numa paisagem que é humanizada, que é cultural e que é património. O património das *gentes* que a habitam. *A sua terra, a nossa terra*.

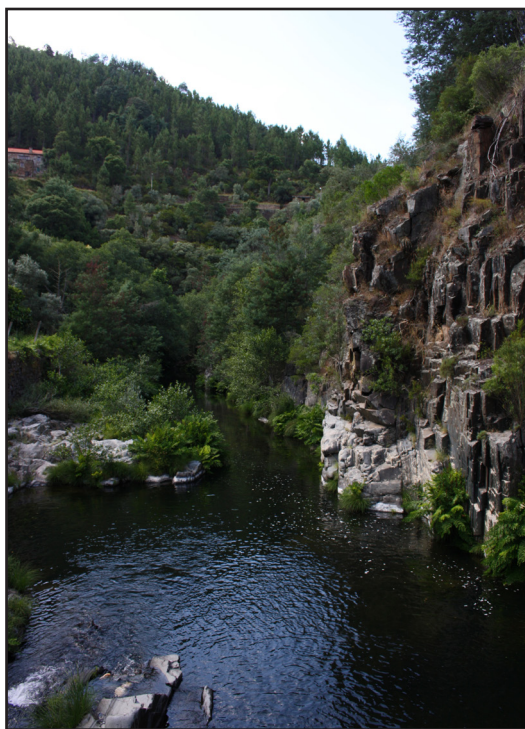


FIGURA 43 | O RIO DA MINHA ALDEIA

(...)

*Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia*

*E para onde ele vai*

*E donde ele vem.*

*E por isso, porque pertence a menos gente,*

*É mais livre e maior o rio da minha aldeia.*

*Pelo Tejo vai-se para o Mundo.*

*Para além do Tejo há a América*

*E a fortuna daqueles que a encontram.*

*Ninguém nunca pensou no que há(está) para além*

*Do rio da minha aldeia.*

*O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.*

*Quem está ao pé dele está só ao pé dele.*

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

TEXTO: Poema de Fernando Pessoa

## 7 | ROTEIRO DO CEIRA

*Mais do que encontrar a opção mais rápida de passar (...), interessa encontrar a estrada com mais história, aquela que contém em si a maior possibilidade de perceber, para além da beleza da paisagem, os rituais de cada movimento.*

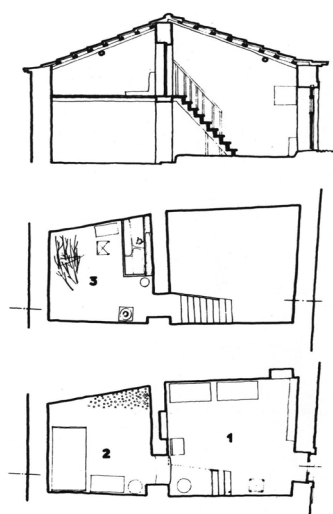
Mariana Calvete <sup>44</sup>

### 7.1 | RIO CEIRA: O CORAÇÃO DA SERRA

Retomando aos limites e à morfologia da própria serra, apesar de ser delimitada pelos nobres rios Zêzere e Alva, é o modesto rio Ceira que constitui o coração do território em questão. É nas suas margens que se encontram muitos dos marcos de relação do homem com a paisagem, muita da construção típica da beira xistosa e singularidades que elevam este rio a um estatuto, de certo modo, mais *digno*. Sem nunca menosprezar as virtudes que advêm dos outros dois elementos, pois neles está presente muito do património paisagístico e cultural que caracteriza este território, o rio Ceira torna-se mais aliciante, pelas possibilidades que oferece na sua (re)descoberta, na sua componente natural, ligada ao mistério dos caminhos sinuosos que lhe são adjacentes, e às povoações que nele vão tocando, pontuando-o nas suas diversas formas. De certa forma, encarou-se então o rio Ceira como a principal estrada deste roteiro.

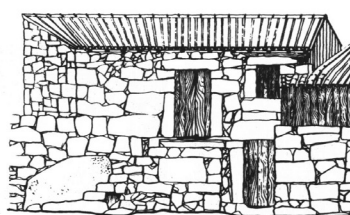
---

44. CALVETE, Mariana – *Itinerâncias e Percursos da Memória, Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. 2013. p.97



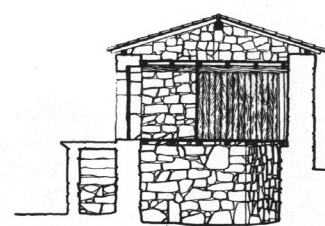
MALPICA DO TEO, CASTELO BRANCO. Uma habitação típica

- 1 — SALA COMUM
- 2 — QUARTO
- 3 — COZINHA



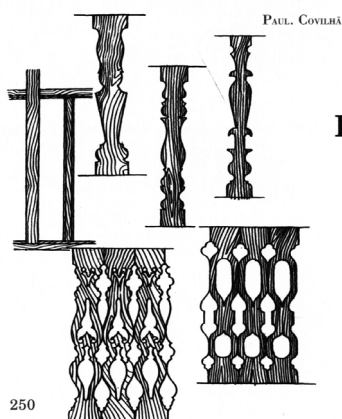
P.14

VALE DE IGREJA, SEIA. Habitação

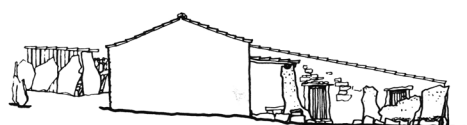


P.1

- 1 — LOJAS (ARRECADAÇÕES)
- 2 — CURRAL
- 3 — ENTRADA
- 4 — COZINHA
- 5 — ALCOVA
- 6 — QUARTO



D



NAVE DE HAVER, ALMEIDA. Habitação

- 1 — ALPENDRE
- 2 — ENTRADA
- 3 — SALA COMUM
- 4 — ALCOVA
- 5 — COZINHA
- 6 — ARRECADAÇÕES

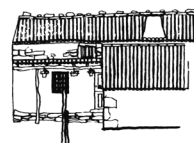


FIGURA 44 | ARQUITECTURA VERNACULAR

A traços largos, os povoados da Beira impressionam pela relação estreita que mantêm com o meio natural - rude, pedregoso e pobre -, pela preponderância do factor agrícola, pela estrita economia das soluções, pelo primitivismo, a irregularidade e emprego dos materiais de mais fácil aprovisionamento local, com predomínio da pedra. Nas vilas maiores e nas cidades, não são claras as imposições do meio. O factor agrícola é menos evidente, a malha urbana mais regular e os edifícios, de feição mais rica, erudita e desenraizada, ganham em aparato o que perdem em carácter.

IMAGEM e TEXTO: Arquitectura Popular em Portugal

## 7.2 | ESTRATÉGIA E DESENHO

*Nos edifícios, nas cidades ou no território sempre humanizado, a arquitectura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer-se-á que a linguagem se adapta à realidade para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a transformação chama-se Arquitectura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitectura contemporânea, dizemos nós.*

Álvaro Siza<sup>45</sup>

No traçar destes trilhos e caminhos, ficou claro que as características físicas do território e as suas singularidades condicionam percursos desta natureza. Não se trata apenas de percorrer uma determinada distância e dar a conhecer os sítios típicos, mas sim de entender as diferentes formas de explorar um mesmo território, descobrindo-o em diversas sequências espaciais: observação, contemplação, paragem e exploração. Desta forma, torna-se evidente que, muito mais do que um caminho linear entre um início e o fim, o *Roteiro do Ceira* oferece uma variedade de explorações, flexíveis e apropriadas ao vários caminheiros, entre partes de percurso circulares, aos pequenos desvios a partir do eixo principal, acompanhando sempre, de perto ou de longe, o rio Ceira.

45. Citado em: ALVES COSTA, Alexandre – *Identidade Nacional e Património Construído – Arquitectura, Cidade e Território*. Comunicação efectuada a 18 de Abril de 2009, no auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, no dia Internacional dos Monumentos e Sítios, sob o tema geral *O Património como Oportunidade e Designio*

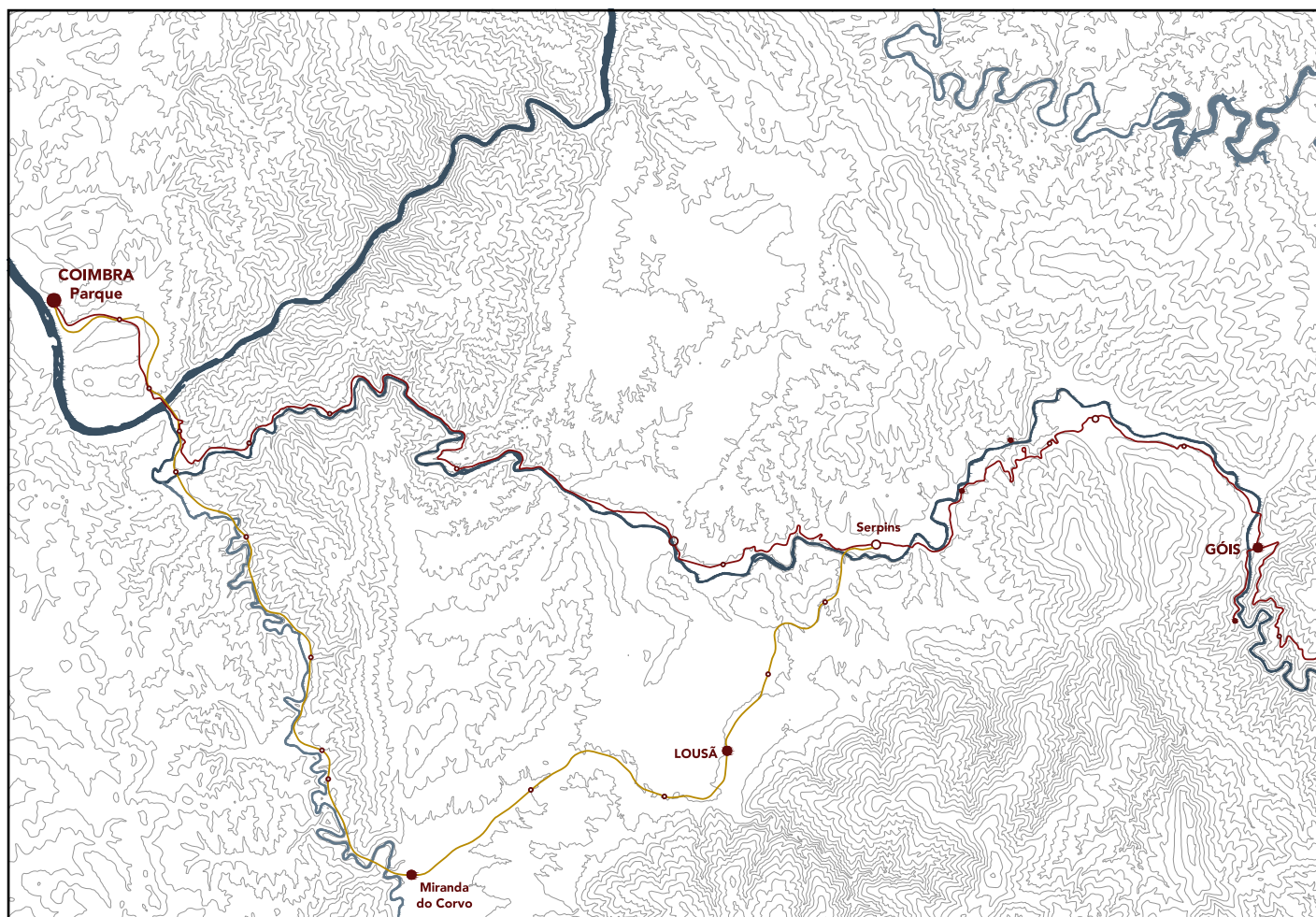


FIGURA 45 | ROTEIRO DO CEIRA

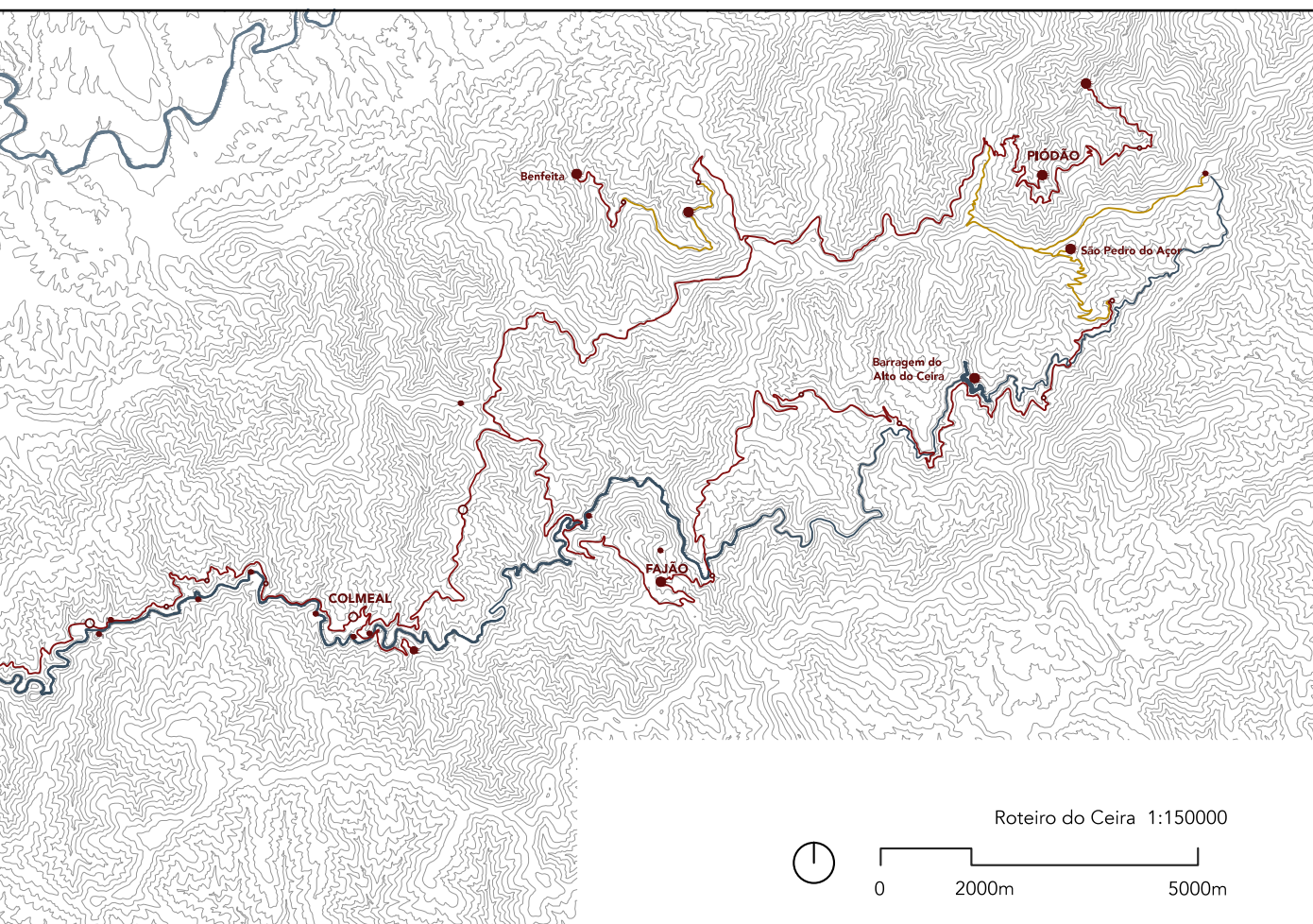
O Roteiro do Ceira completo, com o seus lugares de destaque, eixos principais e desvios.

IMAGEM: Cartografia à escala 1:150 000, elaborada por Mariana Brás



## UM ROTEIRO PARA A SERRA BEIRÃ

Novos traçados e reabilitação dinamizadores de uma região



## 8 | A (RE)DESCOBERTA

Apresenta-se agora o processo de abordagem e percepção da serra beirã, apontando as escolhas dos lugares e as intervenções que, acima de qualquer outra razão, assumem-se como vínculos de desenvolvimento das terras e das gentes que a habitam, promovendo a visita, a permanência e, se possível, a fixação de nova população. De acordo com a ideia de (re)descoberta de um território enunciada anteriormente, o *Roteiro do Ceira* apresenta-se como um conjunto de possibilidades de percorrer e explorar a paisagem beirã, bem como de interagir com as populações locais, participando nas actividades e tradições que caracterizam a sua vivência.



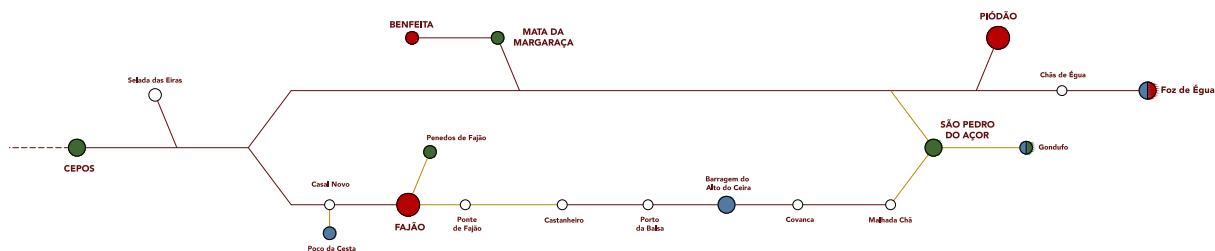


FIGURA 46 | ALTOS LUGARES

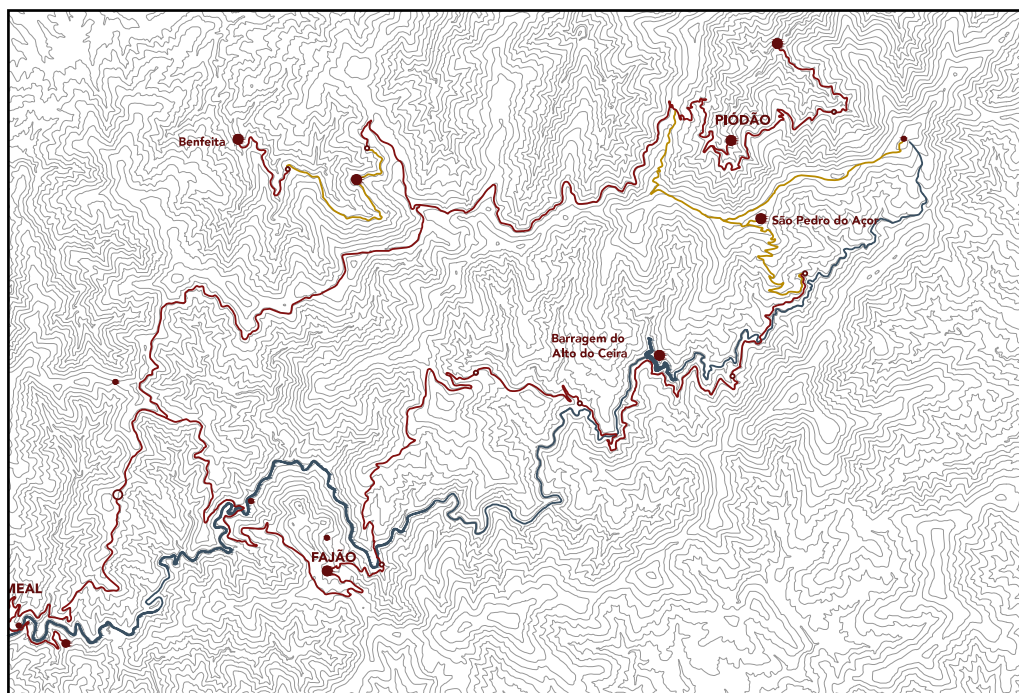


FIGURA 47 | ALTOS LUGARES

IMAGENS: Esquemas e Cartografia elaborada por Mariana Brás

## 8.1 | OS LUGARES

A partir das diversas viagens realizadas e do estudo da própria cartografia do território, tornou-se claro que, ao invés de assinalar cada aldeia ou cada marco paisagístico como elementos a visitar, importa destacar os *lugares-charneira* do território, os pequenos grandes tesouros que apelem à sua visita e, conseqüentemente, à da sua envolvente. O território em questão está muito pontuado destes lugares, mas é necessário talhá-lo, de acordo com os modos e as possibilidades de percurso e exploração do mesmo. Assim sendo, foi crucial uma divisão por zonas ou etapas, aliada às características topográficas da região e à dificuldade do seu percurso.

Optou-se então por delimitar a região em três zonas - os *altos lugares*, os *médios lugares* e os *baixos lugares* – sendo que esta divisão prende-se essencialmente a razões menos poéticas ou fenomenológicas e muito mais de carácter empírico, considerando-se parâmetros da geografia do território. Desta forma, os *altos lugares* caracterizam-se pela grande amplitude altimétrica do terreno, sendo apenas percorriáveis de automóvel; os *médios lugares* apresentam uma altimetria mais equilibrada, permitindo, além do automóvel, uma exploração de bicicleta e pedonal; os *baixos lugares* caracterizam-me por uma altimetria bastante reduzida, possibilitando, além de todas as outras formas de exploração, a presença de ferrovias.

No entanto, esta estratégia de repartição do Roteiro do Ceira é passível de ser interpretada, no âmbito da relação humana com a paisagem, tanto na sua componente paisagística/topográfica - em que efectivamente os *altos lugares* ficam no *alto*, a cotas elevadas como se referiu atrás, mas também através da sua amplificação fenomenológica, que contaria mais a importância simbólica e a experiência estética, por vezes da ordem do *sublime*, de cada um destes *altos lugares* (ou *médios* e *baixos*).



FIGURA 48 | BAIXOS LUGARES

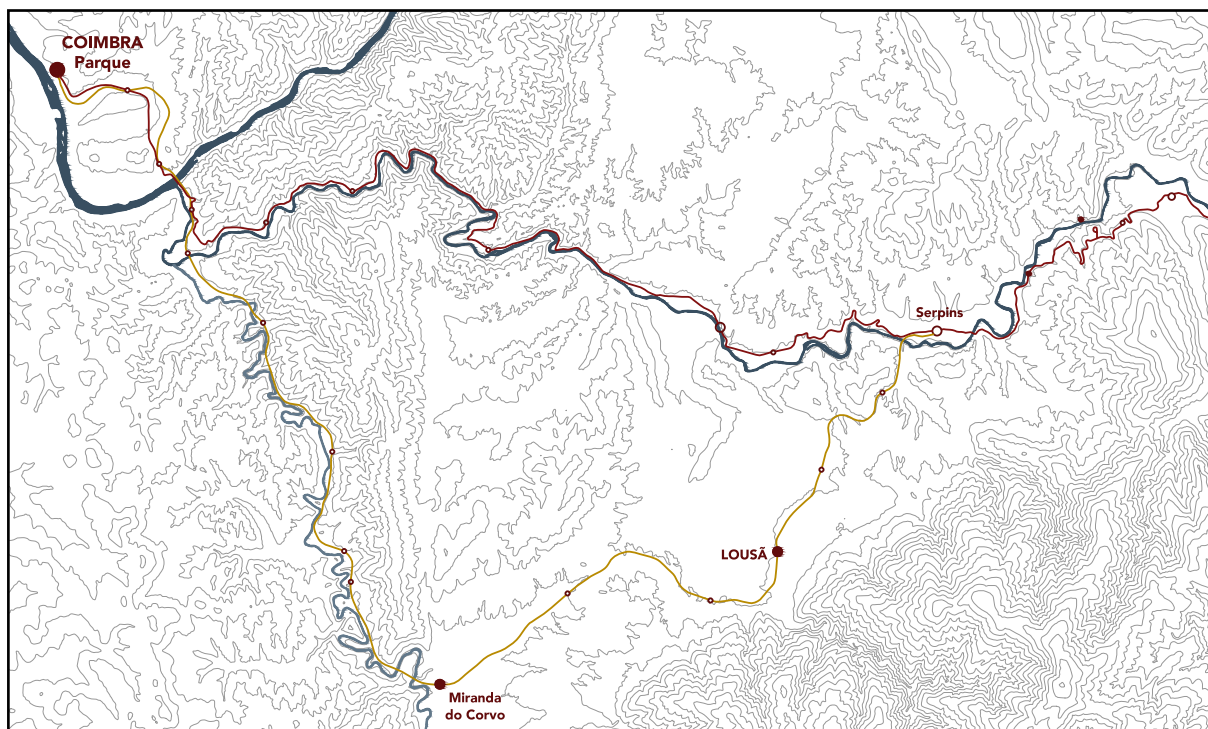


FIGURA 49 | BAIXOS LUGARES

IMAGENS: Esquema e Cartografia elaborada por Mariana Brás

*O que é que a montanha convoca? Convoca a proximidade com o Céu ou com os astros (as estrelas, a Lua ou o Sol). Nela o ar é mais fresco; ou move-se e sente-se, no vento poderoso que lambe as vertentes; Sobre ela voam as aves; e nela habitam. A montanha portanto a ascensão, e os elementos: a água, o ar, e o perigo das entranhas ocultas, subterrâneas, infernais e fogosas. Domina e concentra estes quatro elementos. Pode, antinomicamente, parecer protectora e dispensadora de bens; mas pode também ser subitamente perigosa, fria, sombria e nocturna. Encerra na sua modelação, os vales despídos ou os vales férteis, o corgo ou o riacho; e as árvores. Erguem-se para o Céu, como pilares, e assumem logo o estatuto de escadas mágicas. A serra ou a montanha são como que uma radicalização da natureza, como o homem sempre soube. E nessa radicalização se encontra a possibilidade de “contacto” com Deus. Nos lugares ermos, nos paraísos escondidos em planaltos insuspeitos.*

Paulo Pereira<sup>46</sup>

De acordo com Paulo Pereira, a expressão *altos lugares* decorre de um galicismo, sendo que, *hauts lieux* (à letra *altos lugares*) consiste numa atribuição de um valor elevado – no sentido antropológico e até religioso do termo - designando, na língua francesa, espaços, paisagens, monumentos, lugares singelos ou complexos, alterados pela natureza e pela acção humana, suscitando uma experiência considerada metafísica<sup>47</sup>.

46. PEREIRA, Paulo - *Altos Lugares e Montes Sagrados*, volume VI da colecção *Lugares Mágicos de Portugal*. Lisboa: Temas & Debates, p.13

47. E é assim que muitos locais de romaria, pequenos e grandes santuários, mosteiros e igrejas, constituem como que refundações desses mesmos lugares, agora cristianizados. Mas mantendo a coerência antiquíssima, vetusta, de religação ao pagus, ao território, e ao cosmos, inclusivamente fazendo corresponder as suas festas aos calendários que os corpos astrais motivaram e motivam (visíveis nas lendas e nos rituais).

Ora, muitos desses santuários encontram-se no alto dos montes, no cume das montanhas, nas cristas das serras. Alguns desses santuários acompanham a topografia altaneiro de um monte ou de um outeiro e, muitas vezes, simulam eles mesmos serem uma montanha –algo que remonta aos tempos das civilizações mais recuadas –aos Egípcios que ao construírem pirâmides procuravam emular a



FIGURA 50 | ALTOS LUGARES

Os Altos Lugares, no alto, no cumo do ermo, dramatizando a paisagem e deixando o visitante vaguear na sua imensidão, na sua imponente presença.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



Mas tal designação, nestes casos é independente da cota a que se situa o lugar (ou *onde se experimenta a estesia do subimes*, por exemplo). Contudo, neste trabalho, se a dimensão estética e religiosa/antropológica não é aplicada de forma tão linear, tal não significa que, num contexto de carácter fenomenológico, todos os lugares seleccionados nos percursos e etapas propostas não possam, em certa medida, tratar-se de *altos lugares*. Neste sentido, pode ser manifesta a potência dos sítios e passagens, dos lugares, materiais e imateriais, atmosféricos, em linhas de festo, vales sombrios, pontes, poldras, vaus dos rios, planaltos, ensolarados...

*O termo “espírito da terra” é recente e de origem anglo-saxónica. Uso-o aqui para dar conta de um conjunto de realidades que se encontram a maior parte das vezes intimamente associadas e que se relacionam com a forma como o homem foi olhando para a Terra, a foi interpretando, e lhe foi imprimindo símbolos ou criando locais onde esse espírito se manifestou ou passasse a manifestar-se. Mais do que nunca, falo aqui em “lugares”. Mas curiosamente, (...), são mais os exemplos que dou de conceitos e de temas, às vezes aparentemente “afastados” da Terra – e mais perto do Céu -...- como por exemplo o elenco de alguns dos santos mais importantes da liturgia portuguesa ou um conjunto de “ideias”- do que de lugares fisicamente identificáveis. Há, portanto, em toda esta questão, uma certa dose de imaterialidade, que é precisamente a razão pela qual a palavra “espírito” precede a palavra “Terra”.*

Paulo Pereira<sup>48</sup>

---

montanha sagrada e na Babilónia, onde se constituíam os zigurates pelos mesmos motivos. Por sua vez, creio ser infindável a quantidade de pequenos e grandes lugares de culto que se organizam no cimo de elevações já no quadro da cristianização.

PEREIRA, Paulo - *Altos Lugares e Montes Sagrados*, volume VI da colecção *Lugares Mágicos de Portugal*. Lisboa: Temas & Debates, p.14

48. PEREIRA, Paulo, *Espírito da Terra*, volume VII da colecção *Lugares Mágicos de Portugal*. Lisboa: Temas e Debates, p.15

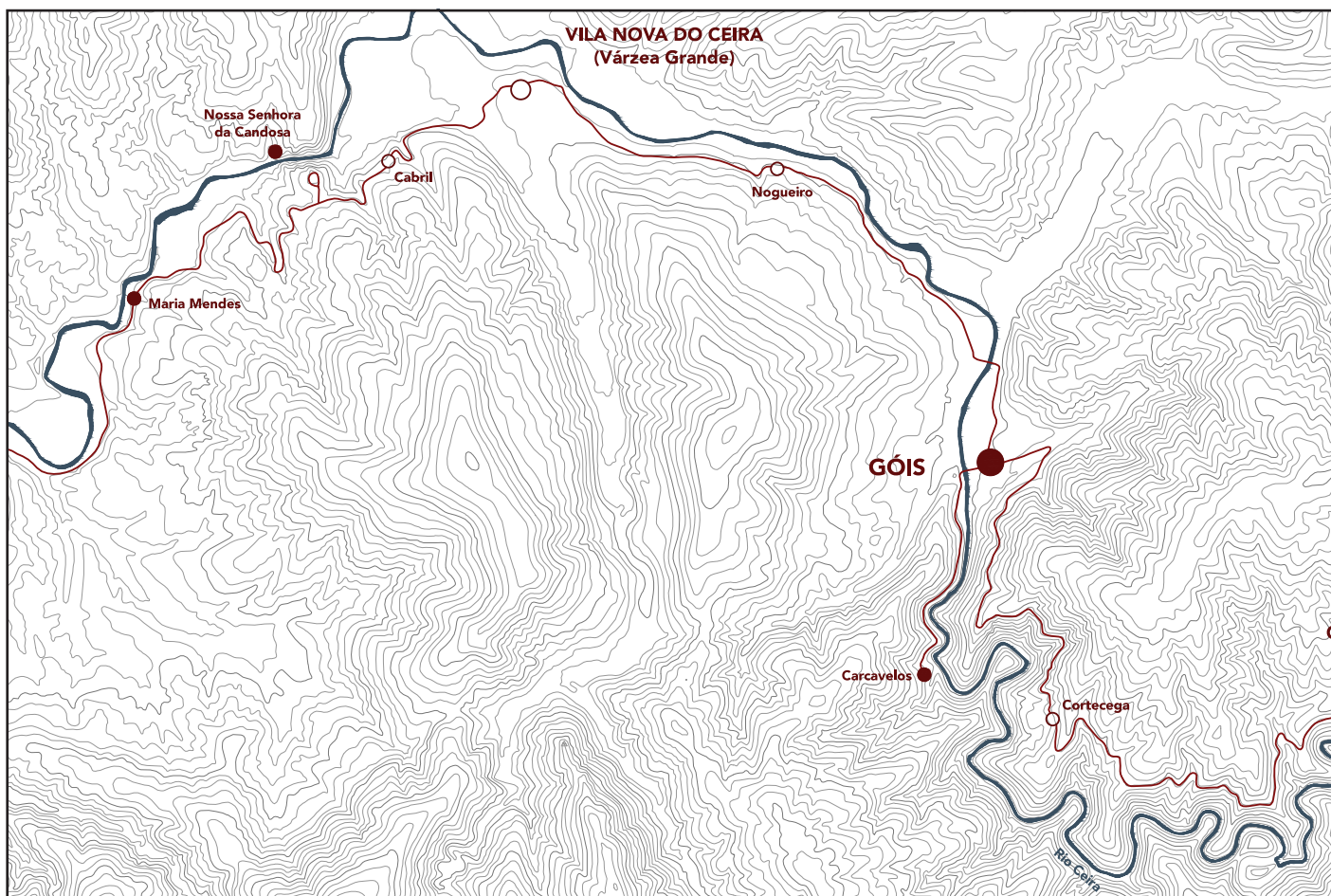


FIGURA 51 | DO MIRADOURO AO CERRO

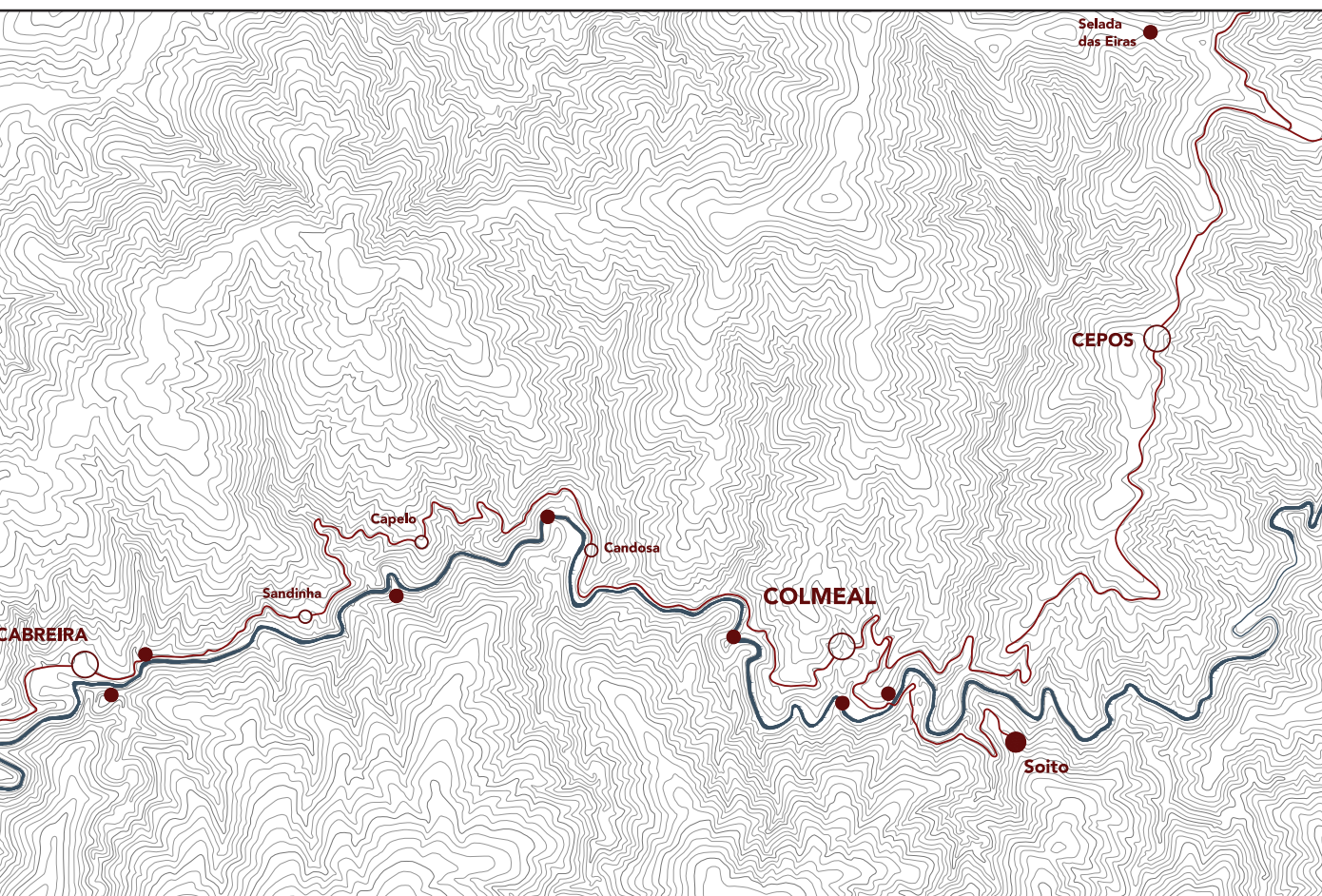


FIGURA 52 | PERCURSO

Etapas dos médios lugares, do Roteiro do Ceira, com os diversos destaques.

IMAGEM: Cartografia à escala 1:50 000, e esquema elaborados por Mariana Brás





## 9 | DO MIRADOURO AO CERRO

Ao longo das viagens de visita aos diversos pontos do território, foi possível ir delimitando as áreas de intervenção, bem como as lógicas de percurso na paisagem, em constante diálogo com o património arquitectónico e com as populações locais. Importa, acima de tudo, o destaque – um tanto ou quanto estratégico – dos lugares que, na relação que apresentam entre si e com o território, evidenciam assim os propósitos anteriormente mencionados para este roteiro. Muitas foram as paragens, as contemplações, as conversas, os trilhos escondidos e as histórias que estiveram na base do traçar do roteiro mas, embora todos estes lugares merecessem destaque, tornou-se claro que, ao invés de dar a conhecer todos os povoados, todos os marcos na



FIGURA 53 | PAISAGEM SEM LIMITES

Vista para a Serra do Açor, numa caminhada pelos antigos trilhos, perto da aldeia do Colmeal.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

paisagem ou todo o património arquitectónico, procurou-se encontrar os tais *lugares-charneira* que despertassem a curiosidade para a descoberta de mais elementos.

Existe a ambição de desenvolver o *Roteiro do Ceira*, na sua totalidade, pela coerência estratégica de desenvolvimento da região, acompanhada do desejo intrínseco de trabalhar com e para as comunidades dos contextos rurais do nosso país. Contudo, por motivos de ordem académica, o aprofundamento do trabalho foca-se nos *médios lugares*, por ser o troço do roteiro com maior variedade de percurso, com o maior número de lugares de interesse, bem como o troço com o qual se apresenta uma maior familiaridade para com o território, o património e as *gentes*.

Pretende-se, no desenvolvimento dos *médios lugares*, apontar para hipóteses de intervenção ao longo do percurso pelo território, actuando de diferentes formas, consoante os diferentes lugares. Assim, através do desenho arquitectónico, materializam-se os objectivos de um percurso desta natureza, apelando às diversas formas de (re)descoberta de um território.

## 9.1 | PONTO POR PONTO

A etapa dos *médios lugares* do *Roteiro do Ceira* desenvolve-se entre a aldeia dos Cepos (Arganil) e a Quinta da Maria Mendes (Serpins), sendo o troço que mais se relaciona com o rio Ceira, pela proximidade física ao mesmo, bem como pela presença das estruturas que dele dependem, na realização das actividades tradicionais dos habitantes e das suas vivências. O roteiro é desenvolvido em diversas formas de descoberta e reconhecimento do território, possibilitando o visitante de escolher o tipo de experiência a viver.

É importante evidenciar que, neste tipo de roteiros, importa que essa experiência não fique limitada ao percurso linear entre um lugar e outro,



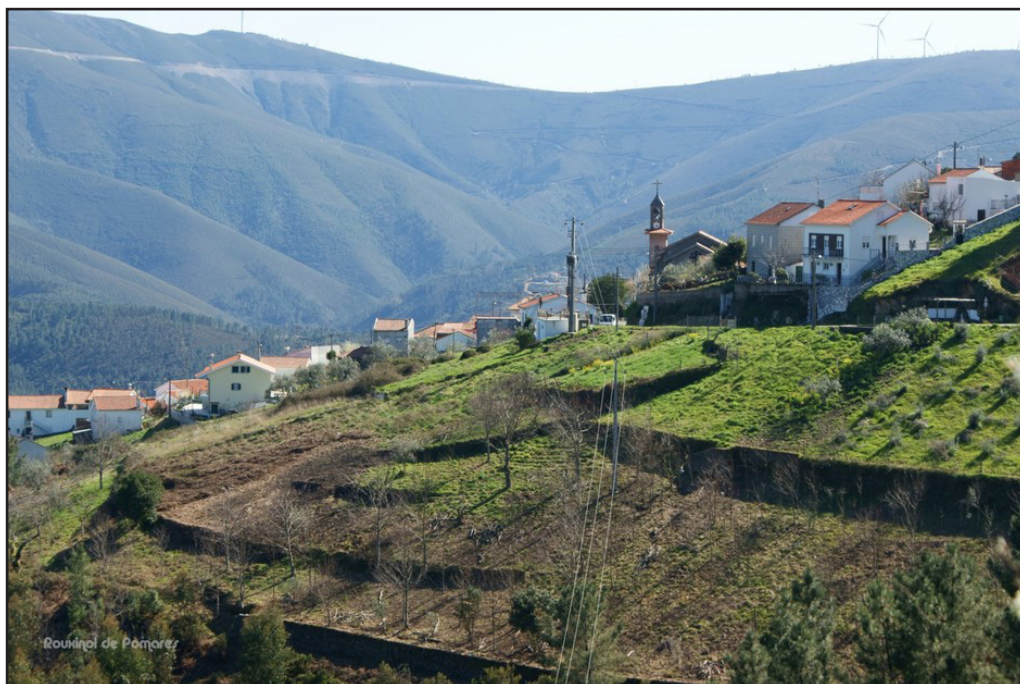


FIGURA 54 | ALDEIA MIRADOURO

Disposição da aldeia dos Cepos, no seu declive, com a Serra do Açor como pano de fundo.

IMAGEM: <http://rouinoldepomares.blogs.sapo.pt/383459.html>



FIGURA 55 | ALDEIA MIRADOURO

Na entrada (ou saída) da aldeia dos Cepos, o visitante tem o alcance sobre a paisagem, tanto para o Vale do Açor, como para o Vale de Fajão, tendo uma posição estratégica no território.

IMAGEM: tirada a partir da aplicação Google Maps

mas antes desperte a curiosidade e incentive o desvio, a mudança de direcção, ao invés de condicionar o percurso do visitante pela obrigatoriedade de passagem. Neste sentido, propõe-se o percurso dos *médios lugares* através do eixo principal – a estrada N543 –, lado a lado com o Ceira, ao mesmo tempo que se indicam desvios e se traçam caminhos pedonais que possibilitam outro tipo de apreensão dos lugares. Importa, por isso, abordar os vários pontos de interesse que, entre muitos outros, revelaram uma grande importância, apontando para a estratégia nas intervenções propostas e dos respectivos programas.

#### 9.1.1 | CEPOS – ALDEIA MIRADOURO

O troço dos *médios lugares* inicia-se na aldeia dos Cepos, situada do ponto mais elevado desta parte do percurso. Considerada um *miradouro* por excelência, é possível desfrutar de pedaços de vista interminável da serra, para ambos os vales do Açor e de Fajão, envolvendo qualquer visitante numa deslumbrante apreensão da dimensão do território e da sua morfologia, servindo por vezes para destino de um curto passeio de habitantes vizinhos. Pela sua localização no território, a aldeia dos Cepos adquire uma posição estratégica no controlo florestal e na protecção das terras, ao mesmo tempo que, por não ter uma íntima relação com o rio Ceira, promove actividades de exploração de montanha e programas de lazer, associados à sazonalidade, e à estadia temporária de uma camada jovem inspiradora e activa.

Importa, para o roteiro, evidenciar a apreensão geral do território, a partir dos Cepos, através da estrada nacional, na descida aos povoados vizinhos. A relação humana torna-se cada vez mais íntima, nas sinuosas curvas que proporcionam várias perspectivas de um território sem fim. A fim de garantir a relação com o percurso cénico da estrada, não se pretendem grandes intervenções, mas antes melhorar as condições da via e criar zonas de paragem e de





FIGURA 56 | UMA COMUNIDADE RENOVADA

Vista para a aldeia do Soito, num percurso nos trilhos pedestres. Com a aldeia do Colmeal no fundo.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 57 | O XISTO



FIGURA 58 | DECLIVE

São bem claros os esforços dos habitantes da aldeia do Soito, na valorização do povoado e da preservação das características culturais da sua terra. Desde a construção das habitações, respeitando as técnicas tradicionais, às dinâmicas sociais das diversas actividades, o Soito apresenta-se enquanto aldeia forte e coesa, na sua traça e nas suas gentes.

IMAGENS: Fotografias de Mariana Brás

contemplação da paisagem.

### 9.1.2 | SOITO – UMA COMUNIDADE RENOVADA

Num desvio do eixo principal, promove-se a passagem pela aldeia do Soito. Recuperada e preservada na imagem característica da beira xistosa, o Soito está classificado como parceiro oficial do programa das *Aldeias de Xisto*, mas, mais do que o conjunto arquitectónico apelativo, importa partilhar o testemunho do espírito da sua comunidade. Todas as intervenções arquitectónicas realizadas no Soito estiveram na base da promoção da visita, pela visão homogénea da população que, muito ou pouco, contribuiu para uma maior procura da aldeia. Apesar da resistência de alguns habitantes a este tipo de iniciativa, foi através da comunidade local que o processo de dinamização da aldeia se tornou possível. Verdade seja que a população estrangeira residente no Soito e arredores tem um enorme impacto na divulgação do lugar, pelo espírito de união que transmite, ao mesmo tempo que promove pequenas actividades sociais e económicas diversificadas que aproximam os residentes e visitantes.

### 9.1.3 | COLMEAL – ANFITRIÃ DO CEIRA

No seguimento do eixo principal do roteiro, chega-se à aldeia do Colmeal. É uma aldeia já com uma dimensão mais significativa, e com um considerável número de habitantes, apesar de ter as suas controvérsias. Por um lado, se têm sido feitas algumas intervenções construtivas com o intuito de melhorar os acessos, os espaços públicos e equipamentos, também é verdade que o Colmeal ainda possui pouca coerência de conjunto, na sua componente arquitectónica. Por outro, se escassam as iniciativas de promoção do espírito de comunidade, a fim de unir a população na delineação de estratégias que promovam a aldeia, também é no Colmeal





FIGURA 59 | O AÇUDE



FIGURA 60 | O OUTRO LADO

A Praia Fluvial da Ponte é um lugar bastante procurado pelos habitantes do Colmeal e visitantes, pela proximidade ao rio, bem como fácil acesso e boas condições de momentos de lazer. Aqui, existem frequentes situações de convívio, ao mesmo tempo que se recordam as estórias de quem palmilhou estas terras, faz décadas.

IMAGENS: Fotografia de Sofia Ramos



FIGURA 61 | A NOVA PONTE VELHA

A antiga ponte do Colmeal era caracteristicamente feita de pedra, como tantas outras. Pela necessidade de instalar o automóvel nestes meios, o elemento que hoje se apresenta é o invólucro do que foi outrora.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

que provavelmente existe um maior potencial para intervir, pela relação com rio. De facto, é aqui que o visitante é brindado com os primeiros lugares de destaque, na sua íntima relação com o Ceira, testemunhos da humanização do território.

Em primeiro lugar, a praia fluvial da Ponte, que é um ponto bastante frequentado pelos habitantes locais – fixos e sazonais – e cada vez mais procurado por visitantes. É um lugar já bastante transformado, por diversas razões – presença do automóvel, utentes com mobilidade condicionada, entre outros – mas a sua aura sempre soube ser mantida, na medida em que as relações sociais que se proporcionam nos diversos espaços não foram condicionadas. Entre escadas e escadinhas, patamares e rampas, as intervenções, ainda que um pouco descontroladas, não reduziram a procura deste lugar. Por esta razão, não se pretende fazer grandes intervenções e cair na tentação de alterar as lógicas de ocupação da praia fluvial. Pelo contrário, e uma vez que já existem equipamentos sanitários e balneários que apoiam a visita e permanência, apenas se propõe um redesenho dos acessos e plataformas, a fim de criar uma maior segurança e coerência construtiva.

Em segundo lugar, a Quinta, antigo local de cultivo, partilhado pelos locais em parcelas independentes. Apesar de ser bastante convidativo e frequentado pelos habitantes locais, a Quinta apresenta-se mais discreta e menos procurada pelos visitantes, não só por não estar junto das vias principais, mas também porque nunca foi considerada como zona de lazer, mas sim de trabalho, essencialmente na terra. Muitas estórias se contam de homens a preparar os terrenos para o novo cultivo, e de mulheres a corar os lençóis de linho nas águas límpidas do Ceira. Na verdade, esse era o cenário de vivências na Quinta. Contudo, além de ainda conter





FIGURA 62 | A FORÇA DAS ÁGUAS



FIGURA 63 | A QUINTA

Muitas são as histórias que os habitantes locais contam. Desde os homens que lavavam as terras de cultivo, às mulheres que coraram os lençóis de linho, nos dias solarengos, junto do rio. No inverno, o Ceira não perdoa, e, aquando dos períodos de cheias, as primeiras marcas deixadas pelas águas do rio são os estragos, principalmente das antigas estruturas agrícolas, como o moinho.

IMAGENS: Fotografias de Mariana Brás



FIGURA 64 | O CORTE



FIGURA 65 | A DESCIDA

Por ser mais reservado e menos acessível, o lugar da Cortada é menos procurado pelos visitantes, sendo mais popular entre os locais. No entanto, anualmente, dá-se a descida do Ceira, pelos corajosos praticantes de canoagem, que são motivo de enchente, para os mais curiosos.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

IMAGEM: Fotografia de Francisco Silva  
<http://upfc-colmeal-fotos-vistas.blogspot.pt>

estruturas de apoio à actividade agrícola, como o antigo moinho, agora em ruína, e os socalcos no terreno de cultivo, este lugar reservado potencia também um bom espaço balnear, apesar de mais discreto e menos procurado. No entanto, não se tem como objectivo criar maior densidade na visita ao local – esse é aliás o carácter da praia fluvial acima referida, mais exposta ao público em geral – por isso, sugere-se apenas um tratamento dos caminhos e dos acessos à Quinta.

Em terceiro, a Cortada, um lugar extremamente discreto, quase camuflado, conhecido e visitado apenas por locais. Num contexto singular, a Cortada surge como primeiro marco radical da relação humana com a paisagem e a natureza. Contando a história do rompimento bruto dos rochedos, para alteração do curso do rio e consequente aproveitamento de terrenos para cultivo, a Cortada torna-se num lugar bastante particular, sendo propício a cenários de lazer, sociabilidade e convívio, frequentado pelas *gentes* locais. De quando em vez, verifica-se uma particular adesão ao sítio, expectando a chegada dos corajosos praticantes de canoagem, na descida anual do Ceira. Mas, aparte deste fenómeno, e pelo facto do lugar apenas ser acessível pelo visitante que tem facilidade em movimentar-se em terrenos íngremes, a Cortada torna-se num dos recantos escondidos do território. Propõe-se o melhoramento dos caminhos, possibilitando um acesso mais definido e mais seguro.

Por último, sugere-se um pequeno desvio ao parque de merendas das Seladas, pertencente à aldeia do Colmeal, um lugar dedicado e utilizado para romarias e festejos em honra do Nosso Senhor da Amargura, padroeiro da aldeia. É um local frequentado sazonalmente, possuindo estruturas sanitárias, de confecção e piquenique e que configura, com alguma regularidade, momentos





FIGURA 66 | SENHOR DA AMARGURA

Poucas são as vezes em que o sino da capela do Senhor da Amargura toca durante o ano. Mas, em tempo de romaria e celebração religiosa, a população e visitantes juntam-se neste parque de merendas do santuário, para fortes momentos de convívio.

IMAGEM: Fotografia de Francisco Silva - <http://upfc-colmeal-fotos-vistas.blogspot.pt>



FIGURA 67 | PONTE VELHA

Antiga ponte de Candosa, que permitia a ligação entre a população, os terrenos de cultivo e para os antigos caminhos para as populações vizinhas.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

de convívio e sociabilidade entre habitantes locais e visitantes.

#### 9.1.4 | CANDOSA E SANDINHA – RECANTOS ESCONDIDOS

Adiante na estrada nacional, surge a aldeia da Candosa, um pequeno povoado. Apesar de se apresentar um pouco descaracterizado e ter um número muito reduzido de habitantes, torna-se um lugar curioso, pela forte relação que ainda mantém no território, no que respeita à actividade agrícola. A aldeia ainda desfruta do funcionamento de estruturas antigas – como a ponte velha e o lagar – que outrora foram vitais ao quotidiano da população.

No seguimento do eixo, depois de Capelo, alcança-se a aldeia da Sandinha. De população pouco numerosa, a Sandinha foi palco de pequenas recuperações – antiga escola, torre sineira, e largo da igreja – e consequentemente revela-se um conjunto edificado mais cuidado, mostrando a estima dos seus habitantes. Apesar de não existirem muitas actividades recreativas na aldeia, nem mesmo grande procura à estadia de visitantes, são os arredores da Sandinha que se alegam possuidores de tesouros de singular interesse, e que passam perfeitamente despercebidos a quem não está familiarizado com a zona, as suas vivências e as suas histórias.

Em primeiro lugar, e porque interessa entender essas vivências e testemunhar a dura vida do campo, propõe-se a passagem pela antiga ponte de Sandinha, que conta as caminhadas semanais da população para as cerimónias religiosas que tinham lugar na aldeia sede – Cadafaz – cujo percurso sinuoso relata a devoção e o quase sacrifício dos habitantes em prole da fé e da tradição. A ponte é uma estrutura antiga que se preservou, apesar de hoje dia ser utilizada apenas para acesso a terrenos de cultivo perto da





FIGURA 68 | FOZ DA FONTE

Antiga quinta agrícola, a Foz da Fonte passa despercebida a quem passa pela estrada. É de difícil acesso, mas a sua implantação no território é particularmente interessante.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 69 | EDIFICADO INTOCÁVEL

Provavelmente por ser um lugar de difícil acesso, o edifício da Quinta da Foz da Fonte está também isolado da intrusão humana, apresentando-se em ótimas condições de preservação



FIGURA 70 | MARCAS DE GENTE

Ainda são visíveis as marcas da presença de habitantes neste lugar, pela configuração das casa, bem como o mobiliário.

IMAGENS: Fotografia de Mariana Brás

povoação.

Em segundo lugar, o grande tesouro escondido nesta zona é, sem margem de dúvida, a Quinta da Foz da Fonte, com características semelhantes ao lugar da Cortada, no contexto da intervenção humana na paisagem. Nesta antiga quinta senhorial, testemunha-se um outro rompimento do rochedo maciço sob o qual agora corre o rio Ceira. É um marco quase arquitectónico, pela forma talhada que adquiriu. Pousado no singular rochedo, o edificado desta quinta, singelo e modesto, além de estar em plenas condições de reaproveitamento, apresenta uma posição quase estratégica, no controlo de território envolvente, característica que, de certa forma, complementa o interesse de visita a este ponto do percurso. Com o intuito de preservar o carácter reservado deste lugar, e uma vez que não é acessível por estrada regular, pretende-se constitui-lo enquanto ponto de passagem de caminhos pedestres, melhorando os seus acessos, tornando-os mais seguros e definidos. Em simultâneo, devida à particular localização, propõe-se a reutilização das duas estruturas edificadas, num programa de observação e investigação das espécies animais da região, que naturalmente estão mais visíveis em *habitat* natural, nos recantos menos frequentados pelos visitantes, como este.

#### 9.1.5 | CABREIRA – ALDEIA VIVA

Continuando a seguir o Ceira nos seus encantos, é na aldeia de Cabreira que se testemunha um reavivar de um povoado anteriormente *adormecido* e sem grande interesse, à partida, de intervenção. Apesar de ter uma dimensão e número de habitantes bastante considerável, a aldeia sempre foi mais uma, entre muitas aldeias de segundo plano, na zona. No entanto, com uniões





FIGURA 71 | LAGAR ROMANO

Este lagar, com mais de um século de existência, ainda funciona, mostrando aos visitantes como se fazia o azeite antigamente. Este lagar comunitário é dos poucos, se não o único na região, a trabalhar segundo a maneira tradicional, através de um sistema de varas.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 72 | PONTE DO LAGAR

Ponte datada da época romana, toda construída em pedra e rodeada de vegetação, junto da qual se forma uma piscina natural. Este foi o cenário escolhido para algumas filmagens do filme português *Fátima*.



FIGURA 73 | CASTEJEJO

Situado no topo de uma colina do Vale do Ceira, o Castelejo foi outrora antiga residência dos mineiros, na extracção de volfrâmio.

IMAGENS: Fotografia de Mariana Brás

administrativas e pela sua posição central, é na Cabreira que se desenvolvem equipamentos que, por um lado, aumentaram as dinâmicas sociais dos populares – cafés e espaços de convívio -, e por outro, criaram novos postos de trabalho – lar de idosos -, tanto para os residentes da aldeia como para os das aldeias vizinhas. E, apesar de, do ponto de vista construtivo e de coerência de conjunto arquitectónico, estes equipamentos não apresentarem grande sensibilidade e/ou integração no meio, representam sem dúvida uma fonte de desenvolvimento económico e social da povoação.

No entanto, é também na Cabreira que o visitante é brindado com tesouros que, embora anteriormente tivessem um carácter meramente funcional, promovem hoje uma grande relação com a natureza, o território humanizado e com o património edificado, aliado às actividades tradicionais. Destaca-se, em primeiro lugar, a actual zona balnear – que serviu já de cenário à *sétima arte* portuguesa - com um lagar ainda em funcionamento pelos engenhos antigos, e com o conjunto de trinta e cinco casebres ou tulhas que serviram de armazenamento de gado e colheitas agrícolas dos terrenos adjacentes. Estas tulhas são de dimensão muito reduzida, mas encontram-se em perfeito estado de conservação, assim como o lagar. Uma vez que esta zona é já bastante frequentada por locais e visitantes, não se pretende criar excedente de visita ou aumento da densidade de estadia. Por isso, apenas se propõe a melhoria dos acessos, um redesenho dos patamares e das zonas de espaço balnear, bem como a recuperação das tulhas na frente ribeirinha, com o intuito de auxiliar a actividade balnear, em especial nas épocas sazonais, nunca interferindo porém com as dinâmicas sociais e dos modos de apropriação dos espaços.

Atravessando a antiga ponte, alcança-se o antigo lagar e o Castelejo abandonados, outrora a antiga residência dos mineiros





FIGURA 74 | ELEGÂNCIA



FIGURA 75 | RUÍNAS

Pelo trilho pedestre a partir da Praia Fluvial do Lagar, além de alguns terrenos de cultivo ainda utilizados pelos habitantes da aldeia da Cabreira, outras estruturas de apoio às actividades tradicionais pontuam o percurso, deixando marcas das vivências em contexto rural.

IMAGENS: Fotografias de Mariana Brás



FIGURA 76 | OS OLHOS PARA A PAISAGEM

Embora a aldeia de Cortecega não represente particular interesse no seu conjunto, é a partir dela que se assiste directamente às curvas e contra curvas com que o Ceira desenha a paisagem do território.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

da extracção de volfrâmio. Este elemento tem características de particular interesse. Por um lado, apesar de discreto, tem uma localização imponente, no alto de uma colina rodeada pelo afluente do Ceira, que configura um miradouro natural para a envolvente. Por outro, o próprio edifício apresenta uma tipologia particular, muito esguio e elegante, e configura um interesse de intervenção muito significativo. Propõe-se por isso a sua recuperação para programas de estadia temporário, como complemento à zona balnear e aos caminhos pedestres mais à frente abordados.

#### 9.1.6 | CORTECEGA – OS OLHOS PARA A PAISAGEM

Numa etapa seguinte, o troço entre Cabreira e Cortecega, aldeia seguinte, é valorizado essencialmente pelo percurso de estrada, com o intuito de motivar o visitante a ter perspectivas do território e das suas características topográficas, proporcionando um outro entendimento dos lugares, através de um afastamento do elemento primordial do roteiro – o rio Ceira. Pretende-se a criação de pequenos espaços de contemplação da paisagem e miradouro de descanso, com algum estacionamento.

#### 9.1.7 | GÓIS – A VILA AFAMADA

Seguida da passagem pela aldeia de Cortecega, o visitante é acolhido pela singela vila de Góis, sede de Concelho. Góis ainda apresenta muitas características de pequeno povoado, dada a sua própria dimensão, as suas estruturas edificadas e o seu centro histórico ainda repleto de unidades de vizinhança muito comuns em meios rurais. Apesar de ter sido forçada a crescer, pontuando a envolvente de edificado menos controlado, esta vila está bastante equipada de programas turísticos, de recepção ao visitante, bem como de alojamento, não havendo necessidade de promover novas estratégias de atracção. No entanto, propõe-se





FIGURA 77 | SIGNOS DA VILA

Um dos mais afamados elementos de atracção turística em Góis, a Ponte. Ainda hoje é utilizada como ponte pedonal e de veículos, fazendo a travessia entre o centro histórico e a sua envolvente.



FIGURA 78 | MIRADOURO

Miradouro *natural* sobre o Cerro de Nossa Senhora da Candosa.

IMAGENS: Fotografias de Mariana Brás

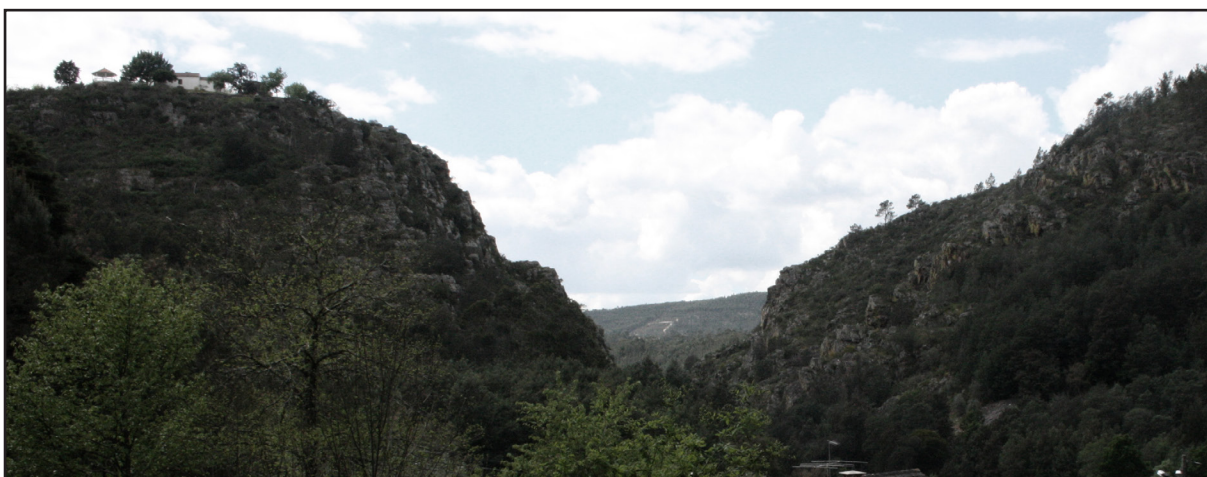


FIGURA 79 | O ENCAIXE DA PAISAGEM

O Santuário foi construído em honra do milagre da Nossa Senhora da Candosa, que ilustra e conta a história do próprio cerro. Este marco humanizado testemunha a força bruta do homem face ao meio natural que o rodeia e da relação que ele manteve, no seu processo de sobrevivência e adaptação.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás

criar um apelo à coerência de conjunto, tendo em consideração o património arquitectónico e paisagístico existente na vila e arredores. Pretende-se apenas destacar alguns dos seus pontos fortes, como a antiga ponte, o Castelo e o geoglifo da Espada de Santiago – que sugere a passagem dos antigos Caminhos de Santiago –, como lugares a visitar. Do ponto de vista construtivo, sugere-se uma regulamentação mais rigorosa na recuperação do edificado antigo, bem como a melhoria de alguns dos acessos e arruamentos. A partir da vila de Góis, é proposto um desvio até ao pequeno povoado de Carcavelos, cujo destaque gira em torno da acanhada zona balnear, que sugere alguma intervenção humana na natureza. Pretende-se apenas melhorar os acessos ao lugar, tornando-os mais visíveis, interessantes e seguros.

#### 9.1.8 | VILA NOVA DO CEIRA – ALDEIA HOMÓNIMA

Continuando de mãos dadas com o Ceira, eis que surge a povoação homónima do mesmo: Vila Nova do Ceira. Desde o século XII que o povoado é referenciado, tendo sido considerada uma vila bastante abastada, pelas tipologias urbanas e arquitectónicas ainda hoje presentes. Esta vila é também rica em pequenas zonas de lazer, embora existam poucas unidades turísticas, como alojamento e informações. Não se pretende intervir na vila em si, dados os melhoramentos recentes, mas sim destacar os seus lugares únicos, tesouros que se situam nos seus arredores.

São eles parte do núcleo da Nossa Senhora da Candosa, composto pelo Cerro e pelo Santuário dedicado à celebração do milagre do mesmo. Este complexo é considerado de extremo interesse turístico, pelas romarias e procissões em honra da entidade religiosa, bem como na zona balnear adjacente ao marco paisagístico do próprio cerro, que facilmente atrai visitantes pela sua singular





FIGURA 80 | FISSURA

O Cerro da Nossa Senhora da Candosa, visto da zona fluvial. É um dramático rasgo no rochedo, que proporciona alguma procura por parte de visitantes.

IMAGEM: Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 81 | RECEPÇÃO SILENCIOSA

A Quinta da Maria Mendes encontra-se praticamente toda desabitada. Pode imaginar-se que seria em tempos um complexo agrícola bastante activo, com esta entrada generosa. Entrada que hoje *nos recebe em silêncio*, pelo vazio da ausência humana.



FIGURA 82 | INVULGAR

Observa-se um invulgar edifício, que se supõe ser uma antiga habitação.

IMAGENS: Fotografias de Mariana Brás

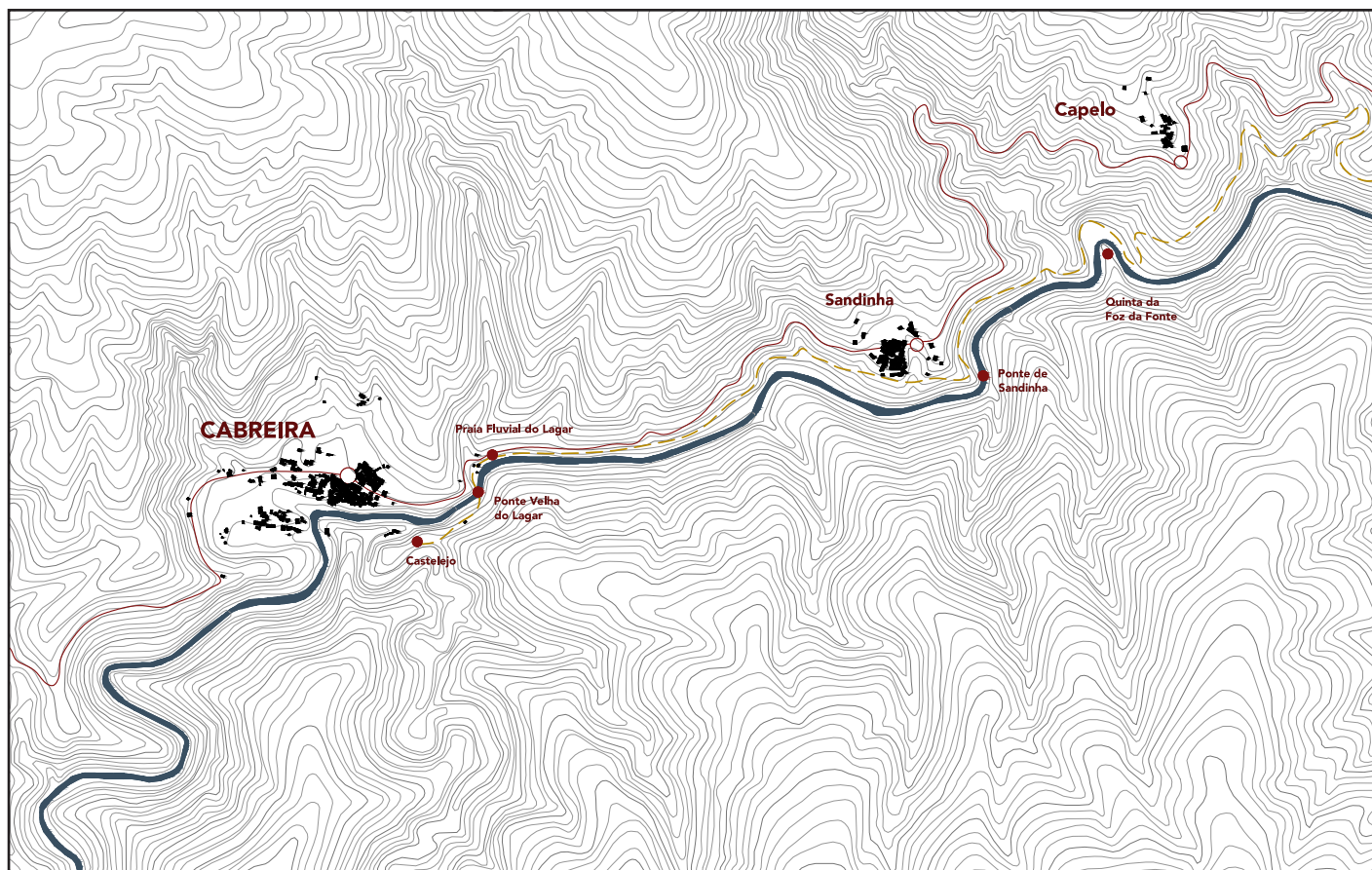
expressão no lugar, bem como na estreita relação com o rio Ceira. No entanto, o acesso às duas vertentes deste grande lugar é feito de forma independente, separada e com alguma distância entre elas, sendo, deste modo, necessário um novo olhar e um novo desenho nesta questão. O acesso ao santuário é directo através da estrada nacional, que dá seguimento ao Roteiro do Ceira, mas o cerro apenas é acessível num desvio de estrada secundária, em condições mais precárias.

Contudo, é neste desvio necessário à visita da zona balnear do cerro que o visitante tem a oportunidade de contactar directamente com as antigas estruturas de produção agrícola e biológica, como a Quinta da Maria Mendes. Este complexo arquitectónico, composto por habitação, lagar, armazéns e terrenos agrícolas, encontra-se maioritariamente abandonado, mas em excelentes condições de reaproveitamento, num programa que se pretende em contexto de desenvolvimento das actividades tradicionais e desenvolvimento económico. São propostos melhoramentos de acessos e maior relação urbana do complexo, assim como a recuperação de todo o edificado da Quinta, em programas de alojamento, produção e venda de produtos tradicionais e espaços de aprendizagem para amadores e profissionais.

FIGURA 83 | PELOS TRILHOS DO CEIRA

Trilho pedestre, entre Colmeal e Cabreira: 10,5km

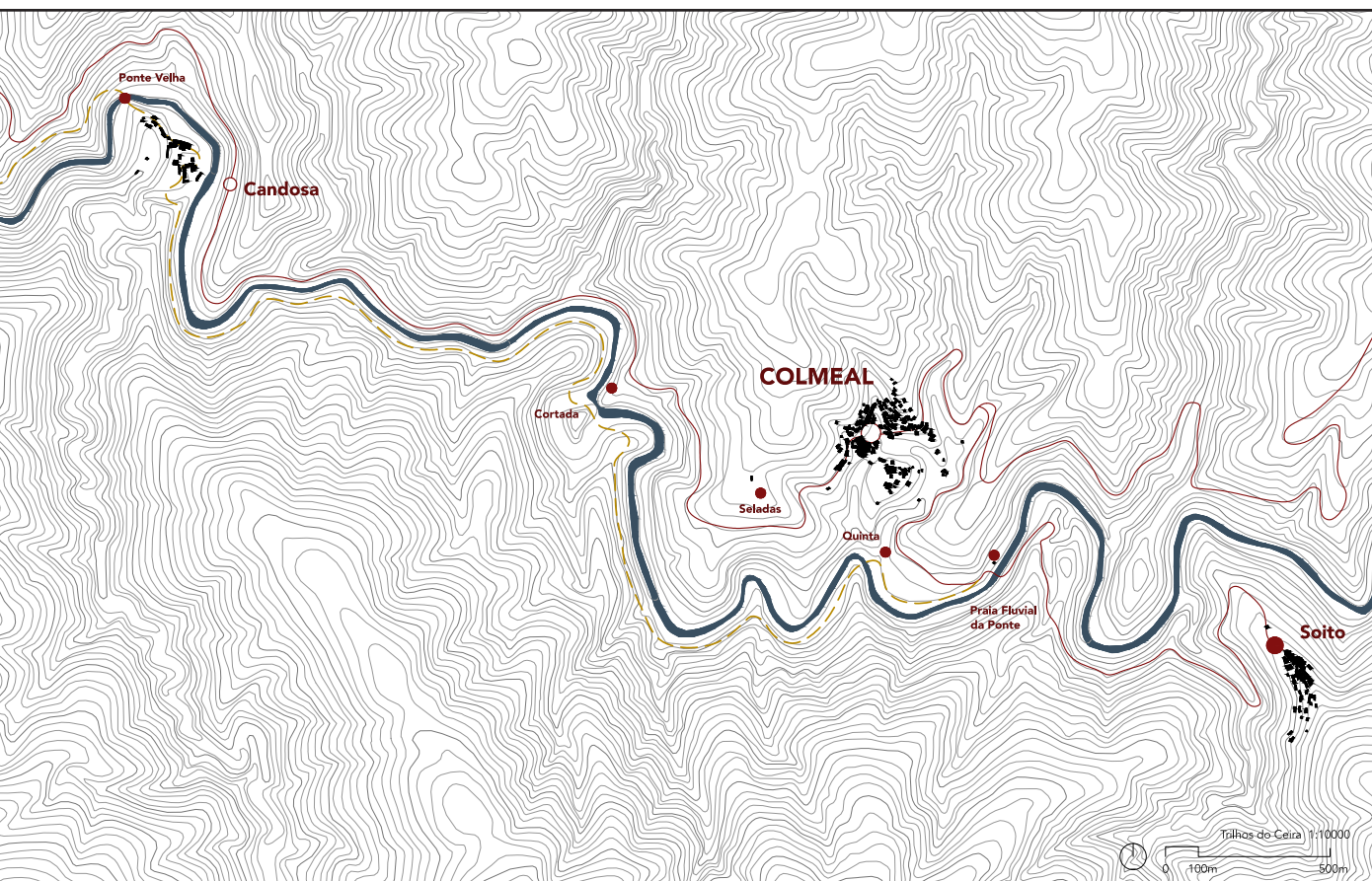
IMAGEM: Cartografia à escala 1:10 000, elaborada por Mariana Brás





## 9.2 | PELOS TRILHOS DO CEIRA

Dada a ambição de distinguir o *Roteiro do Ceira* de outros percursos já existentes, na oferta de diferentes formas de exploração e entendimento do território, aliada ao facto de, em partes do roteiro, não ser possível um contacto tão directo através do uso da estrada principal e do automóvel, tornou-se essencial o desenho de outro tipo de caminhos, de maior aproximação e relação íntima com os lugares, com o rio Ceira e com as *gentes* locais. Neste sentido, surgem os *Trilhos do Ceira*, os caminhos secundários, de percurso pedonal, que se tornam reveladores das diversas realidades do território, na relação humana com a paisagem. É nestes trilhos que o *Roteiro do Ceira* ganha mais impacto, dada a proposta de aproximação do visitante aos lugares, promovendo um novo olhar e uma verdadeira (re)descoberta dos mesmos.





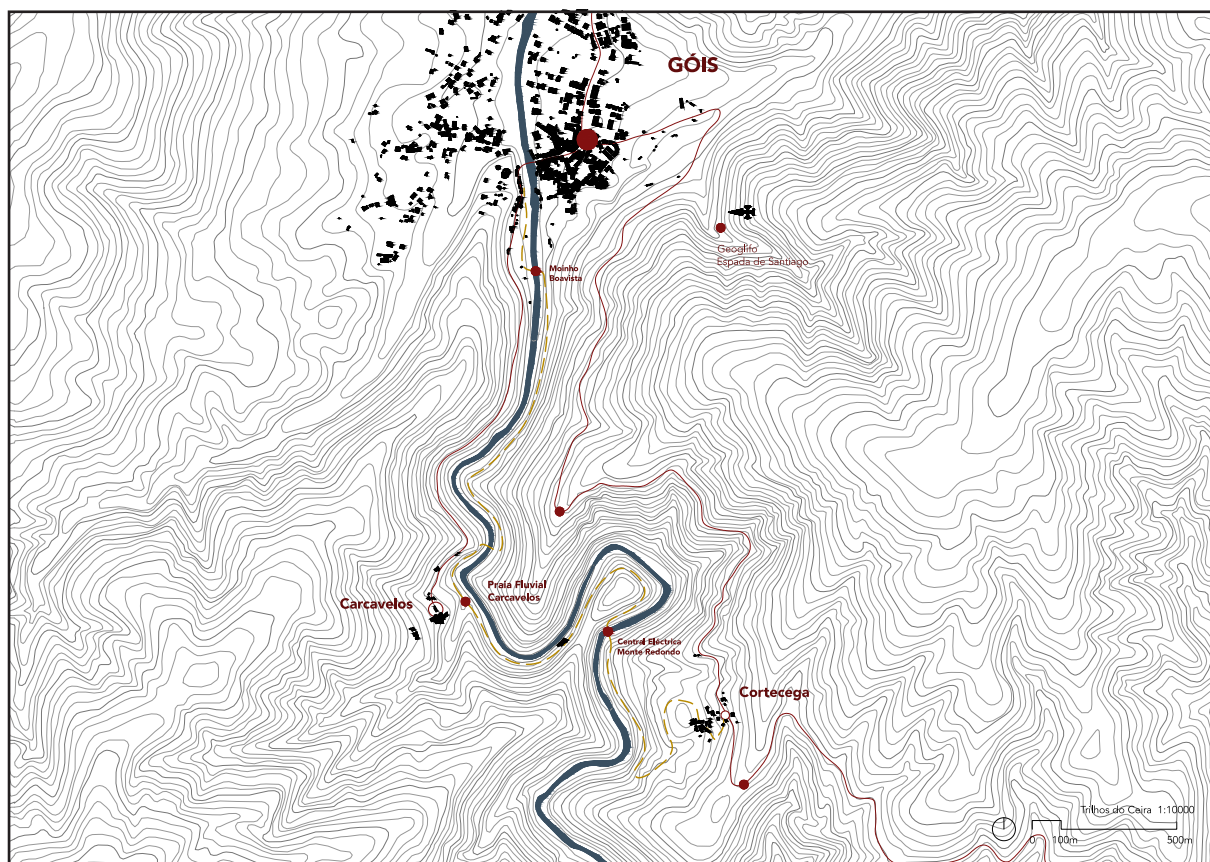


FIGURA 84 | PELOS TRILHOS DO CEIRA

Trilho pedestre, entre Cortecega e Góis: 4,5km

IMAGEM: Cartografia à escala 1:10 000, elaborada por Mariana Brás

Para o troço dos *médios lugares*, são propostos dois trilhos pedonais. Um primeiro percurso de 10,5km, entre a praia fluvial da Ponte, no Colmeal, e a zona balnear da Cabreira, que se desenvolve paralelamente à estrada, tocando em lugares já mencionados, como Quinta e a Cortada (Colmeal), Candosa, e Quinta da Foz da Fonte (Sandinha). O segundo, sendo um trilho menor, é um percurso de cerca de 4,5km, entre Cortecega e Góis, que atravessa o rio Ceira, pela Barragem de Monte Redondo e pela aldeia de Carcavelos, permitindo um maior entendimento na própria topografia aliada ao Vale do Ceira.

Ambos os trilhos pretendem-se desenhados e concebidos de forma permanente, de modo a resistirem às alterações dos níveis das águas do Ceira, podendo ser utilizados durante todo o ano.

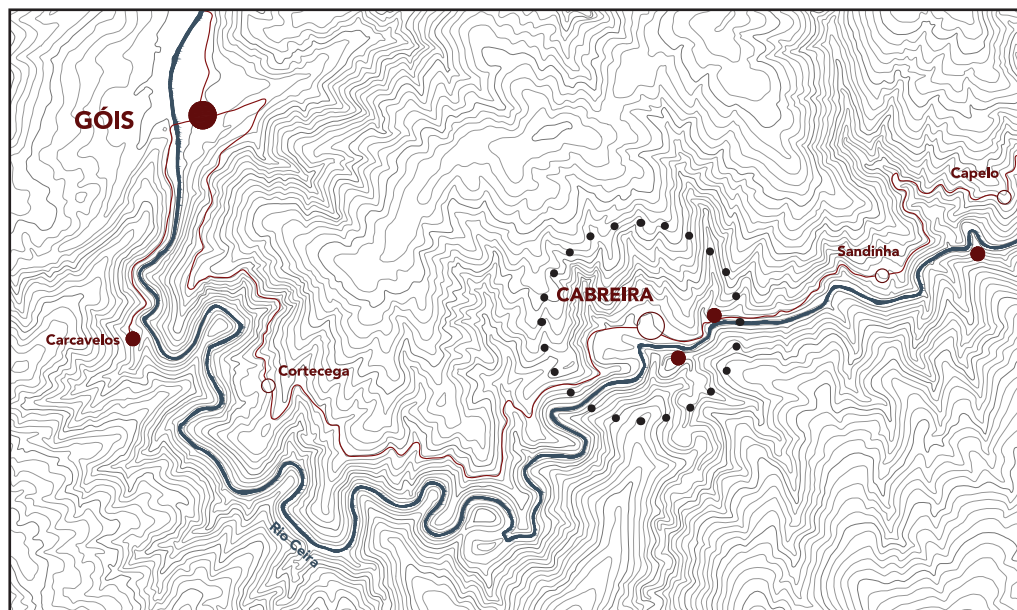


FIGURA 85 | NÚCLEO INTERVENÇÃO: CABREIRA

Núcleo charneira, activador do Roteiro do Ceira e dos trilhos pedestres.

IMAGEM: Cartografia à escala 1:50 000, elaborada por Mariana Brás

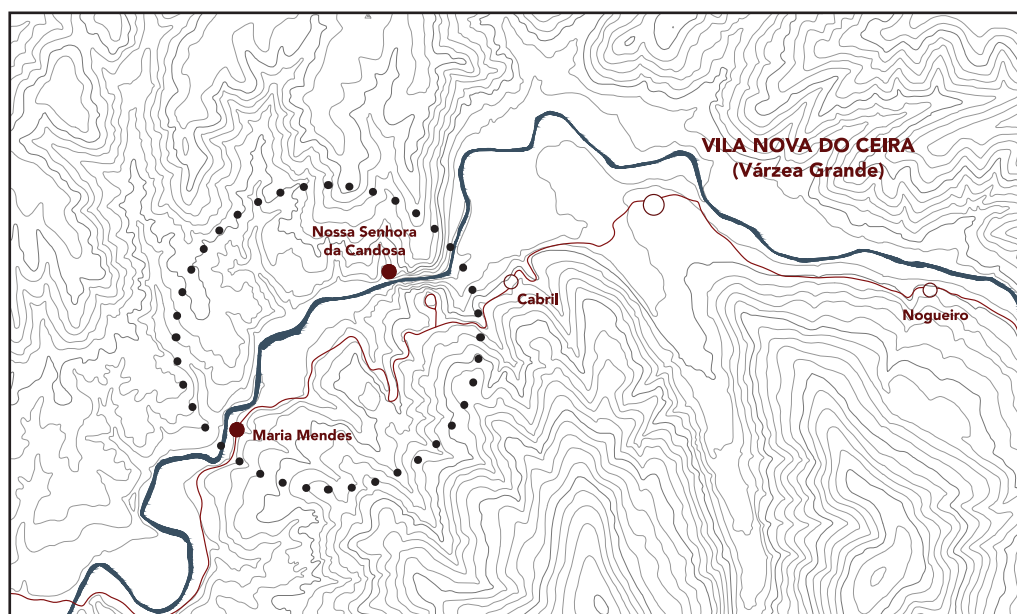


FIGURA 86 | NÚCLEO INTERVENÇÃO: MARIA MENDES

Núcleo charneira, entre etapas do Roteiro, procura dinamizar a actividade socio-economica da região.

IMAGEM: Cartografia à escala 1:50 000, elaborada por Mariana Brás

### 9.3 | PASSAGEM E PERMANÊNCIA

No desenvolvimento do Roteiro do Ceira, tornou-se evidente a estreita relação das diversas intervenções propostas e o modo como se pretende que o visitante entenda e explore o território. É esta a verdadeira materialização das premissas para este percurso e para a (re)descoberta da serra beirã, da sua paisagem cultural e humana, que se traduzem em intenções de passagem e/ou permanência nos lugares, apelando à observação, contemplação, paragem e exploração dos mesmos.

Neste sentido, pela necessidade de balizar este trabalho académico, mas sempre com intenção de apresentar a maior complementaridade possível nas soluções propostas, optou-se por criar dois núcleos de intervenção: Cabreira e Maria Mendes, que foram selecionados com propósitos diferentes, mas que se interligam, no panorama geral dos objectivos do trabalho. Por um lado, a Cabreira que, pela zona balnear das tulhas e pelo Castelejo, constitui uma zona de grande interação com a paisagem e com as antigas estruturas tradicionais, e que, por sua vez, activa, além do roteiro geral, um dos *trilhos do Ceira*, promovendo uma maior aproximação à natureza e aos habitantes locais. Por outro lado, o núcleo da Maria Mendes, que se entende em estreita relação com o Santuário e Cerro da Nossa Senhora da Candosa, promove ao mesmo tempo as zonas de romaria e celebração religiosa, espaços de lazer e relação com o Ceira, e a actividade de produção agrícola, constituindo por isso num foco activador do Roteiro.

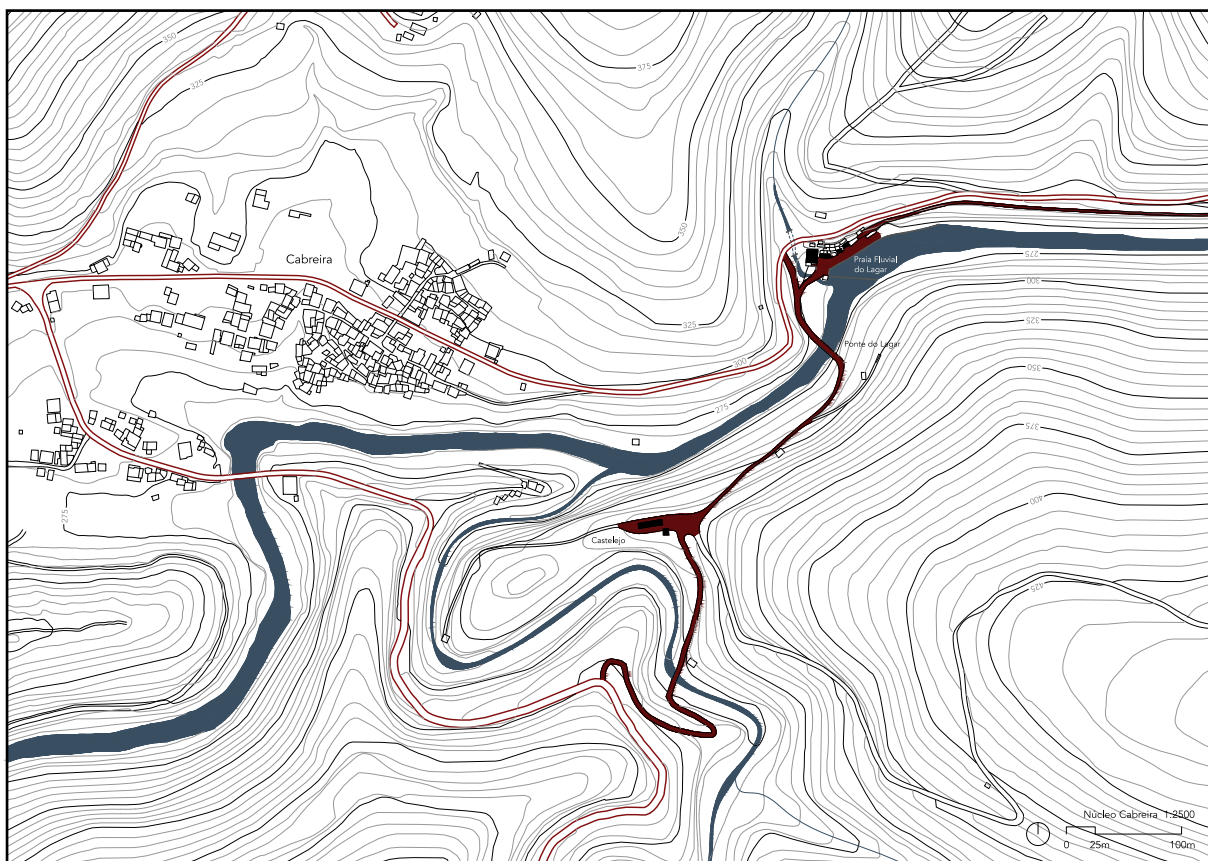


FIGURA 87 | NÚCLEO DE INTERVENÇÃO: CABREIRA

Enquadramento da intervenção no núcleo da Cabreira. Em destaque o percurso de ligação entre os dois momentos arquitectónicos, que conferem um reconhecimento mais completo do património edificado, da paisagem e das estruturas que testemunham a relação humana com a paisagem.

IMAGEM: Cartografia à escala 1:2500, elaborada por Mariana Brás



### 9.3.1 | CABREIRA

No seguimento da estratégia apontada anteriormente para o núcleo da Cabreira, pretende-se criar lógicas de procura e permanência diferentes mas complementares, tanto na zona balnear como no Castelejo.

A zona balnear constitui o ponto de chegada/partida num dos percursos pedestres propostos e por isso propõe-se que a linguagem construtiva desse momento de encontro seja suave, discreto e em estreita semelhança com o conjunto. Na zona balnear propriamente dita, foi possível constatar que existem diferentes formas de apropriação por parte dos visitantes: uns chegam com interesse de permanecerem durante todo o dia, utilizando os patamares junto do rio para mergulhos e lazer, ao mesmo tempo que a camada infantil se delicia com as águas calmas nas zonas mais baixas no Ceira; outros juntam-se para conviverem, apreciam refeições em conjunto e contemplam a paisagem solarenga do lugar. Neste sentido, tornou-se imperativo criar estruturas de apoio à actividade balnear, ao mesmo tempo que se motivam os visitantes a conhecerem um pouco mais sobre o lugar, e a descobrirem os seus recantos.

Propõe-se portanto o aproveitamento do antigo lagar – recuperado para pequeno museu, que ilustra o funcionamento do equipamento, pelos utensílios originais -, para pequeno espaço museológico, uma pequena loja de produtos biológicos e um pequeno bar de apoio à época sazonal de maior vista. Todas as tulhas estão em bom estado de conservação, mas dadas as suas reduzidas dimensões, optou-se por recuperar aquelas que constituem a frente ribeirinha, em pequenos equipamentos de apoio à actividade balnear, como

FIGURA 88 | LAGAR ROMANO

O Lagar Romano da Cabreira foi recuperado e ainda hoje está em funcionamento.

IMAGEM:

Fotografia de Mariana Brás



FIGURA 89 | PRAIA FLUVIAL DO LAGAR

Intervenção na praia fluvial do Lagar, na Cabreira. Os dispositivos na base de projecto concentram-se nas tulhas que formam a zona ribeirinha do lugar. Pretende-se reactivar os referidos edifícios, enquanto pequenos equipamentos de apoio à zona balnear e de refeição.

IMAGEM: Desenho à escala 1:200, elaborada por Mariana Brás

um espaço de confecção e lavagem, que se relaciona com a zona de refeição e piquenique, instalações sanitárias, um pequeno balneário e uma casa de arrumos. Do ponto de vista construtivo, a intervenção proposta pretende manter a linguagem tradicional, conferindo e mantendo a coerência do conjunto.

De modo a não criar uma excessiva densidade de visitantes ao local, não se desenha estacionamento, além do que existe.

O Castelejo, noutra perspectiva, configura uma zona mais resguardada, que induz para um programa menos público, mas igualmente concordante com os objectivos do trabalho. Pretende-se criar um programa de alojamento temporário, no qual os visitantes possam pernoitar, criando condições de estadia aquando da descoberta dos lugares. Neste sentido, à semelhança do programa de residência, criam-se espaços de convívio que promovem a troca de experiências e partilha de estórias, ao mesmo tempo que se desenhavam espaços de descanso e de dormida. Uma vez que os acessos existentes são exteriores e situam-se nas extremidades do edifício, a configuração dos vários espaços é pensada, de modo a criar zonas distintas de partilha. Assim, no piso térreo, desenvolvem-se as zonas comuns – refeição, convívio e recepção – e desenha-se um pequeno quarto de apoio a visitantes com alguma mobilidade condicionada; e no piso superior, fixam-se as camaratas apoiadas por um núcleo sanitário, central, que as separa e as torna independentes.

Do ponto de vista de linguagem arquitectónica, e apesar das intervenções descontroladas anteriormente feitas ao edifício, pretende-se manter a materialidade construtiva, mas confere-se alguma contemporaneidade ao elemento, através do rompimento dos pequenos vãos existentes no piso térreo, em prole do aproveitamento do espaço envolvente – utilizado para um terraço





Pretende-se, para o Castelejo, reconstituir a sua função residencial dos antigos mineiros. Dada a estrutura esguia do edifício, configuraram-se os diversos espaços numa lógica de núcleos, criando a separação entre espaços comuns, de maior sociabilidade, e os espaços privados, de descanso e pernoita.

IMAGENS: Desenhos à escala 1:200, elaborada por Mariana Brás

comum – e do desenho dos limites de declive, que configuram naturalmente um muro de protecção e bancos que proporcionam momentos de descanso e convívio.

Por questões de regulamentação, são melhorados os acessos ao Castelejo – tanto pela estrada secundária, como pelo caminho pedestre vindo da zona balnear – e é desenhado um pequeno estacionamento, para os utilizadores do equipamento de alojamento.



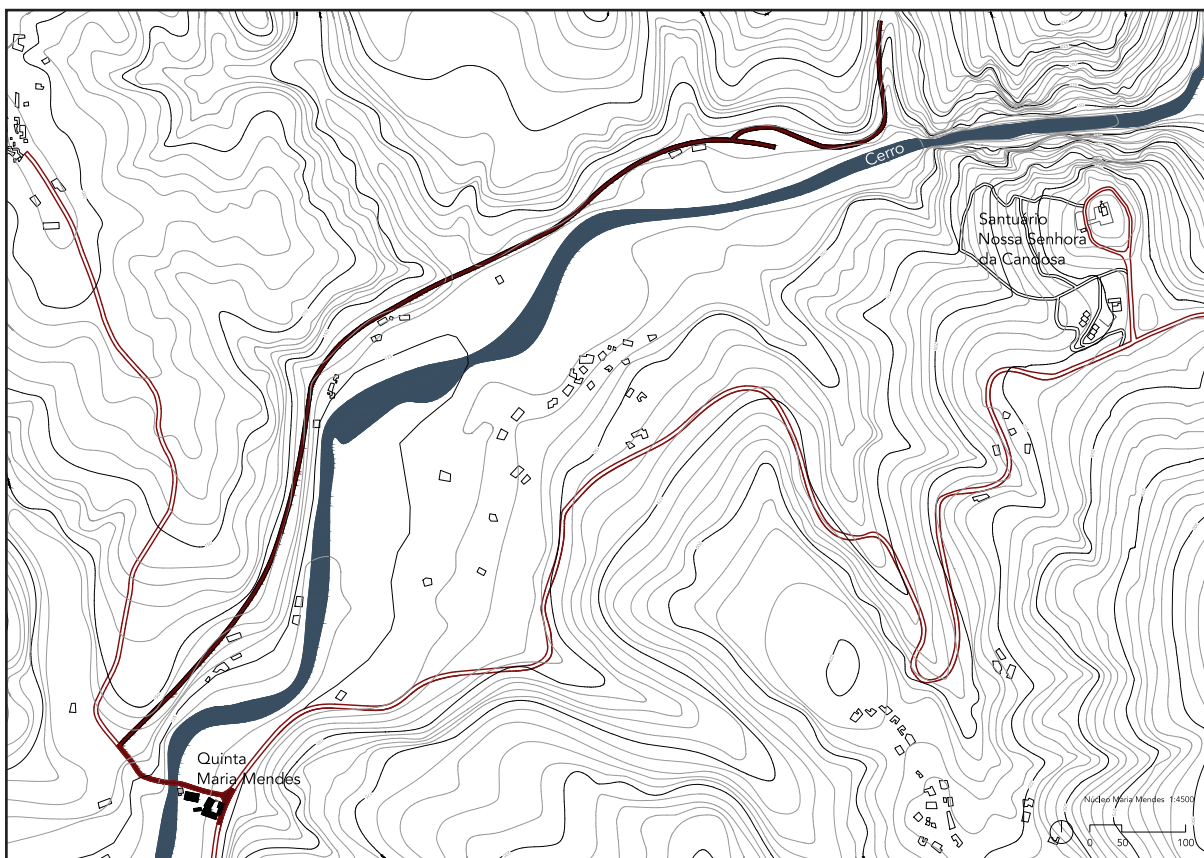


FIGURA 92 | NÚCLEO DE INTERVENÇÃO: MARIA MENDES

Enquadramento da intervenção no núcleo da Maria Mendes. Entenda-se a intervenção projectual propriamente dita, apesar de completamente focada e desenvolvida no complexo da Quinta da Maria Mendes, os propósitos do Roteiro evidenciam-se pelo digno lugar do Santuário da Nossa Senhora da Candosa, o grande estímulo para a visita e permanência no núcleo.

IMAGEM: Cartografia à escala 1:2500, elaborada por Mariana Brás

### 9.3.2 | MARIA MENDES

No núcleo da Maria Mendes, tal como abordado antes, pretende-se criar relações de aproximação aos lugares, tanto pela vertente paisagística e dos marcos humanos no território, como pela actividade agrícola e de produção. Nesta lógica, as intervenções são propostas para zonas diferentes, mas interligadas entre si: o Santuário da Nossa Senhora da Candosa, em ligação com o cerro, e a Quinta da Maria Mendes.

O Santuário é facilmente acedido pela estrada nacional, e estão presentes a Igreja da Nossa Senhora da Candosa, uma zona de romaria e festas populares, e um pequeno coreto. Em torno do santuário, é possível desfrutar de vários pontos de vista sobre a paisagem, tanto para Vila Nova do Ceira, como para os montes e vales que o rio Ceira vai desenhando. A partir da plataforma do santuário, é possível fazer a descida, por uma escadaria tosca, cravada do duro rochedo granítico, até ao miradouro, onde se pode contemplar o Cerro, o marco humano na paisagem – quase vertiginoso – que celebra o popular milagre da Nossa Senhora da Candosa, que originou a construção do santuário. No entanto, o entendimento deste marco é também possível – e mais directo até – pela zona fluvial junto do rio. Aqui a noção da escala da pegada humana é muito clara, pelo talhar bruto na rocha e pelo modo como o homem se adaptou à paisagem e aos seus obstáculos. Na zona fluvial, um tanto procurada por visitantes, pretende-se apenas melhorar as instalações sanitárias, apoiando a actividade balnear, e os acessos, facilitando a chegada das pessoas, bem como os seus – já habituais – automóveis. É importante reforçar que os acessos ao santuário e ao cerro não são os mesmo, funcionando de forma independente: um directamente pela estrada nacional, e outro



FIGURA 93 | ÁGUAS LÍMPIDAS



FIGURA 94 | DESCIDA

IMAGENS: Fotografias de Mariana Brás



FIGURA 95 | SANTUÁRIO E CERRO

Pretende-se criar uma maior aproximação ao marco humanizado, bem como à lenda do milagre que esteve na base da construção do complexo do Santuário da Nossa Senhora da Candosa.

IMAGEM: fotografia tirada a partir da aplicação *Google Maps*

pelo caminho secundário e mais longo, e em fracas condições de circulação. Por isso, para a visita junto da zona balnear do Cerro, é necessário fazer o percurso nesse caminho, passando necessariamente pelo complexo da Quinta da Maria Mendes.

A referida quinta, situa-se à margem do rio Ceira, pelo estratégico aproveitamento para as áreas de cultivo e de produção. É constituída por sete edifícios, tipologicamente diferentes, mas, através de alguns elementos construtivos, foi possível deduzir que se trata de um complexo dos finais do século XIX, pelo normal atraso da adopção de estilos arquitectónicos, em especial em zonas rurais. Pela perspectiva de investimento e promoção do desenvolvimento económico nas actividades tradicionais, pretende-se manter o carácter produtivo do complexo da quinta, garantindo as condições necessárias as actividades, bem como criar alojamento temporário e permanentes, para diversos cenários de apropriação ou visita do lugar.

Na estratégia de intervenção, entendeu-se o complexo em três zonas: a zona laboral ou industrial, constituída pelo maior edifício, de traços industriais modestos e que, claramente, é posterior ao restante complexo edificado; a zona comunitária, que contém o principal núcleo de edifícios, adjacentes em si e com um pátio interior; e a zona frente rio, constituída por um pequeno casebre e os terrenos de cultivo.

Na zona industrial, é proposta a recuperação do edifício central, no programa de produção de queijo e mel – produtos mais comuns e afamados na região -, com o intuito de criar novos postos de trabalho, ao mesmo tempo que se divulga a produção tradicional, aproveitando sempre as estruturas já existentes. No ponto de





FIGURA 96 | LAYERS



FIGURA 97 | ESCALAS

IMAGENS: Fotografias de Mariana Brás



FIGURA 98 | QUINTA MARIA MENDES

Com o objectivo de manter vivas as actividades tradicionais e desenvolver a economia local, directamente ligada às práticas agrícolas, pretende-se que a Quinta da Maria Mendes mantenha o seu carácter de produção, criando estruturas para o fabrico e comercialização de queijo e mel, bem como alojamento a trabalhadores e visitantes do santuário.

IMAGENS: Desenhos à escala 1:200, elaborada por Mariana Brás



vista construtivo, o edifício, tendo sido toscamente desenhado e erigido – muito na base da construção rápida e pouco cuidada – apresenta tipologias de vãos e alçados muito pouco interessantes, pretendendo-se assim o seu redesenho, mantendo a sua estrutura e composição, conferindo-lhe alguma contemporaneidade que permita, também por razões técnicas e operativas, melhores condições laborais. Estão garantidas à partida as infraestruturas necessárias à construção deste tipo de programas – electricidade, rede de esgotos e águas -, tendo sempre em atenção as especificidades deste tipo de pequena indústria, em prole da preservação dos elementos naturais e paisagísticos do lugar, como o Ceira.

Na zona comunitária, são propostos os programas de alojamento e de trabalho empresarial, operando em todos os edifícios do conjunto referido. Em primeiro lugar, pretende-se reaproveitar um dos edifícios para a componente de escritório e trabalho empresarial, ligado à indústria dos produtos na região, criando espaços de recepção ao público para a sua comercialização. Em segundo, uma vez que se pretende criar oportunidade para a formação profissional nestas áreas, pretende-se garantir o alojamento dos trabalhadores do complexo, em especial estudantes ou jovens profissionais. Em terceiro lugar, com o objectivo de promover estes lugares, e associada à actividade turística na zona, tanto pelas actividades na natureza, pelo lazer ou mesmo pelas peregrinações aos diversos lugares sagrados – nomeadamente o santuário da Nossa Senhora da Candosa -, propõe-se, num dos edifícios, o programa de albergue turístico, que dê resposta à procura e visita desta zona, e que ao mesmo tempo promova a aproximação com as populações e actividades tradicionais, dando espaço à partilha de experiência e saberes. Além do albergue, redesenha-se também a pequena



FIGURA 99 | QUINTA MARIA MENDES

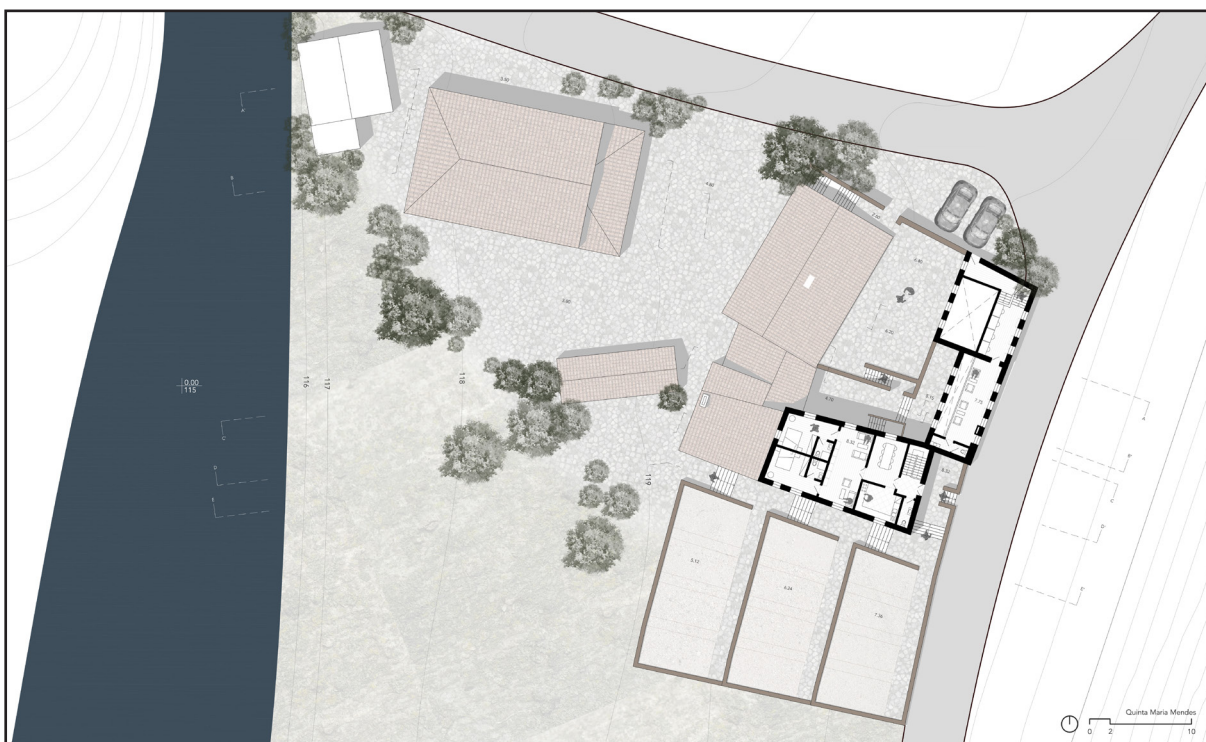


FIGURA 100 | QUINTA MARIA MENDES

IMAGENS: Desenhos à escala 1:200, elaborada por Mariana Brás

habitação – a única que aparenta estar em utilização – para acolher o(s) responsável(eis) pela Quinta - os chamados *mordomos* -, que faria(m) toda a gestão de visitas na zona.

Por último, na zona ribeirinha, pretende-se dar continuidade ao aproveitamento das áreas de cultivo. No entanto, considera-se que o casebre, por estar mais afastado do restante complexo, e separado por uma ribeira que lhe confere bastante privacidade, não representa uma grande mais valia para recuperação, assumindo-se como o edifício a ser recuperado, *a posteriori*, caso se justifique.

No que respeita à linguagem arquitectónica, num contexto genérico, manter-se-á a traça existente, com excepção de alguns vãos que, por não conferirem as condições necessárias, ou por representarem pouco riqueza construtiva, serão redesenhados.

É, no entanto, importante referir que a totalidade das intervenções propostas para a Quinta da Maria Mendes é desenhada com base no levantamento que foi possível realizar. Por um lado, tratando-se de edifícios maioritariamente abandonados e em algumas condições pouco seguras, não foi possível obter informação sobre as suas tipologias, nomeadamente no interior. Por outro, também não foi possível o acesso a este tipo de informação, por parte das instituições responsáveis pela administração dos lugares e do território.

Assim, entenda-se que a proposta não representa uma intervenção de ideologias *fachadistas*, mas antes baseada em tudo aquilo que foi possível entender, através dos levantamentos *in situ*, de fotografias e de deduções – por exemplo, no caso de chaminés e de vãos – de determinados espaços interiores.

As intervenções propostas, desde o desenho do Roteiro, à escolha dos núcleos e dos respectivos programas, não seriam possíveis sem

o entendimento do valor dos lugares. Entre conversas com os locais, partilha de testemunhos, as opções arquitectónicas são intenções desenhadas, não de forma *leviana*, mas com o reconhecimento das preocupações e valências culturais que conferem ao processo uma carga emocional e de responsabilidade que, por um lado deve ser o ponto de partida para qualquer intervenção, e por outro, o meio para transmitir o valor da paisagem, do património cultural e das gentes.

Para o arquitecto é essencial viver os lugares, saber ouvir e falar com os seus habitantes, compreendendo e adquirindo conhecimento no local, sobre as suas valências.

## UM ROTEIRO PARA A SERRA BEIRÃ

Novos traçados e reabilitação dinamizadores de uma região





## CONCLUSÃO

O reconhecimento do contexto rural como cenário de intervenção foi sem dúvida parte importante na motivação para este trabalho, sendo que se procurou despertar para muitas inquietações que se levantam sobre Portugal rural, a paisagem cultural e o património arquitectónico. Pela valorização destes lugares rurais, mas tão identitários, tornou-se claro que será necessário abrir portas para este tipo de intervenção, porque, se é um facto que o território rural se apresenta cada vez mais descaracterizado e abandonado, também é verdade que é responsabilidade *nossa* – habitantes do presente tempo – inverter essa tendência e promover a *estima* pelos lugares e pelas *gentes* que definem e caracterizam a nossa cultura.

As fundamentações teóricas, à luz dos temas e das inquietações, promoveram o espírito crítico, sobre um olhar há muito emotivo, permitindo assim delinear os princípios interventivos de um projecto desta natureza e desta escala. Neste processo, a materialização do projecto arquitectónico assume-se, entre uma enorme variedade de soluções, numa intenção de descoberta e promoção destes lugares, promovendo a relação com a paisagem humanizada e o contacto com as populações, cuja vivência e histórias constituem a sua memória.

Neste sentido, o *Roteiro do Ceira* é entendido como um novo traçado dinamizador, à escala regional, e promotor da entidade cultural, e cujas intervenções mais específicas reflectem a intenção de um novo olhar para o contexto rural, ao mesmo tempo que activam e dão vida ao percurso desenhado.

Foram desenhados os projectos para os dois núcleos escolhidos – Cabreira e Maria Mendes -, à luz da estratégia pretendida para o roteiro. Nestes lugares de eleição, as intervenções permitem novas formas de reconhecimento do território, oferecendo momentos de passagem e permanência, constituindo o palco para a aproximação entre os visitantes e os habitantes, nunca sobrepondo

os interesses dos primeiros aos dos segundos. À luz do equilíbrio entre as boas práticas da reabilitação e o toque contemporâneo das intervenções, foi possível o desenho informado e consciente que continua a conferir o significado aos lugares, bem como a sua história e da sua gente.

Assim, considerando que as propostas apresentadas respondem às inquietações iniciais, pretende-se que este trabalho seja também um ponto de partida para valorização e promoção do Portugal rural, não só como problemáticas correntes da população em geral, mas também como cenário a novos debates e exercícios das escolas da Arquitectura.

## UM ROTEIRO PARA A SERRA BEIRÃ

Novos traçados e reabilitação dinamizadores de uma região





## BIBLIOGRAFIA

### 1 | BIBLIOGRAFIA GERAL

AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. 1988

AAVV - *Guia Turístico de Portugal de A a Z*. Lisboa: D. Quixote. 1990

AGUIAR, José; CABRITA, A; APPLETON, João - *Guia de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais, Volume I*. Lisboa: LNEC. 2002

ALVES COSTA, Alexandre – *A arte de construir a transformação*. Património Estudos nº 3 2002 IPPAR – Departamento de Estudos.

ALVES COSTA, Alexandre – *Ciclo de Debates: Património e turismo, desenvolvimento e turismo*. Livro de Actas. Instituto de Financiamento e apoio ao Turismo. 2002

ALVES COSTA, Alexandre - *Identidade Nacional e Património Construído - Arquitectura, Cidade e Território*. Comunicação efectuada a 18 de Abril de 2009, no Auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, no Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, sob o tema geral *O Património como Oportunidade e Desígnio*.

APPLETON, João - *Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e Tecnologias de Intervenção*. 2ª Ed. Lisboa: Edições Orion. 2011

AZEVEDO, Mariana Alexandra Carneiro - *Arquitectura contemporânea nos sítios arqueológicos*. Tese de Mestrado. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 2008

BELO, Duarte - *Portugal - Olhares sobre o Património*. Lisboa: Temas e Debates. 2008

BELO, Duarte - *Portugal - Luz e Sombra, O País depois de Orlando Ribeiro*. Lisboa: Temas e Debates. 2012

BOTTON, Alain - *A Arte de Viajar*. Lisboa: Dom Quixote, 3ª ed. 2008

CALADO, Maria – *A cultura arquitectónica em Portugal (1880-1920). Tradição e inovação: percurso e obra dos principais intervenientes*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. 2003

CALVETE, Mariana – *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa. 2013

CARVALHO, Paulo; CORREIA, Juliana - *Turismo, património(s) e desenvolvimento rural: a percepção local da mudança*. VII Colóquio Ibérico de Estudos Rurais. Coimbra, 2008. Disponível em [http://sper.pt/oldsite/actas7cier/PFD/Tema%20II/2\\_17.pdf](http://sper.pt/oldsite/actas7cier/PFD/Tema%20II/2_17.pdf), consultado a 19 de Janeiro de 2015

CHOAY, Françoise - *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2000

CHOAY, Françoise - *Património e Mundialização*. 2ª Ed Lisboa: Editora Licorne, 2005

CORREIA, Virgílio - *Excursões no Centro de Portugal*. Barcelos: Companhia Editora Minho. 1940

CORTESÃO, Jaime – *Portugal, a Terra e o Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1966

CORTESÃO, Jaime - *As Beiras*. Comissão de Coordenação da Região Centro. 1994

DEVEREUX, Paul - *Lines on the Landscape: Leys and other Linear Enigmas*. Londres, 1989

DEVEREUX, Paul - *Places of Power*. Londres, 1999

DEVEREUX, Paul - *Symbolic Landscapes*. Londres, 1992

DOMINGUES, Álvaro - *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne Editora. 2009

DOMINGUES, Álvaro – *Paisagens Rurais em Portugal: algumas razões de polémica*. Geografia

série I, Volume XIX, p.111-117. Porto. 2003. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/329.pdf>, consultado em 11 de Janeiro de 2015

DOMINGUES, Álvaro - *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. 2011

FIGUEIREDO, Elisabete; VALENTE, Sandra - *Habitantes e Visitantes - Uma "luta" inevitável*. V Colóquio Hispano-Português de estudos rurais. Bragança, 2003. Disponível em <http://sper.pt/oldsite/VCHER/Pdfs/SandraValente.pdf> - consultado a 11 de Janeiro de 2015

FIGUEIREDO, Elisabete - *Um rural para viver, outro para visitar - os ambientes nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais*. Tese de Doutoramento em Ciências Aplicadas ao Ambiente, Departamento de Ambiente e Ordenamento, Universidade de Aveiro. 2003. Disponível em: <http://biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2009000062>, consultado a 12 de Janeiro de 2015

FRAMPTON, Kenneth – Álvaro Siza. *Esquissos de Viagem*. Documentos de Arquitectura. Porto: 1988

GARRET, Almeida - *Viagens na minha terra*. Lisboa: Verbo. 2006

GOMES, Paulo Varela - *Ouro e Cinza*. Lisboa: Tinta da China. 2014

ICOMOS - *The International Charter for the Conservation and Restoration of Monuments and Sites - Charte Internationale sur la Conservation et la Restoration des Monuments and Sites - Carta Internacional sobre la Conservación y la Restauración de los Monumentos y los sítios*. Venice 1964

ICOMOS - *Carta Internacional Sobre Turismo Cultural*. México. 1999

ICOMOS - *Carta dos Itinerários Culturais*. Québec: 4 de Outubro de 2008

LOPES, Inês Margarida Oliveira - *Intervenção numa aldeia numa perspectiva de Reconversão. Reabilitação rural*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. 2012

LANGÉ, Santino - *L'Heritage Roman. La maison en Pierre d'Europe Occidentale*. Liège: Pierre

Margada. 1992

MARQUES, Gentil - *Lendas de Portugal. Lendas dos nomes das terras*. Lisboa, 1999

MARTINS, Nuno – *Reabilitação de Edifícios para Turismo Rural. Estudo de Casos de Sucesso*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. 2010. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57590>, consultado a 10 de Janeiro de 2015

MATTOSO, José - *A Identidade Nacional*. Lisboa. Gradiva. 1998

MATTOSO, José; DAVEAY, Suzanne; BELO, Duarte - *Portugal. O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Temas e Debates. 2010

MICHELL, John - *The Earth Spirit*. Londres, 1975

NASJONALE TURISTVEGAR – *Detour, Architecture and Design along 18 National Tourist Routes in Norway*. Interstate. 2010

NUNES, Manuel, NUNES, Jorge - *Portugal. Por montes e vales*. Lisboa, 2003.

OLIVER, Paul - *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*. Volume 2. Iberian Peninsula. Cambridge University Press. 1997

PALLASMAA, Juhani - *The Eyes of The Skin. Architecture And the Senses*. Chichester: John Wiley and Sons Td. 2005

PEREIRA, Paulo – *Os Lugares de Passagem*. Património Estudos nº1 IPPAR p.6-16

PEREIRA, Paulo - *Património edificado. Pedras Angulares*. Lisboa: Aura. 2000

PEREIRA, Paulo - *Colecção Lugares Mágicos de Portugal*. Lisboa: Temas e Debates. 2009

RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. 1963

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann; DEVEAU, Suzanne - *Geografia de Portugal*. 4 Volumes. Lisboa: Edições João Sá da Costa. 1987-1991

SARAMAGO, José - *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho. 2009

SILVA, Luís – *A procura do turismo em espaço rural*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Social. 2007. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v11n1/v11n1a08.pdf> - consultado a 8 Janeiro de 2015

SIZA, Álvaro - *Textos - 01 textos*. Porto: Editora Civilização. 2009

TAVARES, Gonçalo M. - *Opúsculo 14, Arquitectura, Natureza e Amor*. Porto: Dafne Editora. 2008. Disponível em [http://www.dafne.com.pt/pdf\\_upload/opusculo\\_14.pdf](http://www.dafne.com.pt/pdf_upload/opusculo_14.pdf), consultado a 13 de Janeiro de 2015

TORGA, Miguel - *Portugal*. 3ª Ed Lisboa: Dom Quixote. 2010

ZUMTHOR, Peter - *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL. 2006



## 2 | BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA DA REGIÃO

AMARAL, João Ferreira do; AMARAL, Augusto Ferreira do - *Povos Antigos em Portugal*. Lisboa, 1997

BAHN, Paul G. - *Geoglyphs*. Londres, 1997

BORGES, Nelson Correia - *Coimbra e Região*. Lisboa, 1987

BOURA, Isabel - *Património e Mobilização das Comunidades Locais: Das Aldeias Históricas de Portugal aos contratos de Aldeias*. Guimarães: Universidade do Minho. 2004. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22943/2/isabelbourapatrimonio000092084.pdf> - consultado a 19 de Janeiro de 2015

CALADO, Maria – *Arquitecturas do Xisto*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. 2006

CCRC – *Programa das Aldeias Históricas de Portugal: Beira Interior*. Comissão de Coordenação da Região Centro. 1998

ESPÍRITO SANTO, Moisés - *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa, 1984

ESPÍRITO SANTO, Moisés - *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa. Ensaio sobre toponímia antiga*. Lisboa, 1988

ESPÍRITO SANTO, Moisés - *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*. Lisboa, 1989

FALHAS, Susana – *Aldeias Históricas de Portugal*. Guia Turístico. Mêda: Olho de Turista. 2010

MORAIS, Carlos Jorge Carvalho - *A Habitação no turismo de Natureza e Tradição. O projecto de reabilitação e revitalização da aldeia de Cidadelhe de Baixo, na modalidade de Turismo de Aldeia*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. 2013

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim - *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa. 1969

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa, 1984

PEREIRA, Paulo - *Colecção Lugares Mágicos de Portugal*. Lisboa: Temas e Debates. 2009

SILVA, Maura – *Aldeias de Xisto. Construção das imagens do Turismo*. Tese de Mestrado. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009

TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa; BELÉM, Margarida da Cunha - *Diálogos de Edificação: técnicas tradicionais de restauro*. Porto: Centro Regional de Arte Tradicional

VARIOS AUTORES – *Aldeias de Xisto, A descoberta começa aqui*. Coimbra: Foge Comigo! 2013.

### 3 | BIBLIOGRAFIA DIGITAL

Aldeias Históricas de Portugal | <http://www.aldeiahistoricasdeportugal.com>

Aldeias de Xisto | <http://aldeiasdoxisto.pt>

ICOMOS | [www.icomos.org](http://www.icomos.org)

Loural Village | <http://louralvillage.com>

Município de Arganil | <http://www.cm-arganil.pt/>

Município de Góis | <http://www.cm-gois.pt/>

Município da Lousã | <http://www.cm-lousa.pt/>

SIPA – Sistema de Informação para Património Arquitectónico | <http://www.monumentos.pt>

Sítio Oficial Orlando ribeiro | <http://www.orlando-ribeiro.info/home.htm>

Turismo de Portugal | <http://www.turismodeportugal.pt/>

UNESCO | <http://www.unesco.org>

## UM ROTEIRO PARA A SERRA BEIRÃ

Novos traçados e reabilitação dinamizadores de uma região





## ANEXOS

Os anexos que se seguem foram elaborados ao longo do trabalho e representam todo o processo e documentação adquirida. Por serem parte complementar ao trabalho final, estes anexos não foram incluídos no texto principal, mas constituem elementos escritos e gráficos fundamentais ao projecto.

### ANEXO I - O ROTEIRO DO CEIRA

Viagens pela região da Serra Beirã. Apresentação dos lugares de destaque nas diversas etapas do roteiro, entre povoados de interesse enquanto arquitectura de conjunto, bem como locais de íntima relação com o rio Ceira ou de entendimento da componente paisagística do território.

### ANEXO II - DO MIRADOURO AO CERRO

Aproximação à etapa dos *médios lugares*. Análises dos diversos lugares e apresentação detalhada das intervenções nos núcleos da Cabreira e da Maria Mendes, às diversas escalas de projecto.

### ANEXO III - CAMINHOS DE SANTIAGO

Breve investigação e documentação sobre os Caminhos de Santiago. Análise da sua possível passagem pelo território da Serra Beirã.

### ANEXO IV - PROCESSO DE TRABALHO

Breve registo do processo de trabalho, como auxílio à compreensão das suas várias dimensões e etapas.